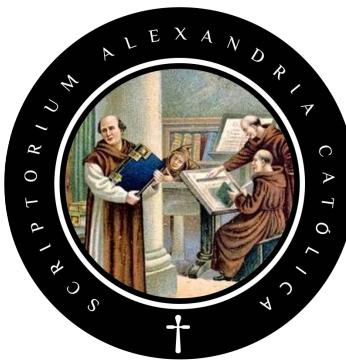


Pe. Luis Chiavarino

# Os Sorrisos de D. Bosco

VIDA ANEDÓTICA DE SÃO JOÃO BOSCO  
ÚNICA NO GÊNERO



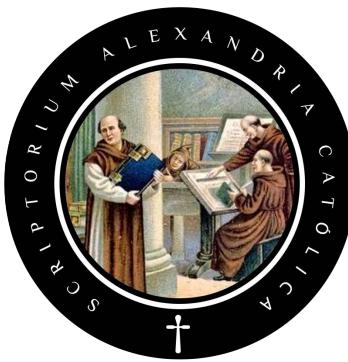
PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO  
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO  
1960

**P O D E - S E   R E I M P R I M I R**  
São Paulo, 8-9-1959

**Pe. João Roatta, Sup. prov.**  
da Pia Sociedade de São Paulo

**R E I M P R I M A - S E**  
São Paulo, 12-9-1959

**Mons. Lafayette**  
(Delegado da S. Emcia.)



**Direitos reservados à Pia Sociedade de São Paulo  
Praça da Sé, 184 - Caixa Postal 8107 - SÃO PAULO**

**1960**

Talvez homem algum no mundo tenha tido uma vida tão cheia de peripécias desde a infância e foi protagonista de tantos episódios leves e divertidos como D. Bosco.

E talvez, santo nenhum tenha sido ator e autor de milagres tão numerosos e tão variados no gênero como os que ele operou.

Por essa razão, a sua vida toda pode ser contada e descrita como uma seqüência de fatos, histórias, peripécias estratégicas e episódios agradáveis. É como eu senti e intrepretei essa vida que escrevi neste livro que publiquei com satisfação e que vos apresento agora para vos divertir e comover, para vos encher de admiração e devoção por aquêle que encheu de si todo o universo com seus métodos e sistemas, suas obras, seus feitos maravilhosos e seus milagres.

Procurei não seguir senão o curso dos episódios que podem divertir. E, como mesmo rindo se aprende, lendo e relendo estas aventuras brejeiras e agradáveis, compreendereis melhor este santo, absolutamente raro e diferente: sentireis vontade de amá-lo e de juntar-vos aos conservadores e sustentadores de suas obras.

Tendo vivido durante anos ao lado do Santo, assi-

tido à sua morte e aos seus imponentes funerais e tendo lido tôdas as biografias até agora publicadas sobre êle e os seus Salesianos, posso afirmar que todo e qualquer fato narrado neste livro é autêntico e aprovado.

Muitos outros há que escreveram sobre D. Bosco de cem maneiras diferentes, e todos lhe teceram os mais pomposos elogios. Com êles e entre êles estarei eu. Contarei seus feitos cômicos e amenos. Lede-os e ride junto com o nosso Santo, enquanto que eu ficarei sossegado e quieto, apreciando de longe.

*Pe. Luis Chiavarino*

## **ELE PRÓPRIO RIA POR TÉR SIDO UM TANTO AGASTADO**

Um dia — isso quando tinha quatro ou cinco anos — ardendo de sede, o pequeno entrou em casa junto com o irmão José e pediu água. A mãe, tirando a água do poço, deu-a antes a José, o mais velho. Joãozinho, suportando mal tal, mostra de preferência, recusou quando chegou a sua vez, com um gesto de quem já não queria beber.

Sem uma palavra, a mãe pôs a água no jarro. Joãozinho ficou algum tempo em silêncio, e depois exclamou timidamente:

- Mamãe!...
- O que é?
- Eu também quero água.
- Eu pensei que você não estivesse com sede.
- Perdoe-me, mamãe! balbuciou Joãozinho que rindo se lhe atirou aos braços.

## **CABEÇA RACHADA**

O pequeno João, isto é: — D. Bosco em criança — desde a idade de quatro ou cinco anos já era gran-

de apreciador de divertimentos. O seu brinquedo preferido era o jôgo de "gala", que consistia em rebater com um bastãozinho uma bola de madeira atirada pelo adversário. Porém, mais de uma vez, a bola, impelida por mãos inábeis ou imprudentes, atingia-o na testa ou no rosto. Sentindo-se ferido, o garoto corria logo para junto da mãe, que vendo-o magoado e ensanguentado o repreendia assim:

— Por que é que você anda sempre com êsses meninos? Não vê que êles são malvados?

— Mas eu ando com êles justamente por isso. Diante de mim comportam-se melhor e não dizem palavras feias.

— Mas no entanto você volta para casa com a cabeça rachada!

— Isso acontece... foi um desastre...

— Está bem... mas não fique mais na companhia dêles.

— Mamãe!...

— Você ouviu o que eu disse?

— Para satisfazê-la não os verei mais; mas pense nisso: quando estou com êles quem manda sou eu; só fazem o que eu quero e não há rixas nem conversas más.

A mãe ficou um tanto perplexa, mas quase com medo de impedir uma boa ação. Hesitou alguns momentos e depois permitiu que êle voltasse para brincar com os meninos.

Joãozinho parece que pressentia desde aquêle tempo a nobre e grande missão que havia de cumprir em prol dos jovens. Todo satisfeito e risonho apesar da cabeça enfaixada, êle corria para continuar o jôgo inter-



rompido. Era ansiosamente esperado e aclamado por todos, graças à sua alegria ingênua e suas saídas espirituosas. Assim que chegava gritava para os amigos em tom de brincadeira:

— Por favor, poupe-me a cabeça! pelo menos a cabeça!...

### O POTE DE AZEITE

Joãozinho estava mais crescido: tinha quase oito anos.

Um dia, na ausência da mãe que tinha ido à cidade vizinha, ele teve a lembrança de pegar um objeto que estava em cima de um armário alto. Arrastou uma cadeira, mas quando trepava, esbarrou por acaso num vaso cheio de azeite, que caiu ao chão espalhando-se. Atrapalhado e aflito, o coitado procurou remediar o desastre, varrendo o azeite. Mas, percebendo que não seria capaz de fazer com que a travessura passasse desapercebida à mãe, pensou em diminuir pelo menos o seu desgosto e — dito aqui entre nós — evitar também o castigo.

Cortou uma vara comprida da cerca vizinha. Limpou-a direitinho, enfeitou-a com frisos e, quando a mãe voltou, correu ao seu encontro, cumprimentando-a amorosamente.

— Como vai, mamãe?... fez boa viagem?

— Fiz, Joãozinho; e você como vai? está sempre bem comportado e alegre?

— Oh! mamãe, tome.

E deu-lhe a vara.



— Oh! você já fêz alguma das suas?

— Fiz, mamãe... e desta vez mereço ser castigado.

— O que foi que aconteceu?!

— Por azar eu quebrei o pote de azeite... trouxe-lhe logo a vara para poupar-lhe o incômodo de ir buscá-la.

Contou o fato com tanta simplicidade e com um sorriso tão ingênuo, sempre oferecendo a vara, que a mãe adivinhou a sua inocência e riu com ele da sua tão divertida astúcia.

### A VARA DE MARMELO

Certa ocasião, levado pelo seu temperamento vivo e travesso, ele fizera algumas travessuras próprias da idade. A mãe chamou-o e, indicando uma vara que estava a um canto, lhe disse:

— Joãozinho, você está vendo aquela vara?

— Estou, sim... respondeu Joãozinho amedrontado.

— Vá buscá-la e traga-ma aqui.

— O que é que a senhora quer fazer com ela?

— Traga-ma e verá.

Joãozinho foi buscar a vara e a entregou dizendo:

— Ah! A senhora quer usá-la nas minhas costas!

— E por que não, se você brinca dessa maneira?

— Pois bem, mamãe; não brincarei mais assim.

Atirando-se-lhe ao pescoço, pediu-lhe perdão, e ela ria do arrependimento do filho, vencida pelas suas carícias.

## OS ESPÍRITOS

João Bosco era um menino corajoso e intrépido. Certa ocasião em casa dos avós maternos ouviu falar de espíritos. De vez em quando ouviam-se, naquele casa, ruidos mais ou menos duradouros, mas sempre estranhos e amedrontadores, que vinham do sótão.

João ria-se de tais loucuras e esforçava-se para explicar que o barulho provinha certamente de causas naturais; mas ninguém acreditava, pelo contrário zombavam dele.

Eis porém que certa noite, no melhor do serão, ouve-se um barulho no sótão, como se uma cesta de madeira tivesse virado; depois um ruído surdo e lento que vai de um lado para outro do quarto.

Todos estremecem... tomados de susto.

— O que será?!

— O que será?!

— Os espíritos, os espíritos!...

E fogem todos; só Joãozinho grita cheio de coragem:

— Quero ver o que há... tragam uma lanterna.

Alguns param, pegam lanternas e o seguem pela escada de madeira que conduz ao sótão.

João empurra a porta, entra, e suspendendo a luz inspeciona o quarto. Não há ninguém ali: tudo é silêncio. Pouco a pouco os presentes aproximam-se: alguns entram, mas logo dão um grito e fogem precipitadamente.

Um balaio que estava a um canto, põe-se a andar

sózinho e avança lentamente. Ao som dos gritos estaca para pôr-se em movimento logo após. Chega até aos pés de Joãozinho que, em lugar de fugir, reanima aos outros e dá alguns passos para dentro do aposento. Pousando a lanterna sobre uma cadeira velha, ele se abaixa para agarrar o cesto.

— Deixe! deixe!... gritam os outros em côro.

Mas ele não lhes presta atenção e, corajosamente, ergue o balaio.

Foi uma gargalhada gostosa!... Debaixo do cesto havia uma galinha que a patroa pusera lá em cima para chocar e de cuja existência ninguém mais se lembrava.

No balaio, pendurado à parede, havia alguns grãos de trigo e a galinha, esfomeada tentara alcançá-los; mas o cesto, caindo por cima dela, a tinha aprisionado e a pobre, muito assustada, andava de um lado para outro sem conseguir libertar-se.

As conversas — cujo assunto preferido eram espíritos, magias, feitiçarias e bruxas — o silêncio e a escuridão da noite, o teto de táboas e sobretudo o medo tinham tornado os ruidos formidáveis aos ouvidos dos outros. O incrédulo Joãozinho foi o único que lhes deu o justo valor, merecendo os aplausos de todos que depois riram com ele do medo que tinham tido.

#### O MEROISSIMO DE SUA MÃE

Uma pessoa que morava perto de Becchi, povoação natal de D. Bosco, tinha recebido em sua casa um forasteiro.

Todo o mundo comentava o caso; mas, como sempre, ninguém ousava pôr termo ao escândalo, que era certo.

Margarida, a mãe de D. Bosco, encarregou-se disso.

Um belo dia dirigiu-se para a casa da tal pessoa, acompanhada pelo filho. Chegando lá, bateu à porta e chamou pelo nome:

— Marta!... Marta!...

Passaram-se alguns minutos; por fim ela apareceu no vão da porta que conservou entreaberta e começou a dizer, muito atrapalhada:

— É você, Margarida?!... que bons ventos a trazem? .

— Sim, Marta, sou eu. Posso falar-lhe um instante?

— A vontade.

— Então você é Marta, a filha do homem santo que foi seu pai?

— Justamente!

— E você é cristã?

— Que pergunta!

— Vai à Igreja? Comunga pela Páscoa?

— Qual é o fim desse interrogatório?

— Pois bem, você quer que eu, sua amiga, a condene ao inferno?

Marta, que não precisava de melhor explicação para entender do que se tratava, balbuciou corando:

— Você bem sabe como a minha situação é triste!

— A sua obrigação é não dar escândalo e evitar o inferno!

— Não sei o que fazer.

— Se você não sabe, eu sei!

E, aproximando-se da porta, escancarou-a, gritando:

— Fora daqui, escravo do demônio!... Fora daqui, assassino de almas!

Enquanto isso, as pessoas da vizinhança aglomeravam-se em frente à casa e começavam a vociferar. Em vista disso o patife, cujo desejo era estar bem longe dali nessa hora, procurando uma saída, fugiu precipitadamente tropeçando e descambando pelos declives abaixo.

Depois desse dia, ninguém mais o viu nas redondezas.

Enquanto todos felicitavam Margarida, Joãozinho ria galhardamente. Estaria ele rindo, satisfeito com a coragem da mãe, ou divertido com a fuga precipitada, audaz e ao mesmo tempo cômica do desastrado?

## PÃO PRETO E BOM CORAÇÃO

João Bosco era pastor e tinha por companheiro um menino chamado Segundo Matta, empregadinho de um sítio da vizinhança.

Segundo costumava levar para o lanche um pedaço de pão preto, ao passo que Joãozinho recebia de sua mãe um pão muito branco. Muitas vezes dizia ele ao amigo:

— Você quer fazer-me um favor?

— Quer trocar o seu pão pelo meu?



- Com muito gôsto, respondia Segundo.
- Por que?
- Deve ser mais gostoso, ou pelo menos me agrada mais.

Segundo, pensando na sua simplicidade, que Joãozinho achava o seu pão realmente mais saboroso, aceitava logo.

A coisa continuou durante duas primaveras seguidas se bem que o pão preto e duro de Segundo estivesse longe de ser uma gulozeima.

Mais tarde quando Matta, já homem feito, compreendeu o fato, lembrava-o freqüentemente a D. Bosco e os dois riam da brincadeira.

### JOÃO CAIU DA ÁRVORE

João tinha uma habilidade extraordinária para trepar em árvores, por mais altas que fôssem. Certo dia, subiu num carvalho para agarrar uma ninhada de passarinhos.

Num abrir e fechar de olhos alcançou o tópo da árvore mas restava ainda chegar até à ninhada, situada na ponta de um galho comprido que se dobrava facilmente sob o seu peso.

João não desanimou por tão pouco. Devagarinho, com muito cuidado, alcançou o ninho. Apoderou-se de todos os filhotes, um por um. Até aqui as coisas tinham corrido bem; mas o problema era voltar para o tronco. De fato, de repente ele es-corregou-se ao galho com as mãos. A posição era bastante critica. Joãozinho teve a intuição disso e.

depois de desesperadas tentativas para alcançar o tronco, deixou-se cair com tôda a cautela e destreza possíveis para cair a prumo, na ponta dos pés e ressaltar para a frente.

A acrobacia deu ótimo resultado, o que não impediu porém que ele se lembresse do tombo durante muito tempo.

Cada vez que contava essa aventura ele ria do susto pelo qual passara.

### QUERIA SER PADRE A TODO CUSTO

Muito estudioso e aplicado, desde os tempos de criança, Joãozinho recusava-se, não raro, a tomar parte nos folguedos dos companheiros. Um belo dia os meninos acabaram ficando melindrados e passaram das palavras às pancadas.

Em lugar de se defender e reagir, João disse-lhes:

— Surrem-me à vontade, mas não será por isso que eu deixarei de ser padre algum dia.

— Oh! olhem o Reverendo, olhem o Reverendo... puseram-se a gritar os moleques em tom de troça.

João, em tom de quem emite uma profecia, continuou:

— Sim, hei de ser padre e vocês irão se confessar comigo!

Tais palavras e sobretudo a firmeza com que foram ditas bastaram para impressioná-los e comovê-los. Daquele dia em diante, quando o apanhavam lendo ou rezando, não o aborreciam mais, mas espe-

ravam que êle terminasse; só então corriam para êle cheios de jubilo para gozar da sua amável companhia. Ele então os divertia contando-lhes casos leves e engraçados do seu rico e variado repertório e ensinava-os a cantar belos louvores e canções honestas.

Muitos anos depois, quando a profecia se realizou e êle se tornou sacerdote, todos iam se confessar com o antigo companheiro, seja em Becchi, em Castelnuovo ou em Turim. Riam então, de bom grado, relembrando com êle as travessuras da mocidade.

### JOÃO APRENDEU A ARTE DE SER CHARLATÃO

Freqüentando feiras e circos com sua mãe, Joãozinho, tinha muitas vêzes observado que o povo costumava extasiar-se diante das proezas de qualquer embusteiro prestidigitador.

Essa descoberta foi para êle uma revelação: apareceu-lhe como um meio fácil de atrair e prender a atenção dos outrós. Sem demora, pediu licença à mãe para pôr em prática o seu projeto que consistia em aprender as proezas dos charlatães.

Desde então, começou a prestar tanta atenção às mágicas, que chegou a surpreender todos os gestos, a descobrir tôdas as astúcias e a perceber a destreza necessária para executá-las.

Voltando para casa, repetia todos os jogos que tinha visto e exercitava até conseguir fazê-los perfeitamente.



É fácil imaginar os choques, os tombos, os trambolhões aos quais se sujeitava quando queria imitar os artistas e dançar sobre a corda, dar saltos mortais, e andar de mãos no chão e pernas para o ar. Porém, com constância e com a agilidade que possuia, logo o conseguia; tornou-se assim habilíssimo em toda a espécie de jogos, ginásticas e mágicas. Depois de suficientemente adestrado, começou a dar espetáculos, de preferência aos domingos.

Ia para um prado e lá amarrava uma corda ao tronco de duas árvores; depois, preparava uma mesinha, arrumava uma cadeira e estendia na relva o tapete destinado a servir para os saltos mortais.

Todos corriam para vê-lo, ansiosos e cheios de curiosidade.

Quando tudo estava pronto e o povo reunido na expectativa da grande novidade, ele fazia recitar o térço e cantar um hino de louvor; depois, trepado na cadeira, repetia o sermão que ouvira de manhã na Missa, enfeitando-o com fatos e exemplos instrutivos. Se, porventura, algum dos presentes desse mostras de descontentamento, João impertigado na cadeira como um rei no seu trono, forçava o rebelde à obediência, com gestos resolutos. Só depois disso é que dava inicio ao espetáculo. Dar saltos mortais, andar de mãos no chão e pernas para o ar, engulir moedas para ir buscá-las no nariz de algum espectador, multiplicar bolinhas e ovos, transformar água em vinho, matar um frango e fazê-lo ressuscitar, eram para ele coisas simplicíssimas, de todo dia. Andava pela corda tão bem como por um caminho, pulando e dançando; pendurava-se a ela ora por um pé, ora pelos dois.

muitas vêzes por ambas as mãos, outras por uma só. Pulava depois novamente para cima da corda, com agilidade surpreendente, acompanhando os exercícios com saídas espirituosas, anedotas e brincadeiras agradabilíssimas.

Todos o admiravam extasiados, riam a mais não poder e aplaudiam o artista com vivas entusiastas.

E élle, esbaforido e sem fôlego, interrompia de vez em quando o espetáculo, ocupando os interessados com um canto de louvor ou com qualquer conselho sábio.

Uma única pessoa fazia-se de desentendido e de sabichão. Era seu irmão Antônio que caçoava com élle, dizendo-lhe:

— Que grande bôbo você é!... por que é que se faz de ridículo diante dos outros?

Mas João suportava sem protestar os escárnios do irmão; pensando no bem que operava, ria das suas troças.

## INTERROMPE UM BAILE PÚBLICO

João andava pelos doze anos quando, justamente por ocasião de uma festa religiosa, organizaram um baile público em Muraldo, nas vizinhanças de Becchi.

Aproximava-se a hora das Vésperas, e o povo se aglomerava cada vez mais à porta do baile. Joãozinho conhecia a maioria das pessoas ali reunidas. Percebendo que com tais palavras nunca conseguiria fazê-los desistir da dança para ir à Igreja, come-

çou a cantar uma canção. Sua voz, linda e harmônica, atraiu a atenção; pouco a pouco, todos o cercaram e o seguiram como que encantados, até entrar com êle na capela.

Terminada a função, o baile recomeçou com maior frenesi, com mais ânimo do que nunca. João, pensando que, com o cair da noite, o perigo ainda seria maior, tornou a cantar. Cantou ainda melhor do que da primeira vez e ao som mágico da sua voz as danças cessaram mais uma vez. Todos se aproximaram para aplaudi-lo e ofereciam-lhe presentes; mas êle os recusava e continuava a cantar, variando sempre as canções.

Os organizadores do baile, que viam destruídos os seus planos lucrativos, ofereceram dinheiro para que êle parasse. Diante da sua recusa, ameaçaram-no de uma surra, mas êle, intrépido, respondeu:

— Ué!... que maneiras de falar são essas? Não serei por acaso livre de fazer, para o bem dos outros, o que os senhores fazem, com o risco de lhes causar mal? O seu dinheiro não me seduz e as suas ameaças não me amedrontam. Tenho aqui parentes e amigos; experimentem e verão! Desejo que o lugar onde nasci tenha sempre um nome honrado; e com isto estarei porventura desrespeitando-os?

Essas razões tão convincentes e apresentadas com tanta franqueza, acabaram vencendo até os mais fanáticos. Esses, em número pequeno, vendo-se diante de camponeses robustos e bronzeados, cada qual capaz, com as mãos calosas e pesadas, de esquartejar um boi, acharam que o melhor seria pôr-se ao fresco.

E foram-se todos, deixando Joāozinho com seus parentes e amigos rindo satisfeitos com a vitória.

## INDUSTRIA ESPECIAL

Para arranjar o necessário para tais diversões, era preciso, porém, gastar.

João, pobre mas habilíssimo, arranjava-se como sempre.

Era perito em apanhar pássaros: manejava o alçapão, o visgo e o laço com a mesma facilidade. Conhecedor perfeito das ninhadas, fazia boa colheita de passarinhos de toda a espécie, que sabia vender por bom preço.

Além disso, fazia chapéus de palha, balaios e cestos que levava ao mercado, juntamente com outros artigos de fabricação própria, como sejam: gaiolas de vime e taquara, espécies de alçapões, devidamente aparelhados para a caça.

Os cogumelos, as ervas aromáticas e de tinturaria eram para ele uma fonte de lucro, assim como as cobras que caçava.

Era perito na arte de fiar estôpa, algodão, linho e os fios dos bichos da seda. Era também capaz de fazer meias e blusas de tricô e tirava proveito de tudo isso.

A mãe observava as suas atividades com atenção, mas não o impedia, porque tinha a intuição do nobre escopo do seu Joāozinho, que, desde pequeno, já parecia talhado para realizar grandes coisas. Pe-

lo contrário, caçoava das suas inúmeras indústrias e o encorajava em tudo.

No ano de 1826 (o nosso Joãozinho tinha então onze anos) pregava-se uma Missão solene em Buttiglieri d'Asti, a cinco quilômetros de Becchi.

Grande era o número das pessoas das redondezas que acorriam atraídas pela fama dos pregadores. Não é preciso dizer que Joãozinho nunca faltava.

Certa noite, depois do sermão, veio de volta com o novo capelão de Murielado, D. Calosso, e uma comitiva de parentes e amigos.

Como é natural, o assunto das conversas versava de preferência sobre as práticas ouvidas e cada um expunha a impressão que tivera. A certa altura D. Calosso, olhando para o pequeno Bosco que caminhava a seu lado e que ainda não conhecia, perguntou:

— E você, pequeno, entende alguma coisa dos sermões que ouve? Se souber repetir duas palavras do que ouvimos há pouco, eu lhe darei alguns niqueis.

João respondeu prontamente:

— Sinto-me capaz de repetir não só duas palavras mas o sermão inteiro, do princípio ao fim. Quer que eu recite o de há pouco, o de hoje de manhã ou o de ontem?

D. Calosso desatou a rir, como se tivesse ouvido uma asneira muito grande.

Mas João insistia:



— Vamos diga qual prefere; eu estou pronto.

— Pois bem, repita o que acabamos de ouvir.

Com tôda a calma, o menino, sem se alterar, começou e falou durante mais de uma hora, diante dos ouvintes embasbacados, com precisão e clareza sem omitir ou mudar uma palavra sequer.

Depois de ouvi-lo D. Calosso perguntou:

— E do sermão de hoje de manhã, você ainda se lembra?

— Lembro-me dêle todo.

— Repita então só umas frases.

João pôs-se a falar e prosseguiu até que D. Calosso, sempre mais admirado, e comovido até às lágrimas, perguntou:

— Como é o seu nome? Onde mora? Quem são seus pais? onde estudou?

Joãozinho respondeu uma a uma às perguntas do padre:

— Chamo-me João Bosco, moro em Becchi; meu pai morreu quando eu era pequenino; minha mãe chama-se Margarida e tem que sustentar a cinco pessoas. Aprendi a ler e a escrever e nada mais.

— Você gostaria de estudar?

— Muito, mas... mas minha mãe é pobre.

— Coragem, Joãozinho, diga a sua mãe que vá falar comigo.

João despediu-se animado com tão bela esperança e correu todo alegre para contar à mãe o encontro feliz que tivera.

Não há rosa sem espinhos, diz o ditado. D. Calosso — que se tornara o mestre de Joãozinho — morreu poucos meses depois de um ataque apoplético.

João correu logo à cabeceira do seu protetor que o reconheceu e lhe acenou que se aproximasse da cama. Já não podia falar. Tirou uma chave de baixo do travesseiro, entregou-lhe dando a entender por meio de sinais que não devia cedê-la a ninguém e que tudo o que estava trancado na gaveta era para ele.

João pegou a chave e prestou ao enfermo os cuidados mais afetuosos até a hora da morte.

Quando os parentes chegaram, foi-lhes ao encontro e, entregando a chave, disse:

— Eis aqui a chave do cofre. D. Calosso confiou-ma e, diante de testemunhas, deu-me a entender que legava com tudo o que está contido no cofre. Mas prefiro ficar pobre a ser causa de discussões.

Aberto o cofre, um sobrinho do finado encontrou nêle seis mil liras que entregou a João, dizendo:

— Respeito a vontade de meu tio. Toma: o dinheiro é teu. João ficou pensativo durante alguns instantes e por fim concluiu:

— Não quero nada! Prefiro o céu a todo o ouro da terra.

E desde então D. Bosco que mais tarde teve entre as mãos somas fabulosas, nunca se apegou ao dinheiro; ria-se quando tinha as mãos cheias dêle e não se aborrecia quando não possuia um vintém.

Noutra ocasião, um viajante começara uma conversa bem longe de ser honesta, num grupo de homens e meninos, enfeitando o assunto com expressões demasiado livres. João, contrariado, e sem saber como interromper as gargalhadas dos ouvintes, tomou uma resolução. Foi buscar uma corda amarrou-a a duas árvores pouco distantes uma da outra e preparou-se para executar as suas proezas.

Cheios de curiosidade, os ouvintes abandonaram o maldizente e correram para apreciar o espetáculo. Animado diante disso, João deu um salto, agarrou-se à corda, aprumou-se sobre ela, andou, pulou e dançou, acompanhando os movimentos com cantos cadenciados, variados e melodiosos. Continuou assim a exibição, e não parou enquanto não viu que o impudente se retirara.

Enquanto os outros riam da idéia que tivera, ele ria porque os salvava.

### DESABAPELA PRIMEIRA VELA UM PRESTIDIGITADOR

Num domingo à noite, na capela de um bairro da vizinhança, havia sermão.

A igrejinha já estava apinhada quando, inesperadamente, se ouviu o som de uma corneta: era um prestidigitador.

Não houve mais possibilidade de impedir a saída das crianças e dos rapazes que se precipitaram



para fora, logo seguidos pelas moças. Pouco a pouco, os homens também foram saindo e na Igreja só ficaram algumas mulheres. Diante do êxodo geral, João saiu também e, abrindo caminho por entre a multidão, chegou perto do charlatão e o desafiou para uma demonstração de destreza.

O homem olhou para o menino com ar de mota e os outros aplaudiram:

— Muito bem! bravo! vamos à prova!

Por fim, o charlatão aceitou e propôs que fizessem exercícios com a varinha mágica e convidou o menino a exibir-se em primeiro lugar.

João pegou a vara na extremidade da qual pôs um chapéu; depois, apoiando a outra extremidade sobre a palma da mão, fez a varinha saltar para a ponta do dedo mínimo e dali para o anular e assim por diante, até percorrer todos os dedos. Recomeçou depois, fazendo o mesmo sobre os nós da mão, sobre o cotovelo, sobre os ombros, sobre o queixo, sobre os lábios, sobre o nariz, sobre a fronte. Depois fez a varinha percorrer o mesmo percurso em sentido inverso, voltando para a palma da mão, e a apresentou ao charlatão para que fizesse o mesmo.

O povo, que observava extasiado, aplaudia delirantemente e gritava:

— Agora chegou a sua vez!

— Não tenho medo de perder, exclamou o prestidigitador, e, tomado a varinha com desdém, fe-la andar quase com igual destreza até os lábios; mas, chegando ali, ela tropeçou devido ao comprimento do nariz, perdeu o equilíbrio e rolou pelo chão.

A assistência ria a bandeiras despregadas, a gritaria não tinha fim e o pobre derrotado, recolhendo às pressas os seus apetrechos, retirou-se indignado.

João dirigiu-se então para o povo e gritou em tom de comando:

— Para a igreja, todos para o sermão!

Ninguém faltou: todos o seguiram até a capela e continuaram a tir com êle a mais não poder.

### CAMARADA EM UM SITIO: PRIMEIRA PROFECIA

Com a morte de D. Calosso, o pobre João viu-se de novo desamparado. Foi obrigado a se empregar num sitio, o dos irmãos Moglia, em Castelnuovo.

Um dia os patrões levaram consigo o novo camarada para plantar carreiras de vides. Bem junto ao chão, João amarrava as novas cepas às respectivas estacas com tiras de ráfia. Afinal, cansado do trabalho fatigante e da posição incômoda, exclamou:

— Ai que dor nas costas!

— Vamos, vamos, disseram os fazendeiros; se não quiser ter dores nas costas quando velho, deve acostumar-se enquanto moço.

João continuou a tarefa e, dali a pouco, olhando para os patrões, acrescentou sorrindo:

— Pois bem; estas videiras que estou agora amarrando hão de dar as mais belas uvas e produzir o melhor vinho e terão vida mais longa do que as outras.

— Ora, deixe disso, respondeu um dêles.

— Antes fosse! acrescentou o outro.

E foi verdade mesmo! Aquela carreira produzia todos os anos duas vêzes mais do que as outras que, com o correr do tempo, pereceram e foram mais de uma vez renovadas, ao passo que ela, a chamada carreira de D. Bosco, prosperou, com grande admiração de todos, desde 1828 até 1890, ou seja, durante mais de 60 anos.

Cerca de cinqüenta anos mais tarde, quando os netos dos Moglia iam visitar D. Bosco no Oratório de Turim, levavam ao Santo as uvas de suas videiras. Relembравam sempre o prodígio, e D. Bosco ria da sua primeira profecia, tão estupendamente realizada.

#### RESPONDE ENERGICAMENTE AOS COMPANHEIROS

Entrando para a escola de Castelnuovo, bem cedo encontrou ali maus companheiros que caçoavam da sua simplicidade e o induziam a gazejar para ir jogar com êles.

Ele se esquivava, apresentando sempre a mesma desculpa que julgava eficiente: não tinha dinheiro. Porém, o que para êle era um empecilho, não o era para os outros. Um dêles exclamou admirado:

— Como! não tem dinheiro? Arre, menino, já é tempo de acordar! Você precisa aprender a viver no mundo. Trate de procurá-lo nos lugares onde tem certeza de encontrá-lo e goze conosco.

Dante de tão pérfidos conselhos, João empali-deceu e rebateu:

— Como?!... Então você quer que eu aprenda a roubar? Não sabe que quem rouba comete pecado e que os ladrões e jogadores acabam mal? Se os seus amigos agem dessa maneira, são uns perversos e você que os aconselha, um velhaco e um infame. Vá para bem longe de mim que jamais serei seu amigo.

Foi o suficiente para que, desde então, os mal comportados, que aliás, eram poucos, o deixassem em paz. Os bons, pelo contrário, agrupavam-se em volta dêle e riam de suas brincadeiras e de suas pilhérias sempre honestas.

## PRIMEIROS SONHOS

O Senhor tem por hábito revelar por meio de sonhos a vocação daqueles que Ele destina a grandes coisas.

Assim fez com João Bosco.

Aos nove anos, o menino teve um sonho que o impressionou e que o acompanhou durante toda a vida, repetindo-se mais de uma vez.

Sonhou que se achava num pátio muito vasto, onde estavam reunidos uma multidão de meninos que brincavam e se divertiam.

Uns riam, e cantavam; outros, porém, brigavam e blasfemavam.

Ao ouvir tais blasfêmias, Joãozinho meteu-se no

meio dêles e não poupou sôcos nem palavras para os fazer calar.

Nisso, viu aparecer um ancião venerável, nobremente coberto por um manto muito branco que lhe caia até aos pés: tinha o rosto tão luminoso que era impossível fitá-lo.

Chamou-o pelo nome e lhe disse:

— Não com pancadas, meu caro, mas com brandura e caridade deves conquistar êsses meninos e torná-los teus amigos. Põe-te à frente dêles e ensina-lhes a ver a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

Atrapalhado e amedrontado, Joãozinho perguntou:

— Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

— As coisas que hoje te parecem impossíveis, tu as tornarás possíveis um dia, quando conquistares a ciência. Eu mesmo dar-te-ei a Mestra que fará de ti um sábio. Deixa-te guiar por ela.

Nesse instante a cena transformou-se: a visão se desvaneceu, todos os meninos tornaram-se cães, lôbos e outros animais.

De repente, surgiu a seu lado uma mulher de aspecto majestoso, vestida com um manto de ouro, cravejado de pedras preciosas. Aproximou-se dêle, tomou-o pela mão e falou-lhe assim:

— Não tenhas medo. Joãozinho, êste que vês é o campo do teu trabalho: deverás fazer com os meus filhos o que me verás fazer agora com êstes animais. Olha quantos meninos há diante de ti. Torna-os humildes e ao mesmo tempo fortes e robustos. Transforma-os em outras tantas ovelhas.

Joãozinhoolveu então o olhar e viu que os ani-



mais ferozes se tinham tornado ovelhas mansas as quais, saltando e balando alegremente, agradavam a senhora que, pousando a mão sobre a cabeça de Joãozinho, acrescentou:

— Coragem, meu caro; chegando o tempo, compreenderás tudo!

E desapareceu.

João acordou todo suado e com as mãos doloridas de tantos murros.

Pensou muito no sonho e no dia seguinte contou-o aos de casa.

Ao ouvi-lo, puseram-se todos a rir. Seu irmão José dizia:

— Você será então guardião de cabras.

— Não, nada disso, exclamou o irmão Antônio. Será chefe de bandidos.

A avó, por sua vez, deu seu parecer:

— Ora, vamos! os sonhos não merecem atenção!

A mãe, porém, acrescentou pensativa:

— Quem sabe se ele não virá a ser padre...

João que era da opinião da avó, riu com os irmãos do seu sonho estranho; todavia, nunca mais o esqueceu e o viu realizado em todos os pontos no decorrer da sua obra maravilhosa.

SE

CONSIG

R PADRE

Em Castelnuovo havia muitos sacerdotes: além dos efetivos, muitos outros passavam por ali com freqüência. João, sempre obsequioso e bem educado, ia-lhes ao encontro para cumprimentá-los, na expectativa de um sorriso ou de uma palavra amável.

Mas naquele tempo acreditava-se que as pessoas da igreja deviam ser sisudas e graves; portanto, respondiam apenas à saudação e passavam sem se importar com ele que, muitas vezes, se queixava com a mãe, dizendo:

— Uma palavra amável ou um bom conselho não lhes custaria nada e faria tão bem à minha alma! Jesus não costumava ser como êles! Eu, por mim, se conseguir ser padre, quero dedicar toda a minha vida aos meninos e aos jovens; e êles nunca me haverão de ver muito sério. Hei de ser sempre o primeiro a falar e a rir para alegrá-los! Hei de fazê-los brincar e cantar e com alegria hei de salvá-los todos.

E ia esfregando as mãos, como que gozando antecipadamente da sua futura e muito nobre missão.

### GANHA O PRÉMIO DO PAU DE SEBO

Durante as férias daquele ano houve uma festa na sua vila natal. Ergueu-se um pau de sebo altíssimo em cujo cimo foram pendurados muitos prêmios.

A população em peso estava aglomerada para assistir ao espetáculo. Os rapazes do lugar, um após outros, aproximavam-se e deitando um olhar de cobiça para a extremidade do mastro, tentavam a escalada. Uns chegavam até à metade, outros alcançavam só um terço da subida, mas depois cansadíssimos escorregavam para o chão. O povo gritava, ora encorajando, ora cacoando. A animação era grande. João que observava tudo com muita atenção, notou que todos os concorrentes começavam a trepar com rapidez e prosseguiam sem

tomar fôlego; era pois natural que, a um certo ponto, estivessem extenuados. Desanimados e sem fôrças, deixavam-se arrastar até o chão pelo próprio peso.

Chegada a sua vez, apresentou-se resoluto e começou a trepar com calma, cruzando as pernas de vez em quando ao redor do tronco para descansar, sentando-se sobre os calcânhares. Os espectadores, que não chegavam a compreender o porque daquelas manobras, riem a mais não poder, esperando que, de um momento para outro, ele também despencasse indo parar no chão.

Mas João subia, subia sempre; e quando alcançou o tópo que balançava por ser muito fino, o silêncio foi geral. Ninguém falava: todos os olhos estavam pregados nele.

Por fim, quando, agarrando-se ao círculo, começou a despregar os prêmios, a assistência rompeu em aplausos frenéticos.

Chegando ao chão, o modesto herói escapuliu por entre a multidão e correu muito satisfeito para casa.

### JOÃO DA UMA PROVA DE SUA CAPACIDADE

Tinha ele 16 anos e freqüentava a única escola de latim de Castelnuovo. A idéia fixa do professor era que João, sendo de Becchi, não podia deixar de ser burro; admitia que, como tal, podia ter algum valor, mas não havia de passar de um turrão sem inteligência. A própria idade do rapaz já servia para confirmar essa opinião.

Chegou o dia da sabatina e o professor deu uma

composição. João, que cursava o ~~p~~primeiro ano ginal, pediu ao mestre que, por favor, o deixasse fazer a composição dos alunos do terceiro ano.

O mestre caiu na gargalhada e exclamou:

— O que pretende você que vem de Becchi? Deixe de estudar latim, pois nunca entenderá nada disso.

Nem por sombra ofendido, João insistiu tanto que o professor acabou dizendo:

— Faça o que entender, mas eu nunca hei de ler as asneiras que você vai certamente escrever.

Tratava-se de passar um trecho do latim para o italiano. Ao cabo de uma hora João entregou a fôlha, mas o mestre a pôs de lado sem um olhar sequer.

— Por favor, professor, digne-se observar o meu trabalho; corrija os meus erros.

Os alunos também disseram em côro:

— Leia, leia a prova de João! Queremos ouvir as calamidades que ele escreveu.

Por fim, o mestre decidiu-se e leu.

A tradução estava perfeita. Ele porém, pondo-a sobre a mesa, disse em tom de zombaria:

— Eu bem disse que Bosco não era capaz de nada. Evidentemente ele copiou de alguém; sim, copiou: é impossível que o trabalho seja dele.

— Isso é muito fácil de verificar, rebateu João; veja se entre os exercícios dos meus colegas há algum que se pareça com o meu.

Com a aprovação geral procedeu-se à comparação. Bosco triunfou e todos admiraram o seu talento e a sua sabedoria enquanto ele ria muito. Não eram

os elogios dos colegas, mas era a teimosia do professor que o divertia.

## OUTRA PROVA DE CAPACIDADE

Da escola de Castelnuovo, João passou para o ginásio de Chieri. Ali chegando encontrou um professor muito severo que, ao dar com um aluno tão alto e tão gordo quanto ele, disse em tom de brincadeira em plena aula:

— Esse rapaz, ou é uma toupeira muito grande ou um talento fora do comum.

Os alunos riam e Bosco, rindo também; respondeu:

— Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: não sou nem uma nem outra coisa, mas posso ter o meu lugar entre um extremo e outro. Tenho, porém, muita boa vontade.

Havia já dois meses que cursava a escola quando, certo dia, esqueceu um livro de textos em casa. O mestre explicou a lição com os devidos comentários; depois, percebendo que João não tinha livro, o chamou propositadamente. Mandou-o ler o trecho e repetir a explicação.

Bosco não perdeu a calma: abriu um livro qualquer e, fingindo que lia, repetiu de cor o texto, a construção e todos os comentários feitos pelo professor.

Assim que terminou, os colegas todos bateram palmas e o mestre, furioso diante de tão grande indisciplina, quis saber o motivo da desordem. Foi então que os outros disseram:



— Bosco tem nas mãos um outro livro — lê e explica como se tivesse o texto diante de si.

Querendo certificar-se, o professor tomou o livro de João e mandou-o recitar mais alguns períodos; depois passando do desdém à admiração disse:

— O senhor tem uma memória prodigiosa; procure servir-se dela para o bem.

Todos riram do episódio e Bosco riu com êles.

## AUXILIO SOBRENATURAL

Além do talento e da memória, João tinha uma virtude secreta e sobrenatural que o ajudava. Certa noite sônhou que o professor tinha dado o tema e que ele o estava desenvolvendo.

Acordou, pulou da cama e escreveu o dever que era um trecho de latim; pôs-se depois a traduzi-lo com toda a calma e, acabada a tarefa, deitou-se novamente.

Na aula da manhã o professor ditou o tema: era justamente o que João vira em sonho. Portanto, sem auxilio de vocabulários ou dicionários, em pouquíssimo tempo ele entregou a fôlha diante da estupefação de todos. Ainda mais pasmados ficaram, quando, interrogado pelo professor, ele confessou ingênuamente o sonho que tivera.

\* \* \*

O fato repetiu-se noutra ocasião.

Depois de poucos minutos, Bosco entregou a pro-

va perfeita, sem erros. O mestre, surpreendido, quis ver o rascunho. João obedeceu e foi então que a sua surpresa chegou ao auge! Tinha escolhido e preparado o tema na noite anterior; depois, achando-o muito longo, tinha ditado só a metade. E ali, no caderno de João, êle o via inteirinho do comêço ao fim. Que enigma! havia em tudo aquilo?

A hipótese de João ter entrado durante a noite no quarto do professor para copiar o tema, era absurda, inaceitável. Mas então, como explicar o que se passava?!...

Joãozinho esclareceu tudo e confessou sorridente: "Sonhei..." Contou que tinha visto em sonho o ditado e a tradução e tinha escrito tudo no caderno. Na fôlha que entregara limitara-se porém a escrever sómente a metade, ou seja, o que o professor ditara. Todos riram do fato singular; e foi assim que Bosco conseguiu cursar três anos num só, com esplêndidos resultados.

## TUDO EM PROL DO BEM

Tôdas as vêzes que percebia que num grupo de companheiros, amigos ou conhecidos a conversa ameaçava tornar-se desonesta, João se metia entre êles e os distraia com palavras amáveis. Não raro, inventava algum jôgo divertido e assim todos o seguiam. Ora os desafiava para levantar uma moeda do chão com o dedo minimo e com o indicador da mesma mão; ora para formar um arco com o corpo, dobrando-o totalmente para trás de modo a tocar o

solo com a cabeça; ora para abaixar-se e beijar o chão com os pés juntos, sem tocá-los com as mãos. Outras vêzes apostava para ver quem era capaz de pegar com a boca uma maçã flutuante numa tina cheia de água ou então uma moeda escondida num recipiente cheio de farinha. Freqüentemente desafiava-os para correr e saltar com os pés amarrados por um cordel.

Enquanto os contendores tentavam a prova, os companheiros riam a mais não poder diante das contorsões, das tentativas inúteis e dos trambolhões dos menos hábeis e das bocas cheias de água ou de farinha.

Em outras ocasiões, punha-se a recitar versos em latim e em grego ou a improvisar sermões, diálogos e comédias.

Assim distraído, nenhum deles pensava em conversas desonestas e iam todos para casa sempre rindo e com algum pensamento salutar inculcado por Bosco, mestre nessa arte:

Sempre rir e brincar  
Mas nunca, nunca pecar.

## NOVO SANSÃO

Bosco era dotado de músculos extraordinariamente fortes. Freqüentava ainda o colégio de Chieri. Certo dia, à entrada da classe, uns colegas, não dos melhores certamente, começaram a aborrecer Luís Comollo, amigo íntimo de Bosco que o admirava pelas suas excelentes qualidades e por ser o mais virtuoso da escola.

João tomou a defesa do amigo. Mas outros, des-

peitados. passaram a agredir o pobre Comollo aos sôcos e aos pontapés. Vendo aquilo, Bosco perdeu o controle. Agarrou um dos desordeiros pelas costas e foi um novo Sansão, serviu-se dele como de um cacetete e golpeou com gôsto os patifes. Nisso o professor entrou e, vendo aqueles braços e aquelas pernas volteando pelos ares e ouvindo a barulheira que acompanhava a ginástica, ficou furioso e quis saber o motivo de tamanho alarde.

Bosco, nada atrapalhado, contou a verdade e o mestre apostrofou os desordeiros dizendo-lhes com severidade:

— Vocês mereciam um castigo bem mais rigoroso; mas por hoje, contentem-se com o de Bosco. Para o futuro, porém, tomem cuidado para nunca mais molestar os outros, sobretudo os mais virtuosos do que vocês.

Naquela manhã, porém, e nos dias seguintes, o professor, relembrando a cena das pernas e dos braços girando no espaço, era obrigado a interromper a aula para rir. Bosco e os colegas riam também com ele.

### TOMAM-NO POR FEITICEIRO

João tinha fundado em Chieri a "Sociedade da Alegria", cujos membros eram todos seus amigos. Na qualidade de presidente, costumava distraí-los com hábeis jogos de prestígio.

Ora, como a maioria da assistência não sabia explicar as maravilhas que Bosco operava, pouco a

pouco foi-se tornando uma lenda em torno dêle e dos seus feitos.

Chegou-se à conclusão de que, como feiticeiro, operava tais prodigios com a intervenção do demônio.

Entre os que partilhavam dessa opinião, estava certo Tomás Cumino, seu senhorio.

No dia de São Tomás, Cumino tinha preparado um frango para os pensionistas. Trouxe o prato para a mesa, mas quando o descobriu, todos viram com surpresa sair de dentro dêle um galo que, esvoaçando, se pôs a cantar alegremente.

Noutra ocasião, depois de ter cozinhado o macarrão, na hora de servi-lo achou a panela cheia de farelo.

\* \* \*

Não raro, depois de ter enchido as garrafas de vinho, quando ia encher os copos, só encontrava água limpida. Outras vêzes, pelo contrário, indo beber água, percebia que o copo estava cheio de vinho.

Encontrava freqüentemente as geléias convertidas em fatias de pão; o dinheiro na bolsa convertido em pedaços de lata; o chapéu transformado em touca; nozes e avelãs transformadas em pedrinhas.

\* \* \*

Outra vez eram os óculos que desapareciam e ele os encontrava depois no bolso, que antes tinha revirado em todos os sentidos. Objetos cuidadosamente guardados, como carteiras, anéis, correntes, a

um sinal de João lhe caiam inesperadamente nas mãos, ao passo que os outros objetos que trazia consigo desapareciam num abrir e fechar de olhos.

Certo dia fizeram uma aposta: tratava-se de fazer aparecer uma chave escondida. Na hora do jantar acharam-na no fundo da sopeira, depois de servida a sopa.

## DEUS OU DEMÔNIO

Diante dessas aparições e desaparições singulares e desses casos inexplicáveis, o bom Tomás andava matutando:

— Esse rapaz, ou é um Deus ou é um demônio; um Deus não pode ser, logo é um demônio e eu sou obrigado a denunciá-lo.

No entanto, como não ousava tocar nesse assunto em família, pensou em pedir os conselhos de um sacerdote seu vizinho. Depois de muito ensaiar, um belo dia resolveu de uma vez.

Contou-lhe horrorizado uma série de coisas vistas e não vistas; pintou tudo com tal vivacidade de cores e abundância de pormenores que transmitiu a sua persuasão ao bom sacerdote que decidiu referir o caso à Autoridade Eclesiástica.

Mandaram chamar Bosco sem demora, com ordem de dirigir-se à casa do Cônego X a fim de ser examinado.

João chegou na hora em que o Sacerdote distribuía esmola aos pobres. Terminada a tarefa, man-

dou-o entrar no gabinete e encetou uma conversa muito séria:

— Meu caro Bosco, até hoje os superiores só têm tido satisfações, com os seus estudos e a sua conduta; mas agora correm por ai boatos sobre você... Dizem que conhece os pensamentos dos outros... que adivinha a quantia de dinheiro que as pessoas trazem no bolso... que faz o preto parecer branco e o branco parecer preto... que prevê os acontecimentos, dá azo a que falem de você... dá motivos para que suspeitem que se serve da magia e que nos seus feitos há intervenção do demônio. Quero que me conte muito confidencialmente de que modo executa as suas proezas. Servir-me-ei de suas confidências únicamente para o seu bem, pode estar certo disso.

Sem se alterar, Bosco pediu sorrindo cinco minutos de tempo para responder e perguntou-lhe a hora certa. O Cônego pôs a mão no bolso mas não encontrou o relógio.

— Se o senhor não tiver relógio, dê-me uma moeda de quatro vinténs.

O Padre apalpou todos os bolsos mas não encontrou o porta-niqueis.

— Oh! seu maroto, pôs-se a berrar, levantando-se encolerizado. Ou você serve o demônio ou é o demônio que o serve! Roubou-me o relógio e a bolsa: não posso mais calar-me; vejo-me obrigado a referir tudo ao Bispo e... e não sei o que me impede de lhe dar uma carga de pauladas!

— Tranqüilize-se, senhor Cônego...

— Qual tranqüilizar-me qual nada! O que fêz da minha bolsa e do meu relógio!

— Senhor Cônego, acalme-se; é só habilidade e destreza.

— Bela destreza roubar bolsas e relógio!

— Posso explicar tudo num instante. Quando cheguei, o senhor estava distribuindo esmolas aos pobres e deixou a bolsa em cima do genuflexório; passando depois para o outro quarto, esqueceu o relógio em cima da mesa. Peguei um e outro e escondi-os debaixo do quebra-luz.

Assim falando, levantou o quebra-luz e os dois objetos que o Cônego julgara roubados pelo demônio apareceram.

O bom sacerdote riu gostosamente, achou a surpresa divertidíssima e pediu que lhe mostrasse outros truques. Por fim, percebendo claramente o modo de fazer aparecer e desaparecer as coisas, ficou muito satisfeito, deu um belo presente a João e o despediu dizendo:

— Vá e diga a todos que "a ignorância é a mestra da admiração".

E assim, os dois se separaram cordialmente, rindo do feiticeiro, da magia e de Satanás.

## SEGUNDA PROFÉCIA

Havia na casa dos Moglia uma moça chamada Ana que, vendo João sempre entretido com seus livros e ouvindo-o repetir muitas vezes: "Eu serei padre e então hei de pregar e confessar", caçoava com

ele e o desprezava dizendo que nunca seria capaz de conseguir alguma coisa.

Um belo dia, João dirigiu-se a ela e lhe deu a seguinte resposta:

— Você que fala assim e que escarnece de mim, saiba que o dia há de chegar em que me procurará para se confessar!

A moça riu, assim como todos os presentes. Ninguém supunha que o que ele dizia com tanta firmeza havia de se realizar.

Mais tarde, ele ficou padre e diretor do Oratório e a boa mulher saia freqüentemente da sua aldeia para ir a Turim visitar D. Bosco, confessar-se com ele e fazer as suas orações. Todas as vezes que se encontravam riham, lembrando as profecias da mocidade.

## MUITO AMOR A UM MELRO

Certa vez Joaozinho conseguiu agarrar um melro fechou-o numa gaiola, educou-o com cuidado, ensinou-o a cantar, assobiando-lhe ao ouvido notas e canções. Dessa maneira, depois de algum tempo o pássaro tornou-se o seu divertimento e o seu encanto.

— Mas... Neste mundo tudo passa; nada é eterno!

Um belo dia, chegando da escola, achou a gaiola salpicada de sangue, e o melro morto, e meio devorado pelo gato.

A dor que sentiu é indescritível! Durante alguns dias ficou desesperado e inconsolável. Mas depois, recobrando ânimo, pôs-se a refletir sobre a frivolidade



de daquela afeição tão grande; chegou à conclusão de que devia deixar de tristezas, e, rindo, começou a cantarolar:

"Não quero, por causa de um melro, perder minha alegria. Não quero em minha casa, nem pecado nem melancolia!"

## A ALMA DAS DIVERSÕES

Apesar de muitíssimo aplicado, sempre o primeiro da classe, modelo da ordem, disciplina, obediência e de todas as virtudes, João era a alma de todas as diversões. Dotado de fina observação e agudíssima perspicácia, tinha aprendido muitos jogos: baralhos, perna de pau, saltos e corridas. Era célebre em todos êles e dava freqüentes espetáculos, públicos e particulares, o que causava sensação, pois naqueles tempos tais jogos eram pouco conhecidos.

Sua memória fora do comum favorecia-o e ele sabia de cor boa parte dos trechos clássicos: Dante, Petrarca, Tasso, Parini, Monti e outros. Essas passagens eram-lhe tão familiares como se fossem de sua autoria. Durante as diversões ou espetáculos ele cantava, declamava, compunha versos trágicos e amenos de maneira que até os mais apáticos e indiferentes morriam de rir, ora estremeciam de susto, ora choravam de comoção.

Tudo isso, ele fazia, sem falar nos jogos de prestígio, nas corridas, nos saltos e ginásticas em que era realmente insuperável.

Ele mesmo ria de satisfação diante das suas in-

venções, não por vaidade ou complacência própria, mas pelo bem que causava, porque a sua preocupação de sempre, a sua maior ambição era trabalhar pelo bem do próximo.

"Laetare et bene facere..." era a sua divisa.

## MÚSCULOS DE FERRO

Em dezembro de 1884 D. Bosco foi a S. Benigno, por ocasião da segunda vestição clerical de seus noviços e passou com êles o dia todo.

Contava-lhes as aventuras divertidas da mocidade. A certo ponto um dos clérigos que o Santo seguia pela mão saiu com esta:

— Senhor D. Bosco, o senhor quando moço derrotava os saltimbancos na corrida e agora mal pode arrastar-se: é uma pena as suas pernas não lhe servirem mais.

— Realmente as pernas não querem mais me ajudar, mas as mãos ainda servem para alguma coisa, respondeu o santo sorrindo.

E assim dizendo, apertou com força as mãos que tinha entre as suas. Com esforço todos conseguiram livrar-se, menos o coitado que tinha falado; esse ficou prisioneiro e foi obrigado a pedir clemência.

Enxugando o suor e lambendo os dedos arroxeados e quase sangrando, ele exclamou:

— Não há dúvida que as mãos ainda lhe servem: eu que o diga!

Nós todos soltamos uma gargalhada sonora e D. Bosco ria conosco.

João tinha 19 anos e ainda freqüentava a escola de Chieri. Certa ocasião, apareceu por lá um saltimbanco que dava espetáculos públicos. Os jogos e as mágicas mais atraentes eram reservados para os domingos. Desse modo, o povo deixava de ir à Igreja para apreciar as proezas que o atraia.

Bosco mandou que alguns amigos fôssem falar ao saltimbanco para convidá-lo a desistir de dar representações exatamente na hora das funções. Ao receber tal proposta o grosseirão se pôs a rir. Em lugar de aceitar o que lhe propunham, desafiou para uma prova de destreza quem quer que se apresentasse.

Bosco, prevendo o bem que causaria no caso do adversário sem escrúpulos ter que abandonar o terreno, aceitou o desafio.

Em primeiro lugar o saltimbanco propôs uma corrida a pé percorrendo a cidade toda de uma extremidade a outra, com a aposta de vinte liras.

Bosco não as possuia, mas os companheiros vieram em seu auxílio. Elegeram os juizes e a competição teve inicio. João tirou o paletó, fez o sinal da cruz e começou a correr. A princípio, o rival vencia-o por alguns passos mas Bosco ganhou logo terreno e o deixou tão longe que ele parou no meio do caminho, dando-se por vencido.

Porém, não satisfeito, pelo contrário, despeitado com as risadas do povo que acorrera, desafiou Bosco para saltar; dessa vez a aposta era de 40 liras. O charlatão escolheu um lugar rente ao muro que servia de



dique às águas de um canal e saltou em primeiro lugar. Caiu tão perto do muro que era impossível chegar mais adiante. Teve mesmo que se agarrar a um arbusto da margem para não cair no canal.

Os espectadores observavam atentamente, ansiosos por ver que solução Bosco daria ao caso; visto ser praticamente impossível chegar até mais longe. Como sempre, a presença de espirito e a agilidade vieram em seu auxilio. Deu o mesmo salto; porém, de tal geito que, apoiando as mãos no muro, tomou impulso com o corpo e foi cair de pé do outro lado.

Dante dessa inesperada acrobacia, cuja possibilidade ninguém previa, os aplausos foram gerais e o pobre charlatão vendo consumir-se todo o seu patrimônio, quase, desesperado, se pôs a gritar:

— Sofrerei qualquer outra humilhação, mas isso de me ver vencido por um rapazola é demais.

Restam-me sómente cem francos e eu os apostarei. Aquêle que, de nós dois, alcançar com os pés o ponto mais próximo do cimo daquela árvore ganhará a aposta.

A planta em questão era um ulmo enorme à beira da alameda. Encorajado e animado pelos amigos, Bosco aceitou. O charlatão foi o primeiro a subir. Agarrou-se ao tronco e, talvez levado pela aflição, talvez pelo rancor, alcançou o cimo em um instante. Subiu tão alto que o galho ameaçava dobrar e partisse, com o risco de fazê-lo precipitar ao solo.

Os presentes já consideravam a partida ganha: como poderia João subir mais alto? Ele porém não desanimou e tentou a prova. Foi subindo, subindo

até alcançar o ponto onde ele chegara. E foi ai que fêz o que ninguém previa: agarrando-se à árvore com as mãos, virou de cabeça para baixo, isto é, empinou o corpo para cima de modo a alcançar com os pés o ponto mais alto. A diferença entre ele e o competidor foi de um metro aproximadamente.

É impossível descrever-se o que se seguiu: as exclamações, os aplausos, que aclamaram o vencedor e o despeito do charlatão passaram os limites. Bosco porém teve pena do coitado e propôs-lhe a restituição do dinheiro ganho, a troco de um lanche para ele e os amigos. Como era de esperar, o homem aceitou de boa vontade e todos se divertiram à grande vontade.

Desde aquèle dia o charlatão sumiu; nunca mais apareceu para bancar o valente nem para atrapalhar as funções.

## OUTRA PROVA DE FÔRÇA HERCULEA

Nas férias da Páscoa de 1835 (tinha então 20 anos), Bosco foi visitar um amigo em Pinerolo: Aníbal Strambio que foi depois estadista, cônsul em Marselha, e grande amigo dos Salesianos.

Bosco e o amigo resolveram dar um passeio até Fenestrelle, a alguns quilômetros de altitude, no meio das montanhas.

Arranjaram uma carrocinha de duas rodas e começaram a subida. Durante algumas horas tudo correu às mil maravilhas, mas, em dado momento, o

vento começou a soprar com violência. Empurrava o cavalo, deixando-o sem fôrças e erguia um rodo-pio de areia e pedregulhos que fustigava o rosto dos viajantes e batia nos olhos do pobre animal. O tempo escurecia cada vez mais e o cavalo arquejante e meio cegado batia aqui e acolá, resfolegando, e não queria prosseguir. O vento soprava impetuoso e ameaçava precipitar os viajantes e veículo pelo declive abaixo. Em boa hora porém avistaram à beira da estrada, não muito longe, uma cavidade na montanha que oferecia abrigo seguro. Mas como chegar até lá? O cavalo recusava-se a fazer qualquer movimento, as rodas estavam quase que enterradas e a estrada era deserta.

Bosco disse então ao companheiro:

— Aníbal, puxe o cavalo pelas rédeas enquanto eu vou empurrar a carroça.

Assim foi feito mas o animal, em lugar de avançar, recuava sempre mais.

— Pois bem, disse Bosco, venha então empurrar, que eu me encarregarei do cavalo.

Passou para a frente, agarrou o animal pelo cábresto e, pondo em ação toda a energia e a fôrça de seus músculos, arrastou o cavalo, o carro e o amigo para o abrigo providencial.

Passado o perigo, enquanto se livravam da lama que os deixava imundos, ambos riam gostosamente.

## VALENTE CAVALARIÇO

Durante as férias João tomava aulas com o Pároco de Castelnuovo que o encarregava de tomar conta do cavalo.

O rapaz, muito satisfeito, não poupava cuidados para com o animal. Quando o pároco não tinha necessidade dêle, levava-o para passear; fazia-o galopar e, correndo ao seu lado, saltava para a garupa com um só pulo. Com agilidade espantosa, conseguia manter-se de pé sobre o dorso do animal, enquanto este continuava na corrida. E não era esta a sua única proeza: fazia muitas outras acrobacias.

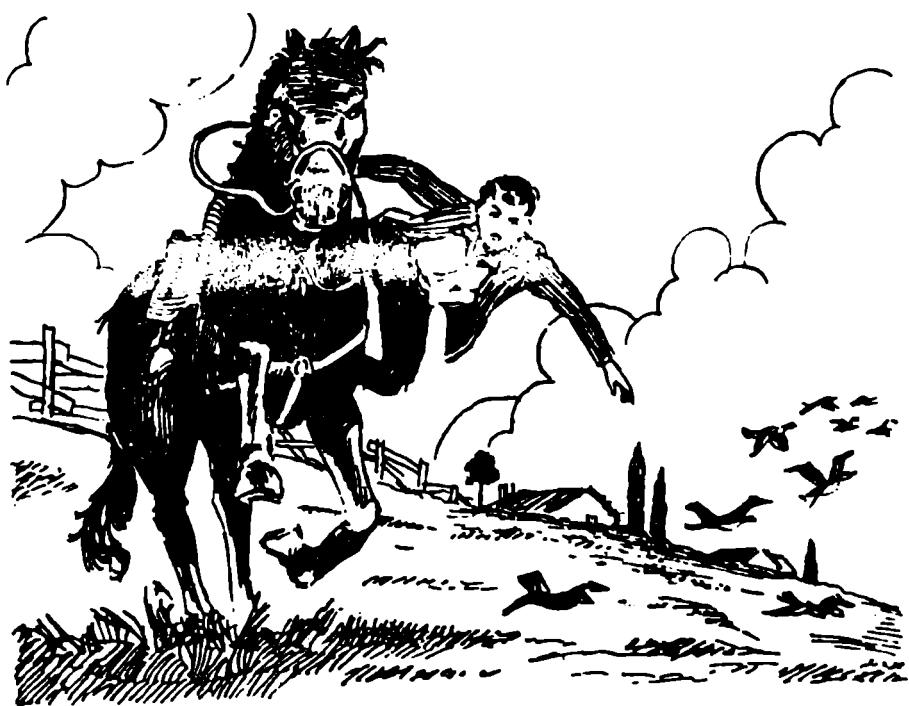
Um belo dia, porém, foi desastrado e a ginástica acabou mal.

Cavalgava alegremente quando, de improviso, o cavalo se assustou por causa de um bando de passarinhos que saiu voando de uma cerca à beira da estrada. Derrubou o cavaleiro e abalou numa carreira desenfreada pelos campos afora. Pela primeira vez, pisado e machucado, João não achou muita graça na coisa, mas ria depois tôdas as vêzes que contava a aventura.

## GARRAS DE LEÃO

Nos primeiros tempos da nova igrejinha de São Francisco de Sales, as funções eram semi-públicas, isto é, nos dias de festa as pessoas da cidade também compareciam.

Num domingo, no meio do sermão, um oficial



fardado entrou na igreja acompanhado por uma moça. Foi avançando pouco a pouco e acabou sentando na ponta do primeiro banco com a moça sobre os joelhos.

Quase nenhum dos presentes tinha notado aquilo, mas a coisa não escapara a D. Bosco que assistia ao sermão do presbitério.

Sem se alterar, devagarinho, o santo saiu pela porta da sacristia e, dando a volta na igreja, tornou a entrar pelo fundo; aproximou-se do oficial e, pegando-o pelo pulso, fêz-lhe sinal que se retirasse. O oficial encarou-o; tentou livrar-se, mas D. Bosco o segurava com firmeza. Quis protestar mas o santo, sempre sereno, apertava cada vez com mais força. Por fim teve que ceder; levantou-se e seguiu D. Bosco até fora da igreja. Foi-se embora muito manso, apalpando o pulso e dizendo à companheira:

— Que padre terrível!... tem garras de leão!

D. Bosco, sorrindo satisfeito com o bom êxito, fêz de novo o mesmo trajeto e voltou para o presbitério para ouvir o resto do sermão.

## PRODÍGIO DE MEMÓRIA

Ao ler as inúmeras aventuras de São João Bosco no tempo de estudante, alguém poderá pensar que ele descuidava os estudos; mas isso absolutamente não se dava.

Acostumado desde criança pela mãe a dormir muito pouco, ele passava dois terços da noite debruçado sobre os livros. Muitas vezes acontecia que a hora de levantar o surpreendia ainda estudando.

Entrou em acôrdo com um livreiro e obteve assinatura para os clássicos latinos e italianos. Lia-o não só por distração, mas para lhes entender o sentido e para penetrar até ao fundo de suas belezas. Estudava-os e decorava não só os trechos mais importantes, mas a obra tôda da primeira à última palavra. Para êle não havia distinção entre ler e estudar; com facilidade surpreendente, podia repetir tôda a matéria de qualquer livro italiano, latino ou grego que lera ou cuja leitura ouvira.

\* \* \*

Bosco estava, certa ocasião estudando para o exame junto com um colega que, a certa altura, lhe fêz a seguinte proposta:

— João, você quer apostar qual de nós dois aprende mais depressa esta página?

— Quero; podemos começar.

Depois de lida a página uma só vez apenas, o companheiro recitou-a de cor.

— Agora, é a sua vez, acrescentou.

Bosco repetiu o trecho sem omitir uma palavra sequer e depois continuou:

— Será que você é capaz de recitá-lo agora de trás para diante?

— Que coisa mais esquisita! exclamou o colega.

— Pois bem, eu acho que o poderia fazer.

E assim fêz: recitou o trecho do fim para o começo, sem esquecer uma vírgula e acabou com uma gargalhada gostosa.



## A APARIÇÃO DE UM MORTO

João Bosco e seu amigo íntimo Luís Comollo, tinham trocado uma promessa: um rezaria pelo outro e o primeiro que morresse deveria comunicar a notícia da própria salvação ao companheiro sobrevivente, caso Deus o permitisse.

O clérigo Comollo morreu no Seminário de Chieri na noite de 2 de abril de 1839. Na noite do enterramento, enquanto Bosco e os companheiros dormiam, ao soar da meia-noite, ouviu-se um ruido cavernoso e prolongado que avançava do fundo do corredor, tornando-se cada vez mais tétrico e assustador, à medida que se aproximava. Dir-se-ia o barulho de um trem correndo sobre chapas de zinco.

Os seminaristas acordaram mas ninguém tinha coragem de falar.

O ruído avançava sempre; de repente a porta do dormitório escancarou-se; uma luz que se tornava cada vez mais viva apareceu no meio daquele estrondo surdo de trovão e se aproximou da cela de Bosco.

Nesse ponto o clarão fez-se vivíssimo, o tumulto cessou e ouviu-se ressoar distinta a voz do clérigo Comollo, que repetiu três vezes:

— Bosco... Bosco... Bosco... eu estou salvo!

Depois o fragor recomeçou mais intenso do que antes e se afastou. A porta bateu assustadoramente; a casa toda tremeu como que abalada por terremoto e depois tudo ficou em silêncio.

Os companheiros de Bosco pularam da cama e fugiram como loucos. Ele, porém os chamou e os acalmou, contando-lhes a promessa feita. Naquele dia

não riu, mas riu depois do susto terrível em consequência do qual adoecera tão gravemente, que estivera às portas da morte.

— Deus, onipotente e misericordioso, permite às vezes que coisas assim aconteçam: mas estejamos certos da existência da alma e da vida futura, sem procurar provas, que são sempre terríveis.

## PREGADOR IMPROVISADO

Nessa mesma ocasião, foi convidado pelo Vigário de Cinzano Monferrato para tomar parte como coadjutor na festa de São Roque que ali se celebrava com muita pompa.

Chegara-se ao fim do jantar, os sinos já chamavam para as Vésperas, e o pregador convidado não aparecia. O pobre vigário estava preocupado e aborrecido e o clérigo Bosco, indo em seu auxílio, dirigia-se ora a um ora a outro dos sacerdotes presentes, pedindo-lhes com insistência que um deles fizesse o sermão.

Ninguém ousava aceitar e a certa altura Bosco exclamou:

— Mas como! os senhores querem então deixar que tanta gente se vá sem ouvir nem ao menos duas palavras?

Um deles, aborrecido com tamanha insistência, respondeu:

— Que ingenuidade a sua! Improvisar um sermão sobre São Roque de uma hora para outra não é assim tão fácil. Por que não o faz, se tem coragem para tanto?

Todos aplaudiram e Bosco, um tanto ofendido em seu amor próprio, acrescentou:

— Pois bem, uma vez que todos recusam, eu aceito.

Depois do canto das Vésperas, subiu para o púlpito e fêz uma prática que foi sempre considerada a melhor entre as que se tinham ouvido até então por ocasião da mesma festa.

Fatos como êstes repetiram-se amiúde, seja enquanto clérigo, seja como sacerdote. Ele nunca recusava, e enquanto todos se admiravam com a sua segurança e seu bom êxito, ele ria do pasmo que causava.

Tinha pedido a Deus a graça da palavra por ocasião da sua vestição clerical e Ele lhe concedera abundantemente.

### POE TRONA SÔBRE O NARIZ

Quando cursava o último ano de seminário, conversando animado e alegremente com os colegas. Bosco se pôs a narrar e a descrever os jogos de destreza nas quais se exercitava quando criança.

Muitos dos companheiros custavam a crer e entre eles estava um tal Giacomelli que começou a fazer troça. Bosco exclamou então:

— Vocês não querem acreditar? Então esperem! E, agarrando uma cadeira pesada, ergueu-a com o braço têso; fêz com ela várias demonstrações de prestígio e por fim pousou-a sobre o queixo, mantendo-a em equilíbrio sobre uma perna só; e pôs-se a passear pela

sala. Todos aplaudiram; só Giacomelli, que era um colosso, exclamou em tom de zombaria:

— Grande coisa! Dêem-me a cadeira.

E, agarrando-a, levantando-a, a fêz voltar e depois tentou pô-la também sobre o queixo; mas, como não tinha nem a firmeza nem a experiência de Bosco, a poltrona lhe caiu em cima do nariz.

Os presentes caíram na gargalhada e João, também ria, ao ver o companheiro valentão apalpar a parte dolorida.

### SALVO DE UM RAI

O ano escolar chegara ao fim. Era o dia marcado para a partida dos que iam passar as férias fora. O tempo estava chuvoso e Bosco, à janela do dormitório, espiava o céu ameaçador, enquanto os companheiros procediam à arrumação das malas.

De repente, com grande estrondo, um raio caiu justamente no peitoril da janela de Bosco. Os tijolos, deslocados pela faísca, foram lançados contra ele e o derrubaram sem sentidos no meio do quarto. Os companheiros acudiram, deitam-no na cama, esborrifam-lhe água no rosto e já o consideravam morto. Mas, ao contato da água fresca, Bosco voltou a si, abriu os olhos e, pulando da cama, exclamou rindo:

— Por que se assustaram tanto? Nossa Senhora salvou-me!

## PREDIZ A LONGA VIDA DE UMA SENHORA

Nas férias pascais do ano de 1839 Bosco foi visitar seu antigo patrão João Moglia; antes de sair subiu para cumprimentar a senhora que estava doente.

Ao ouvi-la queixar-se de se sentir esgotada, sem fôrças e exclamar que “a sua hora chegara”. João lhe disse sorrindo:

— Tenha coragem, patroa, e esteja sempre de bom humor, que viverá até aos 90 anos.

De fato, ela sarou e depositou tamanha confiança na promessa de João Bosco que tôdas as vêzes que adoecia, mesmo gravemente, recusava os remédios, dizendo:

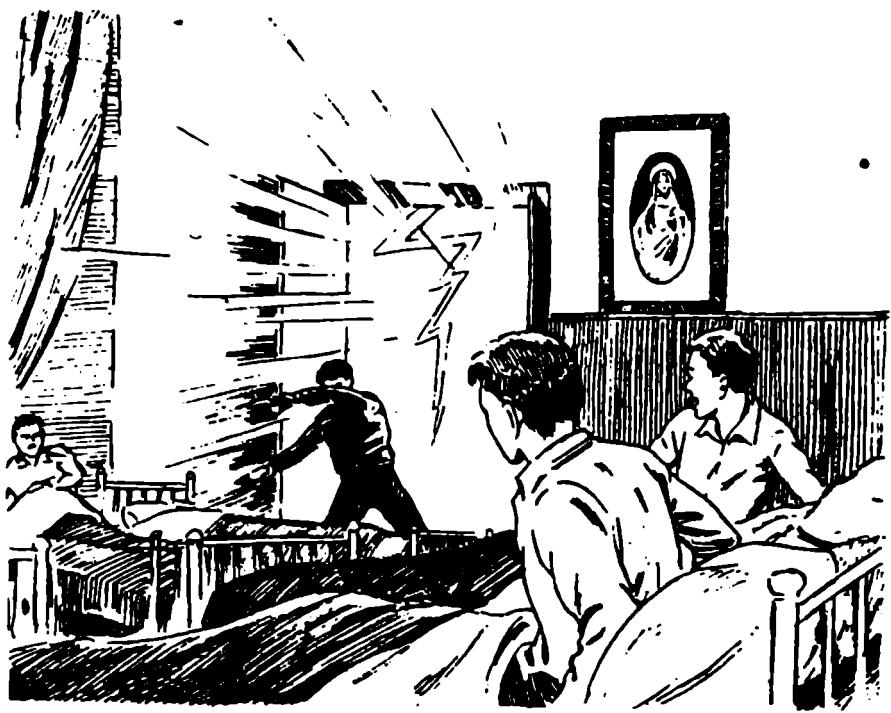
— Bosco assegurou-me que viverei até os 90 anos; portanto, qualquer remédio é inútil.

Realmente, ela sobreviveu ao próprio D. Bosco e morreu com 91 anos. Todos a chamavam: “a velhinha de D. Bosco”.

## BATINA MUITO LEVE

Achava-se em Turim havia poucas semanas e já muitíssimos jovens agrupavam-se em torno dêle, esperavam-no à saída e acompanhavam-no pelas ruas. Desde os primeiros tempos de sua estada ali, parecia o apóstolo da juventude. Por acaso, certa noite êle se encontrou com o Cônego Cottolengo que, encarando-o atentamente, disse:

— O senhor tem jeito de ser uma pessoa de bem; venha trabalhar comigo na “Pequena Casa da Providência”; posso garantir que não lhe faltará trabalho.



D. Bosco aceitou o convite providencial e, poucos dias mais tarde, dirigiu-se a Valdocco, berço da obra de Cottolengo.

O Cônego acolheu-o com carinho e mostrou-lhe todos os aposentos onde se viam doentes de todas as espécies. Aleijados, paralíticos, idiotas, ulcerosos. No meio dêles havia também órfãos, abandonados e inválidos; em suma, era aquilo o refúgio da mais sórdida miséria e de tudo o que os outros hospitais rejeitavam.

Acabada a visita, D. Bosco esperava por novo convite para trabalhar ali. Mas o Cônego, fitando-o de novo com atenção, disse:

— O seu campo é outro, muito diferente dêste. Uma messe muito mais vasta, uma vida mais movimentada, eis o que o esperava.

Depois, apalpando a manga da batina do jovem sacerdote, continuou:

— Porém o senhor tem uma batina de pano muito leve; trate de arranjar outra mais forte e consistente a fim de que os jovens que o seguirem possam agarrar-se a ela sem perigo de rasgá-la. Dia virá em que ela será puxada e rasgada por muita gente!

E despediu-se sorrindo.

D. Bosco sorriu também porque entrevia naquelas palavras uma verdadeira profecia, uma verdadeira confirmação dos seus sonhos que, aliás, não demoraram muito para se tornar realidades.

Desde aquela ocasião, todas as vezes que se encontravam, Cottolengo apontava para a batina de D. Bosco e os dois riiam juntos dos magníficos designios da Providência.

## OUTRA GRAÇA DE NOSSA SENHORA

Faltava pouco tempo para a ordenação sacerdotal de D. Bosco, que se deu aos 5 de junho de 1841.

Um dia, Margarida, sua mãe, tinha trepado numa amoreira muito alta a fim de apanhar folhas para os bichos da sêda. De repente, o grosso galho onde se apoiava se partiu e ela caiu pesadamente ao solo. E não foi só: o galho partido despencou e foi cair em cima dela, batendo-lhe na testa. A pancada deixou-lhe uma marca que nunca mais se apagou.

Mas apesar de tudo isso, ela se levantou e, como se nada tivesse acontecido, foi correndo alimentar os bichos que esperavam esfomeados.

Quando soube da coisa, D. Bosco disse:

— Veja, mamãe, como Nossa Senhora é boa! O demônio tentou tirar-lhe a vida, privá-la da alegria de beijar a mão de seu filho padre, mas não o conseguiu. Quis todavia deixar-lhe uma recordação dessa peraltice, marcando-a para sempre.

E os dois riam gostosamente.

## FAZ, NA CIDADE DE ALBA, O ELOGIO DE SI PRÓPRIO

Havia poucos meses que rezava Missa quando partiu para Turim a fim de seguir o curso de preparação para a confissão. O pensamento e as esplêndidas fantasias que povoavam a sua mente quando, da Colina de Superga, viu aparecer a cidade de Turim,

foram expressos por êle próprio quando teceu o panegírico de São Filipe Neri na cidade de Alba.

No sermão daquele dia, êle entrou no assunto de maneira poética. Imaginou estar no cimo de uma das colinas de Roma e ter tôda a cidade estendida a seus pés. Viu um jovem que, cansado da longa jornada, tinha parado, absorto em graves pensamentos, com o olhar fixo no panorama esplêndido. Resolveu então aproximar-se e interrogá-lo.

— Quem és tu, ó rapaz? Para que olhas com tanta ansiedade?

— Sou um pobre forasteiro; extasio-me diante desta grande cidade e um pensamento ocupa a minha mente, mas temo que seja temeridade ou loucura.

— Que pensamento?

— O de consagrar-me ao bem das pobres almas dos jovens infelizes que, por falta de instrução religiosa, enveredam pelo caminho da perdição.

— Tens instrução?

— Não estudei muito e certamente não estou no rol dos doutos.

— Possuis meios materiais?

— Nada!... não tenho um só bocado de pão além do que o meu patrão me dá todos os dias.

— Tens igrejas?... tens casas?...

— Nada possuo além de um misero abrigo, com móveis ainda mais pobres.

— Mas então, como é que, sem dinheiro, sem instrução e sem casa, queres empreender uma obra tão gigantesca?

— É verdade; é justamente a falta de meios que me impede de agir.

— Tens amor a Nossa Senhora?

— Oh! isso sim! Amo-a muito!

Nesse ponto D. Bosco suspendeu o diálogo para descrever as feições do rapaz, o brilho dos seus olhos ao ouvir tal pergunta, o seu sorriso, e depois prosseguiu com o interrogatório:

— Como te chamas?

Aqui D. Bosco queria responder: "Filipe Neri", mas um murmúrio correu pelo auditório; depois ouviu-se um só grito: João Bosco!

Sufocado o grito, e abafado o murmúrio, D. Bosco continuou o sermão, realmente belo e deslumbrante; mas depois, à saída da igreja, foi um aplauso geral e todos gritavam com entusiasmo: "João Bosco. João Bosco!..."

E D. Bosco ria com êles por se ter traído.

## A SURRA DO SACRISTÃO, OU MELHOR: A PEDRA FUNDAMENTAL DE SUA OBRA

Estava no dia da Imaculada Conceição do ano de 1841; era de manhã. D. Bosco estava na sacristia da igreja de S. Francisco de Assis, onde era coadjutor, e paramentava-se para a Missa.

O sacristão, vendo um rapaz a um canto da sala, convidou-o para servir a Missa.

— Mas eu não posso, porque não sei!

— Grande idiota! exclamou o sacristão, se não sabes servir, o que tens fazer na sacristia?

E enquanto falava apanhou uma bengala e des-



pejou uma série de pauladas nas costas e na cabeça do infeliz desastrado.

O coitado fugiu gritando; D. Bosco então tomou a sua defesa e repreendeu o sacristão:

— O que é que o senhor está fazendo? Para que espancar o rapaz dessa maneira?

— Ele não sabe servir a Missa e vem para a sacristia.

— Chame-o logo aqui; preciso falar com ele; é meu amigo.

Apesar de muito contra a vontade, o sacristão correu atrás do malfadado, chamou-o e persuadiu-o a voltar para a sacristia, onde o apresentou a D. Bosco. Ele perguntou-lhe carinhosamente:

— Você já assistiu à Missa?

— Não... respondeu o rapaz tremendo de medo.

— Venha então ouvi-la; depois conversaremos sobre uma coisa que lhe dará prazer.

Celebrada a Missa, pôs-se a interrogá-lo:

— Meu bom amigo, como se chama?

— Bartolomeu Garelli.

— De que cidade é?

— De Asti.

— Que idade tem?

— Dezesseis anos.

— Sabe ler e escrever?

— Não sei nada.

— Qual é o seu ofício?

— Sou servente de pedreiro.

— E seus pais?

— Morreram há alguns anos.

— Já fêz a Primeira Comunhão?

- Não senhor.
  - Já se confessou alguma vez?
  - Já; mas eu era muito criança.
  - Você freqüenta o catecismo?
  - Não tenho mais coragem; meus amigos caçoam de mim porque já estou muito crescido para isso.
  - E se eu lhe ensinasse o catecismo aqui, aqui, longe de todos, você viria?
  - De muito boa vontade, contanto que não me surrem mais!
  - Pode ficar descansado; você de hoje em diante é meu amigo; quando quer começar?
  - Quando o senhor estiver disposto.
  - Agora mesmo, então?!
  - Pois não, com muito prazer.
- E assim começaram. O rapaz foi perseverante: não faltou um domingo sequer. Bem cedo, outros companheiros seguiram o seu exemplo e assim Bartolomeu Garelli ficou sendo a pedra fundamental dos Oratórios de D. Bosco e de toda a obra salesiana.
- Muitas vezes, quando relembrava o fato, ele ria com D. Bosco e dizia sempre:
- A surra do sacristão me fez feliz!

### A FÓRÇA DO ENTUSIASMO

Os poetas cantam que Orfeu atraia com seu canto as pedras e as plantas. Nós bem podemos contar que D. Bosco atraia, com sua fascinação irresistível, turbas de jovens que, só ao vê-lo, ficavam eletrizados e corriam ao seu encontro, dando-lhe vivas.

Certo dia, perto da "Porta Palazzo", encontrou-se com um dos seus meninos; o garoto voltava das compras e carregava um copo cheio de vinagre e uma garrafinha de azeite.

Assim que o viu, o pequeno se pôs a pular de alegria, gritando: Viva D. Bosco!

O santo, sorrindo divertido, começou a gritar também: Viva!

Chegou-se para o petiz e disse, por brincadeira:

— Você é capaz de fazer o mesmo que eu? E pôs-se a bater palmas.

O garoto, fora de si de entusiasmo, pôs a garrafa em baixo do braço, e tentou bater palmas também; mas nisso o copo e a garrafa rolaram pelo chão espatifando-se. Ao ouvir o barulho dos vidros partidos, ao ver os líquidos esparramados, o pequeno ficou como que atordoado. Foi só depois de perceber o desastre que se pôs a chorar balbuciando:

— Ai que surra!... quantas palmadas vou levar de minha mãe!

— Alegre-se! alegre-se! disse D. Bosco. Isto é fácil de remediar; venha comigo.

Tomou-o pela mão e entrou com ele numa venda próxima; contou o episódio à dona e pediu-lhe que vendesse ao pequeno tudo o que perdera.

— Pronto! exclamou a mulher cheia de admiração pelo jovem sacerdote, e perguntou:

— Quem é o senhor?

— Eu sou D. Bosco... o pai dos moleques; quanto lhe devo?

— A conta é de 23 soldos, mas já está paga!

D. Bosco agradeceu à mulher pela sua generosi-

dade e saiu com o garoto todo satisfeito: desde esse dia os dois riem sempre quando recordavam o episódio divertido.

Um outro rapazinho, admirador entusiasta de D. Bosco, era empregado numa loja de fazendas que dava para a rua por uma grande porta de vidro. Um dia estava ocupado com a limpeza quando viu passar D. Bosco.

Seguindo o primeiro impulso do coração, quis correr para cumprimentá-lo. Nem se lembrou da existência da porta e saiu impetuosamente; como era de esperar, deu de encontro aos vidros, espatifando-os.

Ao barulho dos cristais partidos todo o pessoal da casa acorreu: o dono levantou a voz e armou um berreiro; os transeuntes pararam em frente à casa e o pobre menino foi para junto de D. Bosco, todo trêmulo.

— O que fizeste? perguntou o santo com um sorriso.

— Vi-o passar e, como desejava muito cumprimentá-lo, sai sem prestar atenção à porta.

— Pois bem, pagarei o prejuízo que causaste: estás satisfeito?

Mas o patrão, compreendendo que se tratava de um descuido, disse:

— O bom coração desse rapaz e a caridade de D. Bosco nada devem sofrer. Espero que, para outra vez, o nosso Carlinhos não queira mais passar através dos vidros, como se fosse um espírito.

E assim o desastre acabou em risadas.

Em Chieri, Bosco tinha aprendido a tocar violino com o chefe dos cantores do Duomo e acompanhava as funções.

No tempo em que ainda era clérigo, um tio de 102 anos o convidou para tomar parte numa festa em um arrabalde de Buttiglieri. Pedira-lhe que ajudasse a cantar e a tocar violino. Bosco aceitou e tudo correu às mil maravilhas até depois do jantar, em casa do tio que era o festeiro.

Acabada a ceia, os convivas, entre os quais estava o Vigário, pediram-lhe que tocasse alguma coisa para os distrair. Ele para agradar sobretudo o velho tio que insistia ainda mais do que os outros, não soube recusar. Tocou durante algum tempo, sempre muito aplaudido. Em dado momento, porém, a sua atenção foi desviada pelo som de vozes e passos no pátio que ficava em baixo da janela. Espiou e viu um bando que dançava alegremente ao som do seu violino.

É impossível descrever-se o desdém do clérigo Bosco naquele momento.

— Como! gritou para os convidados, eu que protesto tão enérgicamente contra os bailes, me tornei promotor de um deles?! Ah! não: isso nunca há de ser!

E, atirando o violino ao chão, espezinhou-o, partindo-o em mil pedaços. E depois desse dia nunca mais tocou.

Tôdas as vêzes que contava o fato, ria da justa punição que impusera a si próprio.

## CANTORES NO BARCO

D. Bosco servia-se da música como meio eficiente para atrair e reter os seus jovens. Seus cantos aumentavam enormemente o entusiasmo dos meninos e a admiração das populações.

Certo dia, ele levou os seus protegidos para um passeio de barco no rio Pó até Nossa Senhora "del Pilone".

Quando as três barcas que os conduziam alcançaram o meio do rio, todos entoaram um hino. Ao som das vozes, os que se achavam nas margens se puseram a seguir o curso das embarcações, atraídos por aquela romântica harmonia. Uma companhia de corneteiros que por acaso se achava ali de passagem, deu fôlego às cornetas e acompanhou o refrão facilímo.

O efeito foi grandioso.

A medida que as barcas e o canto avançavam, a multidão crescia e quando chegaram a Nossa Senhora "del Pilone" todos os habitantes sairam de suas casas para receber festivamente os jovens cantores e presentear-los com frutas e doces.

D. Bosco ria dêsses sucessos e agradecia ao Senhor por êles.

## AS COISAS OCULTAS E PREVE O FUTURO

O Senhor comprazia-se em derramar desde então bênçãos especiais sobre os esforços e os trabalhos do santo.

Naqueles dias — estava-se mais ou menos em maio ou junho de 1844 — uma pobre mulher tuberculosa em último grau estava internada no hospital de São João.

Passara uma vida deplorável e temiam que ela acabasse com uma morte desesperadora. Prêsa nas malhas de mil intrigas, havia muito tempo que não freqüentava os Sacramentos. Tôdas as vezes que o Capelão e as Irmãs procuravam dissuadi-la, tinha impetos de cólera. O próprio Santo D. José Cafasso tinha sido repelido, e este pediu então a D. Bosco que se interessasse pelo caso.

Ele acorreu e começou a conversar com ela sobre vários assuntos; por fim fez-lhe esta declaração:

— Em nome de Deus eu lhe digo que, na sua misericórdia, Ele lhe concederá ainda poucas horas de vida a fim de que a senhora possa pensar na sua alma. Apresse-se a confessar-se e a receber os outros Sacramentos porque amanhã estará na eternidade.

Essas palavras encheram de pavor a infeliz que se confessou e morreu naquela mesma noite, resignada e convertida.

Felicitado pelas irmãs e pelo capelão, D. Bosco iria consigo mesmo por ter salvado uma alma com sua franqueza e energia.

\* \* \*

Decorridos alguns dias, D. Bosco estava na igreja de S. Francisco de Assis, onde era coadjutor. Uma rica dama, a embaixatriz portuguesa em Turim, tendo que viajar, resolveu pôr em ordem o estado de sua

alma, e para esse fim foi procurar justamente a igreja de S. Francisco.

Ela não conhecia o Santo, ele por sua vez, nunca a vira antes. Entrando na igreja e vendo um padre que, ajoelhado perto de um confessionário, rezava com muito recolhimento, resolveu confessar-se com ele.

D. Bosco ouviu-a e, por penitência, mandou-a dar certa quantia em esmolas naquele mesmo dia.

— Padre, eu não posso!

— E por que não, se possui tantas riquezas?

Ao ouvir essas palavras, a dama surpreendeu-se. Como é que o sacerdote conhecia a sua posição social, se ela tinha a certeza de que, de maneira nenhuma, se dera a conhecer?

— Padre, não posso cumprir a penitência porque vou viajar.

Ele respondeu:

— Pois bem, compra então esta outra: reze ao seu Anjo da Guarda para que a preserve de todos os males, durante o que lhe acontecerá hoje.

A estupefação da senhora cresceu ainda mais. De volta para casa, contou o caso aos da família; fez com eles a oração ao Anjo da Guarda e subiu na carruagem com a filha e uma empregada.

Tinham percorrido pouco caminho quando os cavalos, assustados, se precipitaram numa carreira desabalada. O cocheiro caiu da boléia, e a senhora foi bater com a cabeça no fundo do carro enquanto os animais corriam sem direção.

Foi então que, num instante de lucidez, ela se lembrou das palavras de D. Bosco; invocou em voz

alta o Anjo da Guarda e os cavalos pararam instantaneamente.

Os que acorreram para acudir os viajantes ficaram grandemente surpreendidos ao ver que nenhum deles sofrera um arranhão sequer.

De volta a Turim, a nobre senhora voltou à Igreja de São Francisco; quis saber quem era o padre para agradecer-lhe e desde então se tornou sua admiradora.

Mais tarde cooperou grandemente para a obra salesiana e tôdas as vêzes que se encontrava com D. Bosco contava o fato e ria com ele por ter sido o seu salvador.

## ASTÚCIAS PARA USO PARTICULAR

Desde os primeiros tempos de seu estabelecimento em Turim, a fama da santidade de D. Bosco difundiu-se bem depressa. Muitas famílias desejavam estreitar relações com ele e a sua amizade era disputada.

Certo dia, uma família inteira foi visitá-lo, ansiosa por ouvir a sua palavra.

D. Bosco notou logo a falta de modéstia no trajar da mãe e das filhas. Mas não querendo censurar abertamente, dirigiu-se à menor, dizendo:

- Queria que me desses ~~uma~~ explicaçāo.
- Com muito prazer, respondeu a menina que não cabia em si de alegria.
- Diz-me, por que ~~desprezas~~ assim os teus braços?

- Eu?!... eu não os desprezo.
- No entanto, parece que sim.
- Oh! pelo contrário, começou a mãe. Se o senhor soubesse como devo ralhar com ela por causa da vaidade. Além de lavá-los, perfuma-os com águas cheirosas.
- Justamente por isso, continuou D. Bosco, sempre dirigindo-se à menina, eu te digo que desprezas os teus braços.
- Mas por que?
- Porque quando morreres eles serão atirados no inferno, no fogo eterno.
- Mas eu não faço nada demais!... Para o inferno eu não quero ir!
- E no entanto é o que vai acontecer... ou pelo menos passarás pelo purgatório e quem sabe por quanto tempo.
- Mas essa advertência é dirigida a mim também, exclamou uma das maiores corando.
- Sim... e as chamas subirão dos braços ao pescoço para queimá-lo.
- Já comprehendi, disse a mãe, já comprehendi; cabe a mim remediar as coisas e assim o farei.
- Desde essa ocasião, a mesma família foi muitas outras vezes visitar D. Bosco mas sempre com vestidos muito decentes; e riaram com ele ao se lembrarem da lição que, mesmo rindo, ele lhes dera.

## IMPERTINÊNCIAS DE UMA EMPREGADA

Vendo que os locais apertados onde ensinava catecismo não davam mais para acolher todos os seus jovens, D. Bosco saiu à procura de um lugar mais espaçoso. Encontrou o que queria perto da capela do antigo cemitério "São Pedro ad Vincula".

Entrou em acôrdo com o Capelão e no domingo, dia 25 de maio de 1844, conduziu o seu pequeno mundo a S. Pedro. O local, amplo e livre, excitou nos jovens o mais vivo entusiasmo e lhes proporcionou uma alegria sem par.

Mas infelizmente o entusiasmo e a alegria transformaram-se bem cedo em amargura e decepção por obra de uma mulher: a criada do Capelão.

Ao ouvir os cânticos, as vozes, o alarido dos 400 rapazinhos, ela saiu furiosa de casa e, com as mãos nos quadris, se pôs a apostrofá-los com a eloqüênciade que só a língua de uma mulher enraivecida é capaz. O pior é que ao mesmo tempo que ela falava, uma moça dizia injúrias, um gato miava, as galinhas cacarejavam; a julgar pelo alarde dir-se-ia no mínimo uma conflagração.

A princípio D. Bosco tentou acalmar a tempestade; mas o resultado da sua investida pacificadora foi uma nova carga de insultos. A coitada berrava como uma possessa: apertava os punhos, batia os pés e acabou berrando:

— Nada disso! nada disso! E o senhor D. Bosco, tome cuidado: não apareça por aqui no domingo próximo porque do contrário há de se arrepender.

— Minha boa senhora, ninguém pode saber com

certeza se estará aqui ou não no próximo domingo e a senhora faz tanto barulho!!

Reuniu os seus jovens e retirou-se com êles dizendo-lhes:

— Coitada! intima-nos a não por mais os pés aqui; mal sabe ela que domingo já estará enterrada.

### A ÚLTIMA CARTA DO CAPELÃO

O Capelão estava ausente nesse dia: mas assim que chegou, a criada indignada e furiosa o fez escrever uma carta endereçada à Municipalidade. A missiva alcançou o resultado desejado: estava escrita com tamanha acrimônia, tal era a sua rudeza, que a ordem de prisão de D. Bosco foi imediatamente despachada.

Porém, essa foi a última carta escrita pelo pobre Capelão. Na segunda-feira, poucas horas depois de enviá-la, ele morreu de repente, vítima de um ataque cerebral.

E não foi só: mal se fechara a sua sepultura que uma outra se abriu. Vítimada pela mesma doença, a criada seguiu o patrão, com dois dias de intervalo. Assim, no meio da semana, os dois adversários de D. Bosco já não estavam mais em cena no teatro d'este mundo.

Esses dois incidentes causaram a mais viva impressão: era impossível não ver nêles a mão de Deus.

A ordem contra D. Bosco não foi executada; pelo contrário, desde então a Municipalidade, o Arcebispo, os Vigários da cidade começaram a dar-lhe apoio e proteção.



E os jovens apertavam-se sempre mais amorosamente a ele, rindo de tanta benevolência de Deus, que intervinha em favor dêles com milagres assim.

#### ESTUDO VERSO ALEXANDRIANO

D. Bosco, obrigado a mudar-se de "São Pedro ad Vincula", por falta de espaço, obteve permissão da Municipalidade para reunir os seus protegidos na igreja "dei Malazzi", ou seja, "dos moinhos" da cidade. Ali também o batalhão alegre e barulhento foi recebido com descontentamento: toda a população das redondezas afastou-se, em sinal de protesto. O mais feroz da oposição era o secretário dos moinhos. Recolhendo aqui e ali rumores falsos contra os pobres rapazes e contra quem os reunia sob a sua direção, escreveu à Municipalidade uma longa carta cheia de acusações. Por causa disso, o Conselho municipal decretou a expulsão de D. Bosco do local.

Ao anunciar a coisa aos seus jovens, o Santo os encorajou, dizendo:

— Eis-nos obrigados a fazer como os ciganos novamente, mas não tenham medo!... Os repolhos transplantados têm mais viço e nós havemos de ser “grandes repolhões!...”

E ele mesmo riu com êles da magnifica expressão que achara. Acrescentou, porém, em tom profético:

— A Providência tomará a defesa da inocência de todos vocês!

Assim deu de fato. Depois daquela, o secretário não escreveu mais cartas. Um tremor violento levou-o

à sepultura. Mais tarde, seu filho, sózinho e abandonado, viu-se obrigado a procurar refúgio e pão no oratório fundado por D. Bosco.

## UM ALMÔÇO NA MONTANHA

Expulso dos moinhos, D. Bosco alugou um prado, onde reunia os seus rapazes. Dava ali suas aulas de catecismo e fazia os seus sermões. Quanto à Missa, conduzia-os ora a uma, ora a outra igreja dos arrabaldes. Para distraí-los e alegrá-los premiava-os de vez em quando com passeios ou com refeições e merendas, onde se divertiam à vontade. Num domingo foram ao monte dos "Capuccini", onde todos comungaram. Depois da Missa saíram para a enorme praça e D. Bosco distribuiu-lhes o almôço.

Enquanto todos comiam alegremente, notou um menino que, um tanto afastado, olhava tristemente para o bando satisfeito. Aproximou-se dele e perguntou:

- Como te chamas?
- Paulinho.
- Já almoçaste?
- Não senhor.
- Por que?
- Porque não confessei nem comunguei.
- Não é preciso nem confessar nem comungar para comer.
- O que é preciso então?
- Nada mais do que o apetite.
- Ah!... isso eu tenho, e bastante!
- Então vem comigo.

Levou-o para perto do cesto e deu-lhe pão e frutas em abundância; depois, acrescentou com um sorriso:

— De agora em diante não terás mais medo de D. Bosco e serás seu amigo?

— Ah! sim, serei seu amigo para sempre.

Foi de palavra. Uniu-se aos jovens do Oratório e o freqüentou com assiduidade, rindo muitas vezes com D. Bosco do encontro providencial.

### A GUARDA DE HONRA

Mas não faltou quem fôsse aborrecer D. Bosco até no prado.

Um dia apareceu por lá nada menos do que o marquês Cavour, magistrado de Turim, em pessoa. Vendo D. Bosco sentado no chão, no meio de um círculo de rapazes, perguntou:

— Mas quem é esse padre?

— É D. Bosco.

— D. Bosco! exclamou o marquês surpreendido; ou ele é louco ou merece ser levado para a cadeia.

E, mandando-o chamar, depois de muitas perguntas, disse-lhe:

— Meu bom padre, aceite o meu conselho: ponha esses desordeiros em liberdade; desista deles, que só causarão desgostos ao senhor e amolações às autoridades. Vejo que essas reuniões são perigosas e por isso não posso permiti-lo.

Diante das calmas e humildes observações de D. Bosco, o marquês acabou dizendo:



— Mas que lhe importam **esses** moleques? Deixe-os em suas casas; não tome responsabilidades.

— Importam-me muito a sua instrução religiosa e a salvação de suas almas, respondeu o Santo; quanto à responsabilidade, eu a tenho diante de Deus.

— Mas o senhor será vigiado!

A partir desse dia, todos os domingos, desde as primeiras horas da manhã, a polícia continuou durante muito tempo a mandar guardas que rondavam pelos arredores do prado. Espiavam enquanto o Santo confessava; aguçavam o ouvido enquanto pregava e seguiam-no a certa distância quando conduzia os rapazes à Missa ou aos passeios.

D. Bosco sorria ao ver-se acompanhado como um soberano por uma escolta de honra. E até o fim da vida riu desses tempos que ele chamava "os mais românticos do seu Oratório".

#### TESTAMÔNIO POR LOUCO

Não só as autoridades civis aborreciam o pobre D. Bosco e tentavam impedir o desenvolvimento da sua Obra, mas também seus colegas sacerdotes, mesmo os melhores amigos.

Justamente eram esses que teimavam em pensar que D. Bosco estava louco e que aquilo de se afobar e perder tempo por causa dos moços, já era uma mania de gente anormal.

Firmemente convencidos disso procuravam, por todos os meios e de todas as maneiras possíveis, induzi-lo a desistir do seu empreendimento. Alguns deles foram

visitá-lo e, com todo o cuidado e com tôda a caridade disseram-lhe:

— Caro D. Bosco, você comprehende que dessa maneira está comprometendo o caráter sacerdotal! Com as suas extravagâncias e os seus absurdos, com o seu hábito de se rebaixar até a tomar parte nos jogos dos moleques e a andar com êles pelas ruas e praças, você perde o seu decôro, desperta o pasmo e faz rir de si!"

E, como D. Bosco, certo da necessidade e eficácia de sua Obra, dava mostras de não estar persuadido, pela lógica desses avisos, êles continuaram:

— Mas você está com o juízo alterado, não raciocina mais! Pobre e caro D. Bosco, não deve teimar, visto que nunca poderá conseguir o impossível. Não vê que até a própria Providência é contra a sua Obra e que não há ninguém disposto a lhe alugar um local?!...

— Oh! a Providência! — exclamou então Dom Bosco erguendo as mãos para o céu — a Providência me ajudará! Ela enviou-me êsses meninos e eu não rejeitarei nenhum deles sequer, notem bem, nenhum. Vocês estão enganados; a Providência há de fazer por mim tudo o que for necessário. E, desde que não me querem alugar um local, eu mesmo hei de construir um, com o auxilio de Maria Santíssima. Haverá vastos edifícios, com escolas, laboratórios, oficinas de tôda a espécie, áreas espaçosas e pórticos... uma igreja magnifica. Não faltarão clérigos, catequistas, assistentes, professores, mestres de obras, e numerosos sacerdotes. Vocês hão de ver... vocês hão de ver...

E enquanto falava assim, o seu olhar iluminava-se e brilhava de um esplendor singular.

Ao ouvir essas palavras, êsses planos quiméricos, seus amigos sentiram-se profundamente comovidos porque os consideravam como provas evidentes da loucura do seu amado colega. Despediram-se dêle e foram-se, abanando a cabeça e repetindo:

— Coitado! perdeu o juizo de uma vez; é preciso tomar providências...

D. Bosco, que os acompanhara até a porta e lera as suas intenções, ria consigo mesmo e esperava pelos acontecimentos, pronto para qualquer luta, por mais árdua que fôsse.

#### PARA O HOSPÍCIO

E os acontecimentos não se fizeram esperar. Os tais amigos, de acordo com a Cúria Episcopal, foram procurar o diretor do hospício. Obtiveram um lugar para o suposto louco, e dois dêles os mais ladinos e corajosos, aceitaram a missão de executar o piedoso plano que tinham ideado.

Alugaram um carro fechado e foram visitar D. Bosco. Depois de trocar cumprimentos, convidaram-no para um passeio, dizendo-lhe:

— Um pouco de ar puro vai fazer-te bem, caro D. Bosco. Temos justamente um carro à nossa espera; é só ires conosco, entrares nêle, e lá vamos nós para o campo.

O Santo percebera logo a intenção dos dois; mas, fingindo não ter dado pela coisa, aceitou o convite e desceu com êles, dizendo:

— Logo um carro! Viva o carro!... Para dizer

a verdade, não estou acostumado a tais luxos, mas, em todo o caso, vamos!

Convidaram-no gentilmente a entrar em primeiro lugar; mas ele se esquivou, dizendo:

— Não; isso seria falta de consideração da minha parte. Façam o favor de entrar na frente.

Os outros subiram sem desconfiança, certos de que D. Bosco os seguiria. Mas ele, assim que os viu lá dentro, bateu a portinhola com estrondo e gritou para o cocheiro:

— Depressa! para o hospício!

O homem obedeceu mais do que depressa: chicotou o cavalo, saiu correndo, e em pouco tempo alcançou o hospício onde, achando o portão escancarado e os enfermeiros prontos, entrou, sempre na disparada.

O guarda fechou prontamente o portão, os enfermeiros cercaram o carro e abriram as portas, mas qual não foi a surpresa geral quando, em lugar de um louco, viram dois.

Ninguém conseguia decifrar o enigma. Apesar de protestarem enérgicamente, os dois foram conduzidos para o andar superior. Tiveram que se sujeitar a almoçar com os internados porque os médicos e o diretor estavam ausentes, para o almoço. Só à noitinha, depois de devidamente esclarecido o equívoco, é que conseguiram ser postos em liberdade. Passando de boca em boca, a história percorreu a cidade toda num instante. Todo o mundo riu e desde aquél dia as opiniões acerca do Santo mudaram e ele passou a ser mais admirado do que nunca.

## SINOS QUE BADALAM SÓZINHOS

Os sinos da "Madonna di Campagna" uniram-se também aos aplausos e às risadas dos cidadãos depois da aventura do hospício, quase como se quisessem atestar a grande bondade da Providência que protegia o nosso Santo.

No domingo de Ramos, último dia em que Dom Bosco tinha licença para reunir os seus jovens no prado, ele anunciou que iriam assistir à Missa na igreja da "Madonna di Campagna", dirigida pelos Capuchinhos. A proposta foi acolhida e aceita com júbilo. Pelo caminho, recitaram o têrço, cantaram ladinhas e cantos sacros.

Quando o batalhão de 400 moços pôs os pés no vale que dá para o convento, os sinos do Santuário começaram a repicar festivamente e de modo tão retumbante e alegre como jamais se ouvira. A coisa causou admiração: todos os habitantes do lugar dirigiram-se para a igreja.

Os frades também acorreram muito surpreendidos, perguntando uns aos outros a razão daqueles sons: quem os produzira? quem os encomendara? Mas ninguém tinha dado ordens a esse respeito e ninguém tinha tocado os sinos; portanto chegaram à conclusão de que tinham repicado sózinhos.

Para celebrar o acontecimento, o padre guardião mandou preparar no jardim do convento uma abundante refeição para a turba errante, que saboreou tudo, rindo alegremente com os frades e com Dom Bosco, acanhado diante da proteção tão visível da Providência.

Todos os rapazes que se encontravam com D. Bosco, mesmo uma única vez, e o ouviam falar, tomavam-se por ele de afeto inacreditável: amavam-no a tal ponto, que uma vez que o conheciam não podiam mais viver sem ele.

Em 1846, aconselhado pelos médicos, D. Bosco tinha ido para Sassi, lugarejo nas vizinhanças de Turim, para uma estação de repouso. Naquela época, os alunos das Escolas Cristãs tinham seguido um curso de Exercícios Espirituais e quase nenhum deles se tinha confessado, esperando pela chegada de D. Bosco, como de costume. O dia do encerramento chegou e os bons rapazes, vendo que ele não aparecia, saíram à sua procura. Foram a Valdocco e de lá, a Sassi, onde chegaram em grupos de 50 ou 60. Eram mais de 300 e vinham todos cobertos de suor e de lama, e tão cansados e enfraquecidos que dava dó.

Ao vê-los e ao saber o motivo da jornada, Dom Bosco comoveu-se. Foi logo para o confessionário e com ele o Vigário, dois coadjutores e o Padre-Mestre; e ali ficaram até depois do meio-dia.

E como os viajantes estavam em jejum e desprovidos de qualquer alimento, o bom Pároco foi buscar pão, angu, arroz, batatas, queijo, frutas, tudo o que tinha enfim. Os habitantes do lugar também contribuiram e assim a aventura acabou numa refeição agradável e divertida, cuja lembrança fez rir os rapazes e D. Bosco, durante muito tempo. Depois da refeição voltaram para a cidade restaurados e radiantes. can-

tando estribilhos e canções alegres, entremeados com os mais entusiásticos vivas a Dom Bosco.

## AMEAÇAS CASTIGADAS

O nosso Santo tinha finalmente conseguido comprar uma casa nas redondezas de Valdocco e tinha aberto ali o seu primeiro Oratório, na esperança de que o deixassem em paz.

Mas qual! O demônio, que nunca dá sossego aos santos, suscitou sem demora novas inimizades que fizeram todo o possível junto à Municipalidade maçônica da época para aniquilar e dispersar a Obra de D. Bosco. O prefeito da cidade, marquês Cavour, mandou chamá-lo e sem preâmbulos foi logo ao que queria:

— Já é tempo de acabar com isso, meu caro abade; desde que o senhor teima em prosseguir na sua obra, sou obrigado a mandar fechar o Oratório.

— Perdão, senhor marquês, respondeu D. Bosco, mas se eu fechar o meu Oratório, teria receio das maldições de Deus que cairiam sobre mim e sobre o senhor.

— Menos conversa: vamos aos fatos... Tenho obrigação de zelar pela tranqüilidade pública; portanto mandarei vigiar a sua pessoa e as suas reuniões. Ao primeiro ato comprometedor, darei ordens para dispersar os seus moleques, e o senhor será responsável pelo que acontecer.

Foram essas as últimas palavras que o marquês pronunciou na prefeitura, pois que, de volta para casa, foi atacado por uma gôta obstinada que depois de muito fazê-lo sofrer, o levou à sepultura.



A morte do prefeito impressionou tôda a população, e durante muitos anos, principalmente na esfera dos magnatas, não houve mais ninguém, seja da Municipalidade, seja do Governo, que molestasse D. Bosco.

Ele ria com os seus jovens dessas vitórias e aproveitava-se delas para prosseguir com maior alacridade na sua marcha gloriosa.

### VITÓRIA SINGULAR

Naquele tempo, a fama da marquesa Barolo, senhora riquíssima e de grande piedade, inteiramente dedicada a obras de beneficência, estendia-se não só em Turim, mas em todo o Piemonte.

Grande amiga de D. Bosco, ela não compreendia entretanto o seu espírito e a sua grande missão; queria desligá-lo dos jovens e fazê-lo diretor dos estabelecimentos fundados por ela.

Um belo dia chamou-o e disse-lhe:

— Senhor D. Bosco, pretendo fazer-lhe uma proposta bastante vantajosa: abandone os seus rapazes e tome a direção dos meus Institutos.

D. Bosco respondeu sem a menor hesitação:

— O que diz, minha senhora?!... Eu abandonar os meus meninos?... Não, nunca! Vossa Senhoria tem dinheiro e muitos meios; achará facilmente quem a possa e queira coadjuvar. Mas os meus jovens não têm nada, nem dinheiro, nem proteção; quem irá tomar conta deles se eu os deixar?

— Então o senhor prefere os seus vagabundos

aos meus Institutos?!... E o que poderá fazer assim tão pobre e sem auxílio?

— Senhora marquesa, continuou D. Bosco, eu sou pobre, não tenho um níquel, mas não preciso da senhora!

— Vejam só que soberba!... exclamou a marquesa, está na miséria e diz que não precisa de mim!

— Não, não preciso do seu auxílio, mas se a Providência quisesse servir-se da senhora para me ajudar, eu aproveitaria de boa vontade e lhe ficaria muito grato.

— Não, não!... Ao senhor eu nunca darei nada. E não me apareça mais aqui porque a minha porta estará fechada para o senhor!

Assim dizendo, despediu-o e D. Bosco retirou-se.

A marquesa que, no fundo, era mulher de insigne piedade e fino critério, se acalmou e, pouco a pouco, foi ficando tratável novamente.

De tempos em tempos mandava a D. Bosco as suas generosas esmolas de 200 ou 300 liras que o Santo recebia, rindo da oferta e da vitória sobre a marquesa; que se mantinha calada, mas vencida.

## RINDO E CHORANDO COM SEUS FILHOS

No mês de julho de 1946, D. Bosco foi atacado por uma bronquite fortíssima que quase o matou. Todos rezavam por ele. Uma noite, que parecia ser a última da sua vida, o teólogo Borel que o assistia teve a inspiração de lhe sugerir que fizesse também uma oração

para o seu restabelecimento. D. Bosco continuava calado, e o teólogo replicou:

— D. Bosco, o senhor sabe que o Espírito Santo nos aconselha a rezar nas nossas enfermidades... reze portanto para êsse fim.

E D. Bosco respondeu:

— Deixemos que o Senhor aja segundo a sua santa vontade.

— Pois bem, diga ao menos comigo: "Senhor, se êsse fôr o vosso desejo, fazei-me sarar".

E D. Bosco continuava calado.

— Faça-me êsse favor, caro D. Bosco, eu lho peço em nome dos seus filhos chorosos; repita comigo do fundo do coração: Senhor...

O doente repetiu para satisfazê-lo:

— Senhor...

— Se êste fôr o vosso desejo...

— Se êste fôr o vosso desejo...

— Fazei-me sarar...

— Fazei-me sarar...

Logo depois dessa invocação, o bom teólogo levantou-se e, enxugando as lágrimas, exclamou:

— Isso chega! O senhor ficará bom; tenho certeza. Para completar as nossas inúmeras orações só faltava a sua, D. Bosco; agora seremos atendidos.

Não se enganou: D. Bosco dormiu e quando acordou foi para voltar de novo à vida. Os médicos que o foram visitar de manhã, com receio de encontrá-lo morto, ao tomar-lhe o pulso exclamaram:

— Caro Dom Bosco, levante-se e vá agradecer à Virgem Santíssima, que há bastante razão para isso.

A notícia da cura repentina inundou de consolação



o coração dos rapazes que o demonstraram, primeiro com lágrimas, depois com uma alegria transbordante.

No domingo, agitaram-no numa poltrona e o carregaram em triunfo pela casa, rindo e chorando com êle de ternura e de júbilo.

## LUTA COM O DEMÔNIO, DESCORNA-O E VENCE-O

Durante os primeiros anos em que se estabeleceu definitivamente em Valdocco, o demônio fêz contra êle uma guerra sem tréguas. Derrubou duas vêzes a casa que estava construindo, reduzindo-a a um montão de escombros. Uma terceira vez atingiu-a com um raio, pondo em perigo a vida de D. Bosco e de seus filhos. Finalmente, teimava em não lhe dar nem uma hora de descanso. À noite, assim que o Santo ia deitar-se, tratava de molestá-lo com os barulhos mais estranhos. Eram batidas terríveis, rolar de pedras, ruidos de tôda a espécie. E, como se isso não bastasse, chegou a levantar-lhe a cama e batê-la no chão com veemência.

E a falta de sono e de repouso, o tinha exgotado e êle ameaçava adoecer novamente; resolveu portanto acabar com aquilo de uma vez por tôdas. Armou-se de uma imagem de Nossa Senhora e subiu com ela para o sótão; fêz a volta tôda com o quadro erguido, gritando:

— Demônio, demônio, fora daqui!

Pendurou depois o quadro na parede e pediu a Nossa Senhora que o livrasse dessas pilhérias diabólicas.

Desde então tudo acabou como por encanto: não se ouviram mais nem barulhos nem vozes de espécie alguma. O quadro ficou pendurado ali durante seis anos, até o dia em que a casa foi demolida para a construção de outra.

E o demônio, com todo o seu poder, ficou desconsulado e vencido para sempre.

É fácil imaginar as risadas de D. Bosco e de seus filhos tôdas as vêzes que relembravam o fato.

## RAIO PROVIDENCIAL

Muitos outros jovens depois desses foram bater à porta de D. Bosco, à procura de pão e abrigo. O Santo e sua mãe faziam arranjos engenhosos para abrigá-los; mas, por mais que se esforçassem, o espaço era pequeno e logo todos os cantos da casa foram ocupados: até a própria cozinha transformava-se à noite em dormitório.

Que fazer?... O caso pedia uma solução imediata. O Santoolveu as vistas para uma casa não longe da sua e determinou alugá-la.

Sem perda de tempo procurou a proprietária. Esta, a senhora Vaglienti, pediu-lhe um preço exorbitante e, depois de muito discutir, ainda não tinham chegado a um acôrdo, quando um acontecimento verdadeiramente singular veio aplacnar as dificuldades: o céu, que escurecera de uma hora para outra, se tornou quase negro e de repente se viu um clarão vivíssimo seguido por uma faísca tão forte que fez tremer a casa dos alicerces ao teto.

A proprietária, atordoada, virou-se tremendo para D. Bosco e exclamou:

— Se Deus me salvar do raio, juro-lhe que lhe cederei a casa pelo que o senhor oferecer!

— Muito obrigado! respondeu o Santo; fique sossegada; pedirei a Deus que a proteja agora e sempre.

Naquele mesmo instante os raios cessaram, cessaram os trovões, o céu clareou e o contrato foi estipulado por 450 liras. Todo satisfeito, D. Bosco apressou-se em levar a boa nova aos seus jovens e todos deram com êle muitas gargalhadas de júbilo.

## O DINHEIRO OU A VIDA

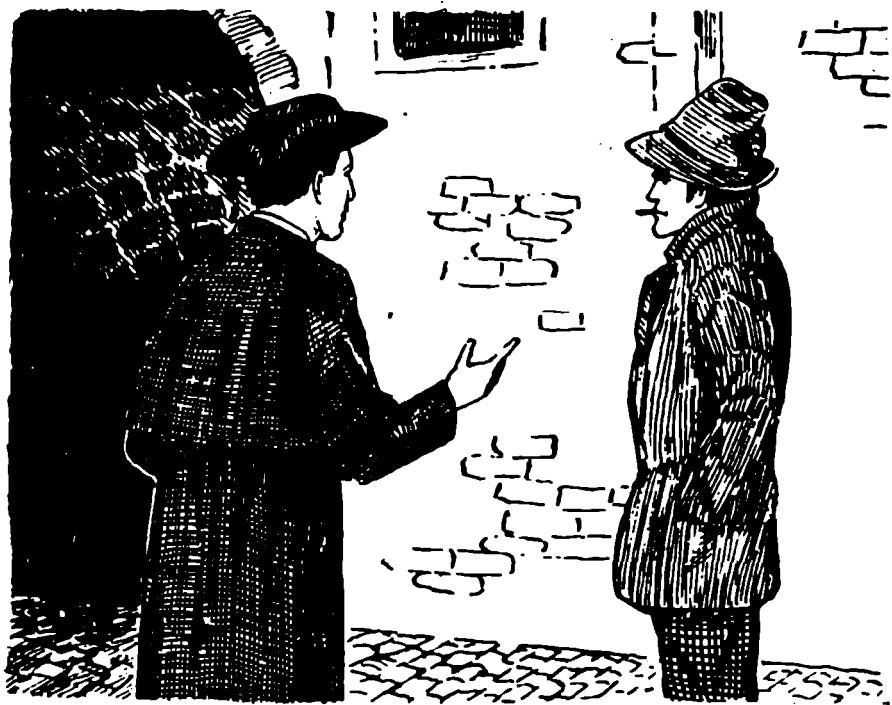
Um padre sempre é padre, costumava dizer D. Bosco, e isso deve transparecer em tôdas as suas palavras e em qualquer circunstância. Um sacerdote deve ter sempre em mira a salvação das almas e nunca deve permitir que quem quer que seja se aproxime e se vá sem ter ouvido uma boa palavra que contribua para a saúde da sua alma. Os seus atos correspondiam às suas palavras. Era seu costume fazer freqüentes viagens à sua cidade natal para visitar os irmãos.

Certo dia, ao cair da tarde, êle ia indo sózinho por uma estrada, quando deu com um desconhecido que, sem mais nem menos, gritou:

— O dinheiro ou a vida!

D. Bosco parou, olhou-o bem nos olhos e depois disse:

— Tenha paciência, homem!



— Qual paciência, qual nada!... ou dá o dinheiro ou morre.

— Dinheiro para você eu não tenho; quanto à minha vida, foi Deus que me deu e Ele é o único que pode querê-la de volta.

O homem trazia o chapéu enterrado até os olhos mas isso não impediu que D. Bosco reconhecesse nêle um preso que tinha catequizado na cadeia de Turim e que saíra de lá havia poucos dias devido às suas próprias recomendações.

Chamando-o pelo nome, continuou em voz baixa:

— Como! você, Antônio, metido nesse ofício? É assim que cumpre as promessas que me fez em Turim?

A essas palavras, o coitado reconheceu D. Bosco e começou a balbuciar:

— Ó D. Bosco, perdoe-me! Não o tinha reconhecido... peço-lhe perdão!

— Não chega, meu caro Antônio; é preciso mudar de vida.

— Prometo-lhe!

— Ainda não chega! é preciso começar já com uma boa confissão.

— Está bem; eu me confessarei.

— Quando?

— Até agora, se o senhor quiser... mas não estou preparado.

— Eu o prepararei; mas prometa a Deus que abandonará essa profissão de uma vez e que mudará de vida para sempre.

— Prometo!

Tomando-o pela mão, D. Bosco sentou-se à margem do caminho e o ladrão ajoelhou-se junto dêle.

O homem confessou-se dando mostras de verdadeiro arrependimento. Acabada a confissão, o Santo presenteou-o com uma medalha e com o pouco dinheiro que trazia consigo. No dia seguinte levou-o para Turim e pôs-se a procurar uma ocupação para ele. O rapaz empregou-se e dali por diante portou-se sempre honestamente, tornando-se bom cristão e virtuoso pai de família.

Tôdas as vêzes que se encontravam, os dois riem muito pensando no encontro de Becchi.

### PILULAS DE PÃO

Em 1844, em Montafia d'Asti, um tal senhor Turco caiu doente com febres tão persistentes que nenhuma receita médica conseguia curá-lo.

A familia recorreu a D. Bosco que, aconselhando ao doente a Confissão e a Comunhão, lhe entregou uma caixinha de pilulas para serem tomadas diariamente; e para cada pilula que tomasse, o doente devia recitar três Salve Rainhas à Virgem.

Depois de se confessar e comungar, o paciente começou o tratamento e em poucos dias estava curado.

Essa cura repentina causou a admiração de todos. O farmacêutico do lugar quis fazer a análise das pilulas milagrosas, mas qual não foi o seu espanto quando viu que não tinham nada mais além de pão.

Repetiu a análise, desta vez com mais cuidado e precisão e auxiliado por um colega. O resultado foi o mesmo; os dois acabaram concordando:

— É pão! só pão e mais nada, não resta dúvida!

O senhor Turco foi então fazer uma visita a D. Bosco em Turim para agradecer-lhe. Contou-lhe a história da análise que era a conversa do dia entre os habitantes do lugarejo. D. Bosco respondeu rindo:

— Sim, era pão, e as três Salve Rainhas que o senhor recitava em estado de graça eram o prodigioso complemento do pão.

### JESUS NA HÓSTIA

Os motins e insurreições de 1848 tinham acendido em todos os ânimos tal febre de novidade que a maior parte parecia ter ensandecido. D. Bosco preocupava-se bastante com esse estado de coisas porque tinha presentimentos, aliás não sem fundamento, de graves males para a Igreja.

Certo dia, estava celebrando no Instituto do Bom Pastor. No momento da Elevação uma freira deu, de improviso, um grito agudo que perturbou toda a comunidade.

Acabada a Missa, D. Bosco mandou chamar a freira e perguntou-lhe:

— O que foi que viu?

— Jesus na Hóstia!... respondeu a Irmã. Jesus vivo... em forma de criança... todo ensanguentado!

— E isso o que quer dizer?

— Não sei.

— Eu lho direi então: significa que uma enorme perseguição se está preparando contra a Igreja... Guarde isso na memória e reze.

Infelizmente o que previra se deu realmente com a guerra feita ao Papa Pio IX.

Quando voltou a celebrar a Missa na mesma comunidade, as boas Irmãs quiseram mais informações sobre as razões da aparição; mas ele, sorrindo, limitou-se a dizer:

— Talvez Jesus nos tivesse dado mais explicações se a irmã não o tivesse espantado com o grito.

## RESSUSCITA UM MORTO

No ano de 1849, um jovem chamado Carlos, de 15 anos, freqüentador do Oratório como externo, caiu gravemente enfermo. Em pouco tempo, perderam-se as esperanças de salvá-lo. Era filho de um estalajadeiro da vizinhança. O médico deu o caso por perdido e a família pensou em chamar um sacerdote. Mas Carlos queria e pedia só D. Bosco, seu confessor habitual. O Santo não estava em Turim e o rapaz morreu durante a noite, sempre chamando e invocando D. Bosco.

Na manhã seguinte, ele chegou e, logo ao saber da doença de Carlos, apressou-se em ir para junto dele. Porém, o criado foi ao seu encontro, gritando:

— É muito tarde, D. Bosco, agora já é tarde demais! Carlos morreu durante a noite.

— Não... Ele está dormindo.

E como o criado o fitava com ar irônico, acrescentou:

— Quer apostar uma pinta de vinho como Carlos não está morto?

Enquanto isso, as pessoas da casa apareceram em prantos, exclamando:

— Sim! sim! ele morreu mesmo; o pobre Carlos já não existe!

— Vamos ver, continuou o Santo.

Conduziram-no diretamente ao quarto, onde o morto, já vestido, jazia, coberto com um véu branco.

D. Bosco aproximou-se, rezou fervorosamente e depois disse aos presentes:

— Retirem-se um momento; deixem-me só com ele.

Chamou-o então e em tom de comando ordenou-lhe: — Carlos... Carlos... levante-se!

Ao som de sua voz o rapaz mexeu-se e, como se acordasse de um sono profundo, abriu os olhos, olhou ao redor e perguntou:

— Onde estou?... O Bosco, é o senhor mesmo?... Se soubesse quanto o desejei! Preciso de seu auxílio; fêz muito bem em me despertar!

A mãe do rapaz que estava ouvindo atrás da porta entrou precipitadamente no quarto; mas D. Bosco afastou-a dizendo:

— Espere, ainda não é tempo! Vá chamar a família que eu a previnirei quando fôr hora de entrar.

Dirigindo-se novamente a Carlos, disse-lhe:

— Estou aqui por sua causa, para auxiliá-lo: pode dizer tudo o que quiser.

— Ó D. Bosco! eu devia estar no inferno! Na última confissão que fiz não tive coragem de contar um pecado... foi um mau companheiro. Tive agora um sonho amedrontador. Sonhei que estava à beira de uma fornalha imensa... mil demônios me empurravam, queriam precipitar-me lá no fundo... queriam ver-me



queimar lá dentro; foi quando ouvi a sua voz e acordei.  
Quero confessar-me!

Começou logo a sua confissão, dando mostras do mais sentido arrependimento. Depois disso, D. Bosco fez sinal à mãe para que entrasse com todos os da família. Ao vê-los, Carlos gritou-lhes:

— D. Bosco salvou-me! eu não me tinha confessado bem... D. Bosco livrou-me do inferno!

Ficou assim cerca de duas horas, completamente senhor da sua mente, respondendo a tôdas as perguntas com lucidez. Contudo, apesar de se mexer e falar, o seu corpo conservava-se frio, o seu rosto lívido, o seu olhar amortecido e vago.

A certo ponto D. Bosco lhe disse:

— Agora você está com a graça de Deus... o Paraíso está aberto diante de você... quer ir para lá ou prefere ficar aqui conosco?

Ao que Carlos respondeu resoluto e cheio de júbilo:

— Desejo ir para o Paraíso!... Adeus!... encontrar-nos-emos lá em cima!

E deixou-se cair imóvel sobre o travesseiro; tornara a adormecer e fôra para o Senhor.

A fama desse fato conservou-se viva durante muitos anos; todos o comentavam; todos conheciam o lugar, a taboleta da estalagem, o nome e o sobrenome do rapaz e da família.

No Oratório e fora de lá, quem quer que fosse, ao se encontrar com D. Bosco dizia:

— Feliz do senhor que desperta os mortos! e rião com ele que fugia aos elogios exclamando: — Mortos que dormem!

## QUATRO SOLDOS DE POLENTA

Certo dia, um homem apareceu no Oratório. Contou a D. Bosco as suas misérias: tinha cinco filhos e a pobreza era tanta que não comiam desde o dia anterior e os pobrezinhos padeciam fome.

O Santo fitou-o com ar de compaixão e depois, remexendo por todos os cantos, encontrou finalmente quatro soldos que deu ao pobre, acompanhando-os com a sua bênção.

O homem retirou-se e D. Bosco, voltando-se para um tal José Brosio que se achava presente, disse:

— Coitado! se eu tivesse cem liras lhas teria dado tôdas porque me disse a verdade.

— Mas como é que o senhor pode sabê-lo se não o conhece?

— Digo-lhe até mais, continuou D. Bosco, esse homem não só é sincero e leal mas trabalhador e afeiçoado à família; se hoje está na miséria, é por infelicidade.

— Mas como pode saber disso tudo?

Pegando-lhe a mão e apertando-a com força D. Bosco exclamou:

— Eu li no coração dele!

Quis o acaso que, pouco tempo depois, José Brosio encontrasse em Turim o mesmo homem que o reconheceu e lhe contou o que fizera com o dinheiro:

— Com os quatro soldos comprei fubá e fiz polenta para meus filhos. Mas aquilo foi comida milagrosa! Comprei farinha que, quando muito, podia ser suficiente para duas pessoas. Éramos sete e todos comeram à vontade, tanto que no dia seguinte ninguém

mais teve fome. D. Bosco é um santo e nós lá em casa o chamamos o “Santo da polenta”. E não foi só o que aconteceu: depois da sua bênção, eu logo encontrei trabalho; os meus negócios melhoraram e continuam a melhorar de dia para dia.

Quando José Brosio relatou a D. Bosco o encontro e o diálogo, o Santo exclamou, rindo gostosamente:

— Eu sou mesmo um padre de polenta!

### PALMADAS MISTERIOSAS

No ano seguinte êle se achava em Lanzo por ocasião dos Exercícios Espirituais e de lá escreveu ao teólogo Borel:

“Meu caro sr. Teólogo — Domingo os jovens Costa e Berreta saíram da Igreja pela porta da sacristia durante as funções: dirigiram-se ao rio Dora e foram tomar banho. Mas, enquanto se divertiam na água, receberam de u'a mão invisível palmadas bem pesadas”.

Depois da leitura o Teólogo Borel chamou os dois rapazes; interrogou-os e êles confessaram, chorando, que as coisas se tinham passado precisamente como estavam descritas na carta.

A volta de D. Bosco atiraram-se aos pés do Santo pedindo-lhe perdão. Mas nunca mais se esqueceram das palmadas misteriosas e riem sempre com êle que, de tão longe, os tinha tão gentilmente castigado.

## D. BOSCO VIA LONGE

Entre outros dons, D. Bosco era dotado de extraordinária clarividência. Em 1847, tendo que ir a Stresa, tinha deixado o seu Oratório nas mãos do Teólogo Carpano, seu amigo.

Era domingo; ele viajava ao lado do empresário Frederico Bocca. Iam conversando animadamente quando, de improviso, sua fisionomia se escureceu e ele disse:

— Veja só! Aproveitando da minha ausência, o Teólogo Carpano afastou-se do Oratório e largou os meus filhos sózinhos; e ele está agora fazendo tal e tal coisa.

De volta a Turim, o sr. Bocca, quando se encontrou com o Teólogo, lhe disse:

— No domingo o senhor ausentou-se do Oratório e fez isto, isso e aquilo...

— Quem foi que lhe disse?

— D. Bosco em pessoa!

— Foram logo contar-lhe tudo!... Quem foi?... quero sabê-lo!

Mas emudeceu e acalmou-se ao saber que Dom Bosco tinha visto e adivinhado tudo por si. Pediu-lhe as devidas desculpas e riu depois com o Santo da sua clarividência prodigiosa.

## MULTIPLICAÇÃO DAS CASTANHAS

No domingo seguinte ao dia de Todos os Santos do ano de 1849, fizera-se no Oratório o Exercício da boa morte, isto é: todos os rapazes, internos e externos,

confessaram-se e comungaram. A noite D. Bosco, levou-os para uma visita ao Cemitério, com a promessa de lhes dar castanhas quando voltassem.

Mãe Margarida tinha comprado 3 sacos; mas, pensando que meio saco seria suficiente para satisfazer os rapazes, deixou o resto de lado.

De volta, os jovens alinharam-se como soldados à espera do ataque.

D. Bosco preparou-se e começou a distribuição com largueza: cada um recebia o chapéu cheio.

— O que é que você está fazendo?!... disse Margarida quando percebeu a generosidade do filho: não temos castanhas suficientes para tanto.

— Como não, se temos três sacos delas?

— Mas as outras ainda não estão cozidas!

— Cozidas ou não, agora que comecei devo ir até o fim!

E continuou sem se alterar a encher o chapéu de cada um.

Enquanto isso, o cesto se esvaziava: restavam poucos punhados no fundo e ainda faltavam mais de 600 rapazes.

As exclamações de alegria e entusiasmo, seguiu-se pouco a pouco um silêncio de ansiedade: os restantes tinham medo de ficar sem o quinhão.

Mas D. Bosco, que nunca perdia a calma e tinha uma fé e uma força de taumaturgo, os encorajou, dizendo:

— Nada de medo! As melhores estão no fundo... Nada de medo!

E arregaçando as mangas, continuou mergulhando ambas as mãos na cesta para encher os chapéus.



Por mais que tirasse, as castanhas nunca diminuiam de modo que todos sem exceção foram servidos. E quando levaram o cesto para a cozinha, ainda restavam duas porções: a de D. Bosco e a da mãe.

Naquela noite, no pátio e nas ruas todo o mundo repetia: — D. Bosco multiplicou as castanhas! E ele iria com todos do milagre, acrescentando modestamente:

— Foi Nossa Senhora! Foi Nossa Senhora!

Ainda hoje no Oratório e em tôdas as casas de D. Bosco comemora-se êsse fato, distribuindo-se no dia de Todos os Santos castanhas cozidas.

E ainda agora todos riem do milagre das castanhas.

### MULTIPLICAÇÃO DAS HÓSTIAS PARA A COMUNHÃO

Dois anos antes, ou seja, no belo dia da Natividade da Virgem Maria, no ano de 1847, cerca de 650 jovens tinham-se confessado e estavam prontos para a Comunhão.

D. Bosco começou a celebrar a Missa certo dia que havia hóstias consagradas no tabernáculo. Mas o cibório estava quase vazio e o sacristão tinha esquecido de deixar em cima do altar o outro para ser consagrado.

Chegando à Comunhão D. Bosco percebeu logo e com grande angústia o esquecimento do sacristão: Mas, que fazer? Não havia remédio!

Ergueu portanto os olhos ao céu, suspirou profundamente e deu inicio à Comunhão como se nada fôsse. As partículas multiplicavam-se nas suas mãos.

de modo que pôde distribuir a Comunhão a todos, sem partir nem uma Hóstia sequer.

Quando os rapazes lhe perguntaram como o tinha conseguido, ele respondeu tranqüilamente:

— Então, por causa do esquecimento do sacristão, Jesus, que tanto desejava entrar nos seus corações, havia de ficar desgostoso?

E, rindo docemente, exortava todos à Comunhão freqüente para causar prazer a Jesus.

Multiplicações como estas repetiram-se muitas vezes: com as broas no cêsto, com as avelãs no saquinho, com as medalhas no porta-niqueis; mas tenham paciência que isso fica para mais tarde.

## A PORTENTOSA PREGAÇÃO DE MILÃO

No ano de 1850, o Papa Pio IX tinha anunciado um jubileu extraordinário para reparar os danos espirituais causados pelas rebeliões e guerras daqueles tempos.

Em Milão, porém, ninguém ousava empreender pregação alguma, porque, depois das famosas "jornadas", a cidade parecia estar sobre um vulcão aceso, e o clero era rigorosamente vigiado pela polícia, que temia que os padres fizessem no púlpito alusões à insurreição abafada pouco tempo.

As coisas estavam nesse ponto, quando D. Bosco procurou o Vigário de S. Simpliciano e prontificou-se a pregar o Jubileu naquela Paróquia. O pároco estava na incerteza e, por via das dúvidas, manteve-o entendendo-se com o Arcebispo, mas este também evitava,

titubeante. Porém, diante das insistências de D. Bosco, cuja resolução parecia inabalável, disse por fim:

— Senhor Abade, eu não me oponho; mas se lhe acontecer alguma coisa desagradável, não serei responsável. O senhor não ignora o perigo da época que travessamos... Tôda a prudência será pouca!

— Muito agradecido. Excelência, respondeu D Bosco; hei de pregar como se pregava há 500 anos Dê-me a sua bênção.

Iniciou os seus sermões com franqueza; atacou logo o assunto da necessidade imediata e premente de uma reforma nos costumes; insistiu ainda sobre a volta dos pecadores à penitência, sobre os novíssimos... a morte, o juízo, a eternidade... mas nem sequer uma vez fêz a menor alusão à política da época.

O povo acorria sempre com curiosidade e ansiedade crescente; e os frutos foram extraordinários. Da Paróquia de São Simpliciano, passou a Santa Maria Nuova, a São Carlos, a Santo Eustorgio; e pregava contemporaneamente em Monza (no convento dos Barnabitas). Essa coincidência de pregações infundiu na mentalidade do povo a crença de que ele pregava em Milão e em Monza ao mesmo tempo.

Essa notícia voou célere para Turim e quando D. Bosco lá chegou, todos o interrogavam. Ele respondia-lhes rindo:

— É mesmo, em Milão tomaram-me por um fogofátnico.

## COMEREI UM CACHORRO

Quando D. Bosco expôs a sua idéia de construir uma igreja, D. Cogliotti, um seu colega, caçoando com ele, desafiou-o assim:

— Pobre Dom Bosco, se conseguires construir uma igreja, segundo dizes, "eu comerei um cachorro!"

D. Bosco construiu não só uma igreja, mas centenas delas; e Dom Cogliotti, naturalmente, nunca foi capaz de comer ao menos um cachorro. Se tivesse levado a sério o desafio, teria acabado ficando cachorro ou, à força de comê-los, teria morrido de "canícula". Quando o encontrava D. Bosco lhe dizia rindo, em tom de caçoada:

— Então, Cogliotti, e o cachorro?

## AI DE TURIM!

Entre os jovens internos daquele tempo, estava um tal Gabriel Fassio, de treze anos, de ótimos costumes e grande piedade. D. Bosco tinha por ele muita estima e dizia freqüentemente:

— Como ele é bom... Mas morrerá logo!  
E foi profeta!

O rapaz adoeceu, e já nas últimas, depois de recebidos todos os confortos religiosos, começou a gritar, como que inspirado:

— Ai de Turim! Ai de Turim!

Os companheiros que o assistiam pediram a explicação daquelas palavras estranhas.

— Um terremoto horrível, explicou ele.

- Quando?
- No dia 26 de abril... Ai de Turim!
- O que devemos fazer?
- Rezem a São Luís para que proteja o Oratório e os que o habitam.

Pouco depois morreu santamente.

Os jovens do Oratório, profundamente impressionados com aquèle grito inspirado, acrescentaram às orações da manhã e da noite um Pater e Glória, em honra de São Luis, com a invocação: "Ab omni malo, libera nos Dómine".

Chegou o dia 26 de abril do ano de 1852. Por volta do meio-dia, um estrondo tremendo, ouvido a quinze milhas de distância, abalou a cidade, escancarando portas e janelas sem deixar um vidro intacto. O depósito de pólvora explodiu: o desastre foi tão grande que pouco faltou para que Turim ficasse reduzida a um montão de ruínas. A casa do Oratório, porém, distante só 500 metros do depósito, ficou intacta e os rapazes, refugiados nas ruas e nos prados adjacentes, salvaram-se todos.

D. Bosco mandou imprimir grande número de cópias de uma imagem de lembrança. Viam-se no fundo a cidade de Turim e o depósito em chamas; no alto estava Nossa Senhora da Consolação e no plano da frente rapazes ajoelhados e de mãos postas dirigiam suas preces a Maria. Em baixo de cada imagem lia-se a estrofe seguinte:

*Nós, da pólvora acesa  
Por tua mercê livrados,  
Aos teus pés, grande Virgem.  
Damos graças, prostrados.*

O Santo e seus jovens entoavam muitas vezes esse cântico e acabavam com um viva a Nossa Senhora da Consolação e a Gabriel Fassio que os tinha livrado de tamanho perigo.

Eriam gostosamente, ao relembrar os episódios divertidos da fuga terrificante, em que cada um corria mais do que o outro, com vasilhas na mão e pão debaixo do braço.

### VINHO DO SANTO NOME DE DEUS

“Quem mais tem mais quer”, diz o ditado; e é justamente o que se deu com D. Bosco. Mal comprara a casa, sentiu logo a necessidade de dar início à construção de uma igreja onde pudesse reunir todos os seus filhos.

E dizia à mãe:

— Mãe, quero agora erguer uma bela igreja em honra de São Francisco de Sales, nosso protetor.

— Mas onde irá você arranjar dinheiro para tanto? Bem sabes que não possuímos mais nem um vintém, êsses pobres rapazes devoram tudo! Pensa bem antes de empreender uma obra dessas; entenda-se com Deus.

— É justamente o que eu faço. O Senhor é tão bom... tem dinheiro suficiente para todo o universo; portanto, nada de temores.

Chamou o engenheiro e pediu-lhe a planta; chamou o empreiteiro e confiou-lhe a obra e logo uns 30 pedreiros e operários puseram-se ao trabalho.

Entre os trabalhadores havia alguns que, de vez

em quando, proferiam blasfêmias que feriam os ouvidos de D. Bosco e de sua mãe; pediam-lhes que não as repetissem, mas eles se desculpavam, dizendo:

— Que querem!... Isso já é costume... as blasfêmias saem contra a nossa vontade; não podemos impedi-las.

— Façamos então um trato, disse-lhes D. Bosco se não blasfemarem, eu lhes darei todos os sábados um copo ou dois de vinho.

Essa linguagem foi mais eloquente e persuasiva do que qualquer sermão: por amor do vinho prometeram e cumpriram a promessa. Durante mais de um ano todos os sábados, Margarida levava-lhes um barrilzinho de vinho e quando perguntavam rindo: — Dona Margarida, que vinho é este? — ela respondia:

— É vinho do santo nome de Deus!

Do seu gabinete D. Bosco ouvia o diálogo e ria também do espírito de sua mãe.

#### MAS HÃO DE CAIR

Havia muito que D. Bosco pensava em comprar a casa de seu vizinho, o senhor Pinardi, para poder ampliar o seu Oratório, mas a soma exigida era exorbitante.

Aconteceu, porém, que na noite de 10 de fevereiro de 1851 houve uma briga das mais violentas com mortos e feridos, justamente no restaurante que ficava defronte à casa do sr. Pinardi.

Este, cansado de assistir sempre a cenas tão desagradáveis, foi procurar D. Bosco e lhe disse:

— Senhor D. Bosco! Isso não pode continuar...



é um desespêro sem fim... Sempre brigas e mais brigas! Se o senhor quiser mesmo comprar a minha casa, estou disposto a ceder-lha.

— Por quanto?

— Pelo que eu já disse: oitenta mil liras.

— Não posso fazer ofertas...

— Por que?

— Porque o preço é exagerado.

— Deixo isso a seu cargo.

— O senhor me cederá a casa pelo seu valor?

— Dou-lhe a minha palavra que a cederei.

— Ouça, sr. Pinardi, mandei avaliá-la e asseguraram-me que, no estado em que se acha, a sua casa vale de 26 a 28 mil liras. Eu lhe ofereço 30 mil: está bem?

Seja! mas o senhor pagará em dinheiro à vista?

— Pagarei em dinheiro à vista.

— Quando faremos a escritura?

— Quando lhe aprouver.

— Na semana que vem?

— Como quiser.

E quando se despediram, com um aperto de mão, estavam de acôrdo. Mas, onde achar o dinheiro para pagar a casa?

Era êsse o pensamento dominante de D. Bosco nos dias que se seguiram. Lembrou-se em boa hora que o Abade Rossini lhe tinha prometido 20 mil liras, mas assim mesmo 20 mil liras não eram 30 mil e de onde haveriam de vir as outras 10 mil?

A própria Providência encarregou-se delas. Eis que o Abade Cafasso, seu amigo e conselheiro, apareceu no Oratório sem ser esperado. Foi ao encontro

de D. Bosco com um sorriso jubilante e quase como se lesse em seu coração lhe disse:

— Vim trazer-te uma oferta generosa. São 10 mil liras que a Condessa Casazza manda para auxiliar as tuas obras.

— Deo gratias!... exclamou Dom Bosco. Elas chegaram mesmo no momento oportuno.

E depois de contar-lhe a história do contrato, foi incontinenti procurar o dono da casa.

— Sr. Pinardi, disse êle, quando quer concluir o negócio? O dinheiro já está aqui todo em ouro.

A palavra ouro instigou o senhor Pinardi e assim se dirigiram sem perda de tempo ao tabelião Cotta.

Na hora de assinar, D. Bosco puxou o seu saquinho e contou, uma após outra, as suas 30 mil liras em ouro.

Mas... as despesas da escritura... e o presente prometido à senhora Pinardi? Para tanto ainda eram precisas umas 3.500 liras.

D. Bosco, de tão satisfeito e entusiasmado com a compra, nem tinha pensado nisso. Ficou um instante perplexo, sem saber o que fazer, mas logo transformou a própria confusão em brincadeira. Pôs-se a sacudir o saquinho que ainda tinha na mão, dizendo:

— Espero que elas caiam, hão de cair essas liras que faltam.

Tabelião e testemunha caíram na gargalhada e o senhor Cotta, grande benfeitor de D. Bosco, exclamou:

— Pois bem, as 3.500 liras que faltam ficam por minha conta; está bem?

— Vejam só como elas caíram, vejam só como

apareceram, continuou D. Bosco. Eu sabia que a Providência não me havia de deixar em apuros!

E riram novamente em côro da brincadeira e do seu esplêndido êxito.

#### EXPULSA-OS SEM CERIMÔNIA

Vendo que nunca conseguiram derrotar D. Bosco por meio de discussões, os protestantes recorreram a outros meios para fazê-lo calar. Empregaram primeiro o que julgavam eficaz e infalível: o dinheiro; passaram depois às ameaças e aos atos de violência.

Num domingo de agosto do ano de 1853, chegaram ao Oratório dois senhores que pediram para falar com D. Bosco.

Conduziram-nos à sua presença e um deles, que devia ser certamente um ministro, depois de mil elogios sobre o talento do Santo, começou a dizer:

— Mas, Reverendo, se o senhor em lugar de se dedicar às Leituras Católicas e escrever livros de religião, voltasse as suas atividades para obras de história ou para outro ramo qualquer, obteria um benefício muito maior para o seu Instituto. Aceite pelo momento esta primeira oferta de 400 liras; não será a última: garanto-lhe que terá outras maiores.

D. Bosco recusou com desdém essa proposta fraudulenta e eles, levantando-se, disseram com o rosto alterado pela cólera e com voz ameaçadora:

— O senhor faz mal em recusar, pois nos ofende; não responderemos pelo que lhe possa acontecer.

D. Bosco, percebendo que um dos seus jovens estava de guarda atrás da porta, respondeu:

— Bem vejo que os senhores não sabem quem são os padres católicos sempre prontos a dar a própria vida pela glória de Deus e pela salvação das almas. Acabem portanto com essas ameaças porque eu me rio delas!

A essas palavras os dois homens não se contiveram mais, e aproximando-se dêle, estavam dispostos a agredi-lo.

D. Bosco empunhou prudentemente uma cadeira, exclamando:

— Se eu quisesse empregar a força, bem poderia fazê-los experimentar quanto custa a violação de domicílio. Mas não o farei! A força do sacerdote está na paciência e no perdão. Todavia, já é tempo de acabar com isso: retirem-se!

Nisso a porta do quarto se escancarou para dar passagem ao fiel e vigoroso José Buzzetti. D. Bosco dirigiu-se para êle e disse-lhe pacatamente:

— Acompanhe êstes senhores até o portão que êles ainda não conhecem bem o caminho.

Os dois entreolharam-se e, muito mansos, um após outro seguiram o guia que lhes indicava o caminho, com um sorriso. Dom Bosco acompanhava-os com o olhar e sorria também.

## CASTANHAS ENVENENADAS

As ameaças que citamos marcaram o início de uma série de atentados à vida de D. Bosco e êstes

foram tão numerosos e violentos que se deve atribuir o fato dêle escapar com vida a verdadeiro milagre.

Certa noite, depois do jantar, chamaram-no para confessar um doente numa casa um tanto afastada. Ele, sempre pronto, dispôs-se a sair, mas por prudência se fez acompanhar por alguns dos seus jovens. Chegando ao lugar indicado, deixou-os à porta e entrou.

Viu no ciosento uma meia dúzia de homens que, sentados ao redor da mesa, comiam ou fingiam comer castanhas.

Ao ver o padre, levantaram-se, e com a maior deferência convidaram-no a sentar-se para saborear algumas castanhas enquanto êles iriam prevenir o doente.<sup>1</sup>

— Não tenho disposição, disse D. Bosco; já jantei e não como mais nada.

— Prove pelo menos um copo do nosso vinho!

— Não, muito agradecido; não estou acostumado a beber fora das refeições.

— Ora, vamos... um copo não lhe há de fazer mal; pelo contrário, ajudará a digestão.

Nesse interim, um dêles encheu os copos dos companheiros com o vinho de uma garrafa e o de D. Bosco com o de outra. Ele logo percebeu que ali havia mistério: o vinho podia estar envenenado. Mas dissimulou e, erguendo o copo, brindou à saúde de todos e depois, sem levá-lo à boca, tornou a pousá-lo sobre a mesa.

— Mas, por que não bebe?! — perguntaram todos em côro.

— Não nos dê êsse desgôsto!

— Não nos insulte assim!

— Queremos que beba a todo o custo!

E, passando das palavras aos atos, dois deles agarram-no pelas costas, enquanto que um terceiro pegou o copo, intimando-o a beber:

— Se não quiser tomar o nosso vinho por bem, o tomará à força.

Assim forçado, D. Bosco recorreu a uma astúcia:

— Se quiserem absolutamente que eu beba, disse ele, soltem-me porque assim prêso derramarei o vinho.

— Tem razão, concordaram. E soltaram-no.

Ele, que já tinha medido a distância com o olhar, aproveitando o ensejo, deu um passo para trás, escancarou a porta e convidou os rapazes a entrar.

O aparecimento inesperado dos robustos jovens fêz com que os patifes recobrassem a razão e o cabeça, concluiu, manso e humilde:

— Se não quiser beber, paciência!... a ocasião não há de faltar.

D. Bosco retirou-se acompanhado pelos seus fiéis rapazes, radiantes por tê-lo salvado da morte e rindo com êles da violência dos valentões e da peça que lhes tinham pregado.

## O CÃO CINZENTO

Por maiores que fôssem os insultos e as ameaças, por mais terríveis que fôssem as armadilhas a que os seus adversários o sujeitavam, D. Bosco nunca andou armado e nunca empregou a força para rechassar os agressores. Quem o vigiou sempre em todos os encontros perigosos foi a Providência que se serviu até do "Cinzento" para isso. Quem era o "Cinzento"?

Era um cão portentoso, de mais de um metro de altura e de pelo cinzento — qualidade essa que lhe deu o nome; tinha o focinho alongado e as orelhas têssas: dir-se-ia um lôbo.

Mais de uma vez salvou a vida de D. Bosco em circunstâncias realmente extraordinárias.

Certa noite, no ano de 1852, D. Bosco voltava para casa sózinho. Na altura da praça Emanuele Fe-liberto, percebeu que alguém vinha correndo atrás dêle. Virou-se de repente e, vendo que um homem o seguia a poucos passos de distância armado de um cacete nodoso, se pôs a correr também, na esperança de chegar em casa antes de ser alcançado.

Já estava no fim da rua que levava ao Oratório, quando viu na esq. na da rua Cottolengo o resto do bando que o esperava, pronto para agredi-lo. Percebendo claramente o perigo, D. Bosco pensou em livrarse antes de mais nada do perseguidor. Parou de chôfre e fincou-lhe os cotovelos no peito com tamanha habilidade que o individuo caiu por terra gritando:

— Eu morro!... eu morro!...

O bom êxito da manobra salvava-o de um; mas os outros avançavam ameaçadores, prontos para atacá-lo com os cacetes erguidos.

Foi nesse instante que o Cinzento providencial apareceu correndo. Pulava de cá para lá ao lado de D. Bosco como que para o proteger. Soltava latidos e uivos amedrontadores; agitava-se com tamanha fúria que os malfeitos horrorizados com os seus impetos, pediram a D. Bosco que o amansasse e o retivesse junto de si. Assim, um após outro, debandaram e sumiram deixando que "o padre seguisse o seu caminho".



E D. Bosco, escoltado pelo Cinzento que lhe fazia mil festinhas, chegou tranqüilamente em casa, rindo do susto dos "valôrosos" velhacos.

## SEMPRE O CINZENTO

Noutra ocasião, em lugar de reconduzi-lo para casa, impediu-o de sair.

Era noite e D. Bosco precisava ir dar um recado. Mãe Margarida procurava dissuadi-lo, mas ele, exortando-a a não ter medo, pegou o chapéu e, acompanhado por alguns dos rapazes, saiu.

Chegando ao portão, deram com o Cinzento estendido no chão, como se esperasse por alguém.

— Qh! o Cinzento, exclamou D. Bosco; tanto melhor!... Estaremos bem acompanhados! Levanta-te e vem conosco.

Mas o Cinzento, em lugar de obedecer, soltou um rugido e não se mexeu.

Um dos rapazes fustigou-o com o pé para ver se conseguia tirá-lo dali; mas ele respondeu com um segundo rugido, ainda mais forte e surdo.

Margarida, que seguira o filho, lhe disse:

— Se não quis ouvir-me, ouça agora o cachorro: não saia.

Para satisfazer o desejo da mãe, D. Bosco voltou para dentro. Nisso um vizinho apareceu correndo esbafurido para preveni-lo: que não saisse de casa porque quatro indivíduos armados rondavam pelos arredores, decididos a matá-lo.

E era verdade: o fato foi confirmado mais tarde por pessoas dignas de fé.

Quantas vêzes Margarida, vendo que o filho demorava a chegar, mandava alguns rapazes ao seu encontro. Eles sempre o encontravam acompanhado pelo seu guia de quatro patas que parecia rir com ele dos receios de todos.

## DUAS AMIZADES PRECIOSAS

No entanto, não deixava D. Bosco de escrever cartas a sua majestade o rei na esperança de impedi-lo de dar um passo que previa funesto.

Um belo dia, falando com seu ajudante de campo, o rei exclamou:

— Quero conhecer pessoalmente esse homem e ter uma conversa com ele.

Certa manhã, passando por Valdocco, num dos seus passeios a cavalo, parou no Oratório com o seu general e pediu para falar com D. Bosco.

Por coincidência, poucos minutos antes D. Bosco tinha dito ao porteiro:

— Tenho muito que fazer; mesmo que o rei em pessoa venha procurar-me, diga-lhe que não posso receber.

Naturalmente, ele estava longe de prever o acontecimento.

O porteiro foi fiel à ordem recebida e Vitor Emmanuel afastou-se excitado, falando animadamente ao seu ajudante que, no dia seguinte, foi procurar o Santo e perguntou-lhe ressentido:

— O senhor é D. Bosco?

— Sou, sijn senhor.

— E teve a ousadia de escrever cartas ao rei, procurando impor-lhe a maneira de governar o reino?

— Escrevi realmente mas nunca tive intenções de impor a minha vontade a ninguém.

O general pôs-se então a injuriá-lo, chamando-o impostor, fanático, rebelde, inimigo do rei. D. Bosco procurou deter a torrente de injúrias mas o general que se enfurecia cada vez mais exclamou em certo ponto:

— Não quero palavras, mas fatos! O senhor tem que dar satisfação pelos insultos que teve a ousadia de dirigir ao rei.

— De que modo?

— Em nome de sua majestade, ordeno-lhe que escreva o que vou ditar.

— Estou pronto.

O general começou então o ditado de uma fórmula de retratação que equivalia à negação da verdade.

D. Bosco largou então a pena, exclamando:

— Isso não é possível! Eu não escrevo retratações dessa espécie.

— No entanto, deve escrevê-la a todo custo!

— Mas não escrevo!

A estas palavras resolutas, o general, furioso, levou a mão ao sabre, como se quisesse desafiá-lo para um duelo; mas D. Bosco, com sua calma inalterável e com a docura de sempre, desarmou-o pouco a pouco e por fim disse-lhe:

— Senhor conde, se eu soubesse que V. S. desejava satisfações, eu mesmo teria ido à sua casa, pouRANDO-LHE assim o incômodo de chegar até aqui.

O general, meio atordoado com essa proposta inesperada, sentiu-se calmo e transformado; adotando um tom mais cordial, acrescentou:

- Então o senhor iria à minha casa?
- Certamente!
- E teria coragem para isso?
- Teria.
- E se eu tomasse essa sua proposta a sério?
- Isso depende da sua vontade.

No dia seguinte, à hora marcada, D. Bosco chegou à casa do conde de Angrogna.

Estudaram juntos a fórmula de uma carta para o rei e desde esse dia o conde se tornou amigo sincero de D. Bosco e seu grande benfeitor.

Mais tarde, o próprio Vitor Emanuel veio a conhecê-lo e daí por diante estimou-o sempre muito. Procurava encontrar-se com ele em Turim e em Florença e dizia ao Arcebispo de Gênova:

— Sabe, Ex.a! O nosso D. Bosco é realmente um Santo! . . . !

Nunca cessou de socorrê-lo com subsídios e ofertas, hábito ainda conservado mais tarde pela Casa de Savoia.

Assim, Dom Bosco ria das suas preciosas amizades e das consideráveis esmolas recebidas.

## O CINZENTO OUTRA VEZ EM CENA

Noutra ocasião, em 1854, numa noite escura e brumosa de fins de dezembro, D. Bosco vinha da cidade e dirigia-se a casa de seu amigo Cottolengo. A certa

altura, percebeu que dois homens o seguiam a pouca distância e aceleravam ou diminuíam o passo à medida que ele próprio andava mais ou menos depressa.

Por mais que procurasse despistá-los, os dois estudavam o modo de não perdê-lo de vista. Não havia mais dúvida: tinham más intenções. O Santo pensou então em voltar para trás e pôr-se a salvo em alguma casa conhecida. Mas era tarde: os dois voltaram-se de improviso, alcançaram-no e atiraram-lhe uma capa ao rosto. D. Bosco abaixou-se rapidamente, livrou a cabeça por um instante e começou a debater-se, gritando por socorro; mas os malandros, cobrindo-o e apertando-o ainda mais, taparam-lhe a boca com um lenço.

Justamente nesse momento em que a morte era certa, o Cinzento apareceu. Rugindo como um leão, atirou-se furiosamente sobre um e sobre outro, arremessando-os no barro. Depois, parado e rijo ao lado de D. Bosco, rangia os dentes aguçados e olhava fixamente para os dois com ar de triunfo e desafio.

Os miseráveis, imundos, encharcados de lama e trêmulos de medo e de susto, levantaram-se como pudermam, gritando:

— D. Bosco, por piedade, livre-nos desse cachorro... pedimos-lhe desculpas e perdão!

— Por esta vez, seja! respondeu D. Bosco: mas daqui por diante sigam o seu caminho e deixem-me tratar dos meus negócios em paz.

Os dois agradeceram e saíram correndo como loucos, esquecendo o lenço e a capa.

O Santo, acariciando o seu fiel servidor, voltou com ele para casa. O cachorro parecia compreender e rir com o seu protegido.



A epidemia sucedeu a supressão das Ordens Religiosas que tiveram seus bens confiscados pelo governo.

No dia 28 de novembro de 1854 o projeto-lei para tal extinção foi apresentado à câmara. Isso causou grande consternação entre os católicos e foi um golpe cruel para D. Bosco que justamente naqueles dias tivera um dos seus sonhos.

Parecera-lhe estar rodeado pelos seus clérigos e sacerdotes no pátio do Oratório, quando ouvira aproximar-se com passo apressado um emissário da Corte, de uniforme vermelho. Chegando à sua presença, o lacaio gritou-lhe:

- Grande notícia!
- Qual? perguntou D. Bosco.
- Anuncia: Grande enterrro na Côte!
- E desapareceu de repente.

Cinco dias depois D. Bosco sonhou novamente: Viu-se no seu quarto escrevendo, quando ouviu o trote de um cavalo no pátio. Nisso a porta abriu-se e o mesmo valete apareceu, na mesma librê vermelha; entrou até o meio do quarto e gritou: — Anuncia não "grande", mas "grandes" funerais na Côte.

Repetiu duas vêzes essas palavras e retirou-se rapidamente, fechando a porta atrás de si.

D. Bosco correu à sacada e, vendo o lacaio já montado, perguntou-lhe a razão de tal anúncio; mas ele, esporreando o cavalo, gritou mais uma vez:

- Grandes funerais na Côte!!!
- E a visão desvaneceu-se.

Logo ao amanhecer, o Santo, que já tinha comunicado ao rei o primeiro sonho, lhe enviou outra carta na qual relatava a segunda ameaça; e rogava à sua majestade que agisse de modo a fugir do castigo, impedindo a todo o custo a aprovação da lei iníqua.

Mas apesar disso, no dia 28 de novembro de 1854, o projeto foi apresentado ao Ministério e no dia 9 de janeiro de 1855 iniciou-se a discussão da lei.

De todos os lados chegavam petições para que o decreto não fosse aprovado e o Papa Pio IX estava disposto a auxiliar as finanças do Piemonte, contanto que o governo desistisse do projeto.

Nesse interim, a rainha mãe, Maria Teresa, atacada naqueles dias por uma grave enfermidade, veio a falecer no dia 12 de janeiro, com 54 anos de idade. No dia 16 celebraram-se os seus funerais e na tarde do mesmo dia a rainha Maria Adelaide recebeu o Santo Viálico, vindo a morrer no dia 20 com trinta e três anos apenas.

Mas ainda não era o fim: quem seria o próximo a ser atingido? Na mesma noite sua alteza real o príncipe Fernando, irmão do rei, recebia os Sacramentos e expirava na noite de 10 para 11 de fevereiro, também aos 33 anos.

Não obstante essas mortes seguidas, no dia 15 de fevereiro a discussão da triste lei foi reaberta; e depois de 17 sessões foi funestamente aprovada e apresentada ao Senado.

Havia ainda um tênué fio de esperança, reforçado por um quarto aviso de Deus. No dia 17 de maio a casa real cobria-se novamente de luto. Era o último filho da desventurada Maria Adelaide que ia para

junto da mãe. Assim, em quatro meses o rei perdeu a mãe, a esposa, o irmão e um filho: os sonhos de D. Bosco tinham-se tornado realidades.

Depois de cinco dias, ou seja, aos 22 de maio, o Senado também aprovava a lei com a maioria de onze votos sómente.

Desta vez D. Bosco não riu, porque centenas e centenas de Conventos e Mosteiros foram sequestrados e milhares de religiosos e religiosas dispersados, viviam abandonados e no desespéro.

Quem ria — e diabólicamente eram os inimigos maçons e liberais, ebrios de ódio e sedentos de vingança. A própria Corte e a flor da sociedade choravam enlutadas.

## NADA DE MONSENHOR

Quando, em 1850, D. Bosco foi pela primeira vez a Roma a fim de conferenciar com o Papa sobre a formação da Sociedade Salesiana, o Santíssimo Padre, para dar-lhe uma prova de estima e de afeto, pensou em nomeá-lo seu Camareiro Secreto, ou seja, Monsenhor.

D. Bosco, que nunca ambicionara honras, agradeceu humildemente, acrescentando com muito espírito:

— Santidade, que papel faria eu quando aparecesse diante dos meus rapazes vestido de Monsenhor? Os meus filhos não me reconheceriam; não teriam mais coragem de se aproximar de mim e me puxar de um lado para outro como fazem agora. Além disso, todos me julgariam rico e então... adeus esmolas! os meus pobres jovens morreriam de fome e as minhas

**obras pereceriam. É preferível que eu continue sendo sempre o pobre D. Bosco!**

O Papa admirou sua humildade e começou a tratá-lo com especial familiaridade.

De volta a Turim, contou aos seus rapazes a proposta do Papa e perguntou-lhes rindo:

— Vocês preferem que eu continue sempre a ser D. Bosco ou me torne Monsenhor?

E eles responderam todos em côro:

— Nada de Monsenhor, mas D. Bosco! D. Bosco! D. Bosco!

### V. MELHOR PROVA

A estima d' rei Vitor Emanuel por Dom Bosco e a caridade de que sempre deu provas para com élle, eram realmente consideráveis e sinceras. Temos disso uma prova histórica.

Naqueles dias, D. Bosco tinha organizado uma loteria para suprir às necessidades do Oratório que eram enormes, visto o estado deplorável de suas finanças.

Mais de 400 senhoras e senhores da nobreza de Turim, reunidos em "comité", trabalhavam para o bom êxito do empreendimento; em pouco tempo as salas encheram-se de dádivas. Destacavam-se entre elas as de muitos ministros e as da própria casa real. Os bilhetes eram adquiridos mediante pagamento imediato.

Certo dia, o Conde de Angrogna falava a sua majestade da obra de D. Bosco.

— A propósito de D. Bosco, perguntou o rei, ele organizou uma loteria, não é verdade?

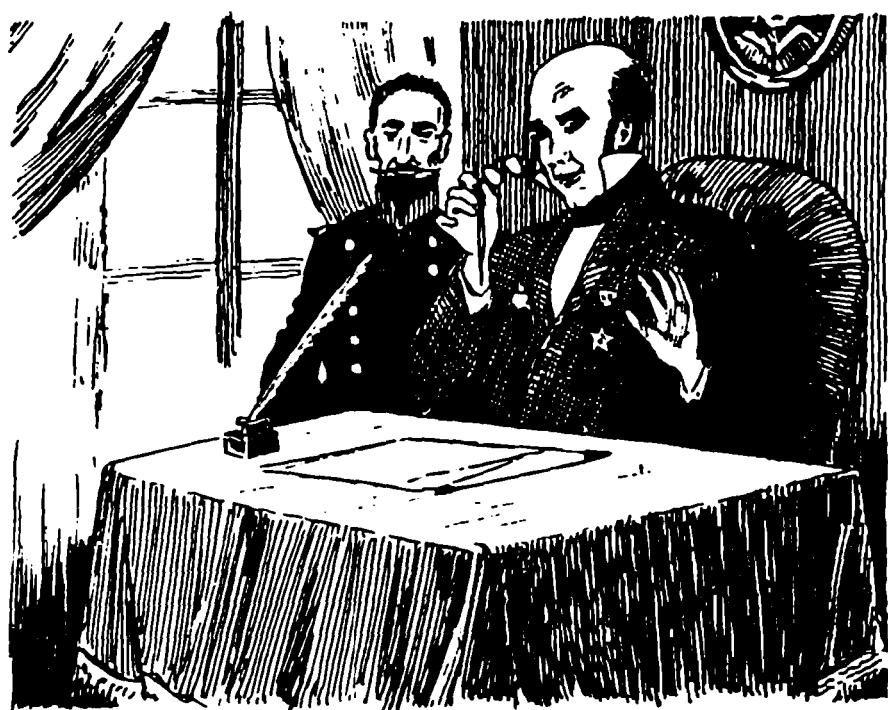
- Sim, majestade.
  - Mande buscar 500 bilhetes por minha conta.
  - Mas isso já foi feito, majestade!
  - Já foi feito?!...
  - Sim, majestade... talvez já se tenha esquecido...
- Pois bem, nesse caso, mande buscar mais 500. Auxiliemos esse pobre padre.

O conde cumpriu as ordens e o Santo riu duas vêzes: da primeira e da segunda remessa de bilhetes règiamente pagos.

#### MORTE INESPERADA

Em janeiro de 1856 D. Bosco foi chamado para pregar uma Missão em Viarigi, no Monferrato. Tratava-se de uma paróquia rebelde, relutante a todos os chamados dos diversos Bispos; os paroquianos, insubordinados, afastavam-se sempre mais da Igreja. A causa dêsse deplorável estado de coisas fôra uma heresia vergonhosa espalhada por um padre apóstata. O Santo iniciou as pregações, mas a assistência era sempre escassa. Encarregou então os poucos presentes de avisar os conterrâneos que, se não fôssem de boa vontade ouvir os sermões, o Senhor os obrigaria a tal; e convidou-os a rezar com êle um Pai-Nosso e uma Ave-Maria para o primeiro que morresse na aldeia.

A notícia difundiu-se com a rapidez do relâmpago e causou a todos grande ansiedade. Contudo, nessa mesma noite organizou-se um baile numa das principais casas do lugar. Estava combinado que a festa iria até



de madrugada, quando, inesperadamente, o promotor do baile caiu por terra, acometido por doença mortal.

O Vigário, chamado às pressas, não chegou a tempo.

Na manhã seguinte, depois do sermão feito sem a menor alusão ao sucedido, D. Bosco dirigiu aos presentes as seguintes palavras:

— Agora, recitemos um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e um Requiem pela alma do nosso pobre amigo.

E recitou as preces lentamente, com tanta tristeza que causou fortíssima impressão.

Desde aquél dia a Igreja esteve sempre repleta: os homens, principalmente, ficaram tão chocados com o fato que, dos três mil habitantes do lugar, não houve um só adulto que não recebesse os Sacramentos, cujo fruto foi duradouro, para o bem e a redenção daquela povoação feliz.

Imaginem como D. Bosco riu depois consigo mesmo, ao pensar no bem que operara, depois de tão terrible aviso de Deus.

#### CHUVA DE CACETADAS

Os biltres vivem de velhacarias: assim, esses mesmos covardes, pagos pelos protestantes, tentaram mais uma prova contra D. Bosco. Chamaram-no certa noite para confessar uma doente que estava à morte. Ele acorreu prontamente, mas sempre acompanhado pelos seus quatro guardas fiéis. Deixou dois dêles ao pé da escada e outros dois no patamar junto à porta do quarto. Entrou e viu, estendida sobre a cama, uma

mulher arquejante: sabia fingir tão bem que qualquer um a tomaria por uma moribunda prestes a exalar o último suspiro. Perto dela estavam quatro homens mal encarados de aparência suspeita. D. Bosco pediu-lhes que se afastassem a fim de poder confessar a enferma; mas ela exclamou:

— Antes de me confessar quero que esse patife retire a calúnia que proferiu contra mim!

— Que calúnia, qual nada, respondeu o tal enurecido.

— Sim!...

— Não!...

— Cala-te infame!

— Chamas-me de infame?!

A essa altura puseram-se todos a berrar e empunharam cacetes; no meio da algazarra, as luzes se apagaram e então, na escuridão mais completa, desabou uma chuva de cacetadas, tôdas destinadas a D. Bosco. Ele, compreendendo o ardil, e não sabendo de que maneira defender-se, agarrou prontamente uma cadeira e enfiou-a na cabeça, à guisa de escudo, procurando refúgio e o modo de alcançar a porta.

Mas ela estava trancada a chave; os golpes, cada vez mais furiosos, caiam com um barulho enorme e sem tréguas sobre a cadeira protetora.

Ao ouvirem aquela bulha endiabrada, os rapazes atiraram-se à porta com vigor e a arrombaram. D. Bosco salvou-se assim e pôde voltar sôõ e salvo para junto de seus filhos e contar-lhes rindo a saraivada de que fôra vítima.

Certa noite, no mês de abril de 1867, D. Bosco voltava muito tarde de uma visita a um doente. Pelo caminho, ia pensando nesses jovens que, em todos os países e em todas as épocas, privados de teto, vagabundeiam a noite inteira em má companhia. Eram êsses os seus pensamentos, quando deu de cara com um grupo de rapazes desencaminhados. Vendo um padre, começaram a lançar-lhe palavras de espírito grosso, dispostos talvez a atirar-lhe até pedras.

O desejo de D. Bosco era evitá-los; mas, percebendo que já era tarde demais para isso, resolveu resignar-se com a sorte que lhe tocava; aproximando-se dêles, e cumprimentando-os, disse:

— Boa noite, meus caros amigos; como vão passando?

— Não muito bem, sr. Teólogo, respondeu um dêles; estamos com sede e não temos dinheiro.

— Pague-nos uma pinta (dois litros), sugeriu um segundo.

— Isso mesmo, que venha a pinta!... em côro.

E cercaram-no de maneira a impedir-lhe a passagem.

— Com muito prazer!... mas eu também quero beber com vocês.

— Como não!... Vejam só que padre camarada! nem se parece com os outros!

— Vamos então ao botequim dos Alpes, aqui perto.

Lá chegando, D. Bosco mandou trázer uma gar-



rafa e depois outra; quando os viu tranqüilos e benévolos, começou a dizer-lhes:

— Agora vocês terão que me fazer um favor.

— Vá dizendo, vá dizendo... não só um, mas dois, três, quantos quiser. De agora em diante queremos ser seus amigos.

— Pois bem, agora cada um de vocês vai para a sua casa; esperovê-los todos no Oratório, domingo.

— Mas nós não temos casa; dormimos aqui e acolá nos estabulos.

— Façamos então o seguinte: venham comigo, e por esta noite nos acomodaremos do melhor modo possível.

Eles o acompanharam e ele chegou em casa seguido pelo bando que mais parecia uma quadrilha de malandros, e os confiou à sua mãe, dizendo:

— Mãe, aqui estão os primeiros hóspedes: pense em alojá-los.

Fê-los recitar o Pai-Nosso e a Ave-Maria que já tinham esquecido; depois os conduziu ao palheiro, deu a cada, um cobertor e um lençol, e recomendando-lhes silêncio e boa ordem, desceu satisfeito. Pensava ser esse o primeiro passo da obra que ideara.

Porém os designios de Deus eram outros; a Providência não queria servir-se de gente desta espécie. Assim que raiou o dia, D. Bosco desceu do quarto para acordar os seus hóspedes, e dizer-lhes uma boa palavra. Com grande surpresa, não ouviu nenhum barulho, pensou que ainda dormissem; chamou-os e, não recebendo resposta, subiu para despertá-los. Qual nada! os patifes tinham fugido, carregando cobertores e lençóis. A sua tentativa falhara.

Tornou a descer a escada e foi contar à mãe o que acontecera; mas nenhum dos dois desanimou; riram juntos do gracejo que lhes tinham feito.

## A EPIDEMIA DE 1854

Nos principios de agosto de 1854, Turim foi assolada por uma epidemia de cólera. D. Bosco já o havia previsto e anunciado e desde o mês de maio havia dito aos seus jovens:

— Neste ano haverá em Turim uma epidemia de cólera que causará graves danos; mas se fizerem o que lhes digo, escaparão.

— O que devemos fazer?

— Antes de mais nada devem viver em estado de graça; depois, usar ao pescoço uma medalha que eu benzerei e distribuirei a todos; por fim devem recitar tôdas as noites um Pater, Ave e Glória em honra de São Luís.

Os casos de cólera passaram bem depressa de um a dez, a trinta e subiram a cinqüenta por dia. Em três dias houve mais de 1.400 casos. A região mais afligida foi a de Valdocco, justamente onde se achava o Oratório. Enquanto que muitas famílias foram inteiramente, ou quase, destruidas, dos rapazes e do pessoal do Oratório ninguém foi atingido. E grande parte se ofereceu para socorrer os doentes nas casas e nos hospitais.

D. Bosco repetia-lhes sempre:

“Se não cometarem pecados, eu lhes garanto que nenhum de vocês será atingido”.

E foi realmente profeta. Terminado o surto, conduziu-os todos a um alegre passeio até Becchi, sua aldeia natal, por ocasião da festa do Rosário e os jovens riam, contentes por terem escapado ao perigo, e caçoavam da tremedeira de muitos.

#### SOB O PÉ DO PAPA

Durante a Semana Santa daquele ano o Papa quis tê-lo sempre perto de si em todas as funções da Basílica de São Pedro. No Domingo da Páscoa, o Santo foi com um Cardeal até à galeria de São Pedro, de onde o Papa iria dar a sua bênção ao povo de Roma.

Observava extasiado o espetáculo imponente de mais de 200 mil pessoas ali reunidas e tão distraído estava que nem viu chegar a cadeira gestatória na qual carregavam o Papa; só deu por ela quando a sentiu nas costas.

Não podendo sair dali de nenhum jeito, virou-se e a ponta do pé do Pontífice pousou sobre o seu ombro. Dois dias mais tarde, ou seja, no dia 6 de abril, voltando à audiência, o Papa lhe disse com severidade aparente, assim que o viu:

— Abade Bosco, onde foi o senhor meter-se no dia da Páscoa durante a bênção Papal?... Logo ali defronte ao Papa e quase com os ombros sob os seus pés!... Como se o Papa precisasse ser amparado por D. Bosco!

— Santidade! respondeu êle, fui tomado de improviso! Peço desculpas se...

— E ainda aumenta a afronta perguntando se me ofendeu?!

O pobre D. Bosco olhou para ele com ar tão atrapalhado e miserável que só mesmo a seriedade de Pio IX o impediu de dar uma gargalhada. Mas se o Papa não riu, D. Bosco riu gostosamente ao ver que aquilo não passava de uma brincadeira amável e carinhosa do Pontífice e que ele acabaria por conceder-lhe tôdas as faculdades possíveis.

### A MERENDA DO PAPA

Naquela mesma audiência, para demonstrar a D. Bosco tôda a afeição paternal que nutria por ele e pelos seus filhos, o Papa Pio IX, depois de dizer-lhe:

— "Concedo-lhe tôdas as faculdades possíveis", acrescentou:

— Mas o senhor ainda tem alguma coisa a pedir.

D. Bosco ficou sem resposta e o Papa continuou:

— Sim, o senhor deseja alguma coisa mais.

— Santidade, depois de vossa bênção, o que mais poderia eu desejar?

— Como... Então, não gostaria de alegrar os seus jovens quando voltar para junto deles?

— Isso sim, Santidade!

— Então espere!

Abrindo o cofre pegou um punhado de moedas de ouro e, sem contá-las, depositou-as nas mãos do Santo, dizendo:

— Tome, e dê-lhes uma boa merenda em meu nome.

Assim foi feito. D. Bosco batizou o passeio de

"merenda do Papa" e todos aplaudiram a idéia com risadas joviais.

## O GATO NO ARMÁRIO

Entre os inquisidores e pesquisadores mais ferozes contra os padres e os Institutos Religiosos e por conseguinte contra D. Bosco, estava certo cav. Gatti que ocupava um dos mais importantes cargos públicos.

Tinha sido encarregado de investigar as escolas do Oratório e a relação que enviara ao governo era falsa e maldosa.

Vindo a conhecer o fato e receando o fechamento do Instituto, D. Bosco dirigiu-se diretamente ao Ministro da Instrução para fazer face à face à tempestade.

O ministro mandou chamar o investigador para que, na presença do Santo, sustentasse as acusações feitas no tal relatório. Mas ele, como era de esperar, ficou atrapalhado até que, não podendo mais sustentar as suas calúnias patentes e imprudentes, se levantou e, cheio de indignação e despeito, se retirou. No estado de confusão e cólera em que se achava errou o caminho e, em lugar de sair pela porta, abriu um armário e se fechou dentro dèle.

Vendo aquilo o ministro exclamou:

— Ei, vá mais devagar!... isso é um armário; volte para trás.

E, levantando-se, foi pessoalmente abrir-lhe a porta, para depois rir gostosamente com D. Bosco da aventura desastrada do investigador.

\* \* \*

E aqui somos obrigados a acrescentar, para completar a história e por amor à verdade, que desde esse dia a sorte parece não ter sido clemente para com o cav. Gatti. Depois de algum tempo, começou a dar sinais de desequilíbrio mental e, tornando-se cada vez mais solitário e fúlido, retirou-se para uma casa que possuía nos arredores de Felizzano, sua cidade natal. Ali, depois de ter esfacelado a mulher contra a parede, acabou morrendo miseravelmente, privado de todo o conforto.

Muitas vezes Deus paga tarde, mas sempre generosamente, os que o perseguem; e, não raro, ajusta suas contas com eles ainda neste mundo.

## SEGREDOS DE FAMÍLIA

Devido às suas relações íntimas com o Papa, a polícia suspeitou de D. Bosco e em maio de 1860 submeteram-no a uma investigação minuciosa.

Ao darem uma busca num armário, os agentes encontraram uma gaveta fechada a chave.

— O que há aqui? — perguntou logo o delegado.

— Coisas confidenciais, coisas secretas, respondeu o Santo: não quero que ninguém abra essa gaveta.

— Qual confidência, qual segredos, qual nada: venha logo abri-la.

— Não posso... há ali dentro coisas que podem desonrar-me; por isso, peço-lhes que passem a revistar o resto. Respeitem os segredos de família!

— Para nós não há segredos! Abra ou arrombaremos a fechadura!

— Ameaçado pela força, não resta senão ceder, mas faço-o bem a contragosto.

Aberta a gaveta o delegado atirou-se aos papéis, agarrou-os e mostrando-os aos companheiros, gritou-lhes, triunfalmente:

— Agora o temos!

Cheio de júbilo, pôs-se a examiná-los sob os olhares curiosos dos companheiros.

Abriu a primeira carta, a segunda, e depois uma terceira e leu:

Pão vendido a D. Bosco pelo padeiro Magra. 7.800 liras a pagar.

Couro fornecido aos sapateiros de Dom Bosco. 2.150 liras a pagar.

Fazenda fornecida à alfaiataria do Oratório, 1.730 liras a pagar.

— Mas que espécie de papéis são êsses?

— Agora que já começaram podem continuar e logo saberão.

Abriram outras cartas, mas tudo o que encontraram foram notas de arroz, massas, azeite e assim por diante, tôdas elas ainda por pagar.

A vista disso, o delegado exclamou:

— Mas por que é que o senhor se diverte à nossa custa, fazendo-nos de tolos?

— Eu não fiz ninguém de tolo! Como é natural, não tinha prazer em tornar públicas as minhas dívidas; mas, desde que insistiram em conhecê-las, paciência! Se' quisessem ter a bondade de pagar ao menos uma destas notas, fariam um ato de caridade.



Os investigadores puseram-se a rir e acabaram amigos.

D. Bosco mandou buscar uma garrafa de vinho e todos beberam à saúde da investigação.

### COM OS GRANDES HOMENS

Certa ocasião, estava D. Bosco num jantar que reunia pessoas de várias tendências políticas. Ouviu brindes exaltando Vitor Emanuel, Cavour, a liberdade de Garibaldi. Chegada a sua vez de brindar também, ele ergueu o copo e, com a maior naturalidade, exclamou sorrindo:

— Viva Vitor Emanuel, Cavour e Garibaldi tanto que estejam todos sob a bandeira do Papa a fim de poderem salvar suas almas!

Todos riram com ele, aplaudindo e admirando-lhe o fino trato e a franca profissão de idéias. Um dos presentes disse:

— Viva D. Bosco!... Ele não deseja a morte de ninguém!

\* \* \*

Tratando com os Ministros em Florença, como mediador entre a Santa Sé e o Governo, disse certa vez ao Presidente Ricásoli estas palavras francas e claras:

— V. Excelênciā não deve esquecer que D. Bosco é padre ao pé do altar, ao pé do confessionário, e entre os seus jovens. E assim como o é em Turim, sé-lo-á também em Florença; assim como o é na casa do pobre,

sé-lo-á também no palácio dos Reis e dos Ministros!

O Ministro compreendeu-o e desde aquèle dia entrou para as fileiras dos seus amigos e benfeiteiros.

\* \* \*

Em fevereiro de 1878, a Santa Sé encarregou-o de examinar as intenções do Governo para com o próximo Conclave para a eleição do novo Papa. Pediu audiência ao primeiro Ministro Crispi e, ao ver que ele vacilava, declarou, franco e resoluto:

— Em nome do Sagrado Colégio, peço uma resposta pronta e categórica porque, ou de um geito ou de outro, o Conclave terá lugar, seja em Veneza, em Milão ou mesmo em Avinhão.

Impressionado com tanta firmeza e pensando que o Governo teria todo o interesse em que o Papa fosse eleito em Roma, o Ministro estendeu a mão ao Santo com estas palavras:

— Comunique da minha parte aos Cardeais que o Governo se compromete a respeitar e a fazer respeitar o Conclave, e que a ordem pública não será perturbada.

D. Bosco apressou-se em levar a boa nova ao Vaticano e toda a Corte Pontifícia felicitou-o pela vitória alcançada.

Essa franqueza de caráter e essa firmeza de idéias granjearam-lhe sempre admiração e benevolênci. E êle gozava intimamente e servia-se delas para a maior glória de Deus e para o maior bem das almas.

## A LUTA COM OS PROTESTANTES E O LIVRO DE CABEÇA PARA BAIXO

Mal tinham terminado as perseguições do governo, que as dos protestantes se iniciaram. Para que D. Bosco desistisse da guerra sem tréguas que lhes movia, resolveram desafiá-lo com discussões.

Em primeiro lugar, todos os cabeças de Turim entraram em ação para tentar a prova. Depois, diante das derrotas sucessivas, chamaram, nada menos que o Ministro Meille, e dois dos seus principais colaboradores. Dirigiram-se êles ao Oratório e, depois dos primeiros cumprimentos, entabolararam uma discussão que foi das onze da manhã às seis da tarde e acabou cómicamente.

Discutia-se sobre o dogma, ou seja, sobre a verdade do Purgatório. D. Bosco a tinha provado pela razão, pela história, pela Sagrada Escritura e pelo Evangelho, servindo-se do texto latino. Mas um dos adversários, justamente o Ministro Meille, não querendo render-se, exclamou:

— O texto latino não é suficiente; é preciso consultar-se a fonte: recorramos ao texto grego.

A estas palavras, D. Bosco foi à estante, escolheu uma Bíblia em grego, chegou-se para o Ministro e exclamou: — Eis aqui, senhor, o texto grego, consulte-o à vontade que o achará sempre de acordo com o latino.

O Ministro, que entendia tanto de grego como um burro de libras esterlinas, não ousou entretanto confessar a própria ignorância.

Tomou o livro com toda a calma e pôs-se a fo-

lheá-lo do comêço ao fim, fingindo procurar o trecho em questão. Mas coitado! teve tão pouca sorte que, por acaso, pegou o livro de cabeça para baixo. D. Bosco, que tinha percebido, deixou-o folhear durante algum tempo, contendo a custo o riso. Depois, disse-lhe carinhosamente:

— Desculpe, sr. Ministro, mas dessa maneira o senhor nunca encontrará a citação, porque está seguendo o livro de cabeça para baixo; vire-o assim...

E entregou-lhe o volume na posição certa.

É fácil imaginar o desaponto do Ministro.

Vermelho como um camarão cozido, atirou com desprezo o livro sobre a mesa e, levantando-se de chôfre, encerrou a discussão com uma risada de raiva mal contida. D. Bosco também riu, mas foi de júbilo e satisfação.

## ROSAS E MAIS ROSAS

Em dezembro de 1862, D. Bosco foi convidado pelos marqueses de Sommariva, seus benfeiteiros. Aceitou o convite com alegria e dirigiu-se todo solícito para a residência dos seus amigos.

Durante o dia anterior e naquela noite a neve caiia abundante e o grandioso castelo parecia dormir, preguiçosamente encolhido entre os roseirais que cobriam a soberba fachada e as alas laterais.

Uma visita de D. Bosco era sempre uma bênção e uma alegria para o castelo; mas dessa vez foi também uma surpresa maravilhosa, com qualquer coisa de mistério e de milagre.

Na manhã seguinte, o roseiral despido apareceu plena e garbosamente coberto de flôres frescas e lindas. Por todos os lados só se viam rosas. Uma exuberante floração enchia a atmosfera de um perfume delicado e suave que se espalhava pelos arredores! Rosas e mais rosas desabrochavam em tufos e em grinaldas, entrelaçando, seus galhos graciosos para cobrir de pétalas perfumadas as cornijas e os peitoris das janelas das sacadas e dos alpendres. Rosas e mais rosas espalhavam-se e debruçavam-se por toda a parte.

Os primeiros a perceber a alegre novidade foram os porteiros e os guardas, que a espalharam por todo o castelo. Seguiu-se então o barulho de janelas que se abriam, de portas que batiam, de venezianas que se escancaravam. E depois, os oh! de pasmo e as exclamações de surpresa e de alegria ecoavam pelo ar.

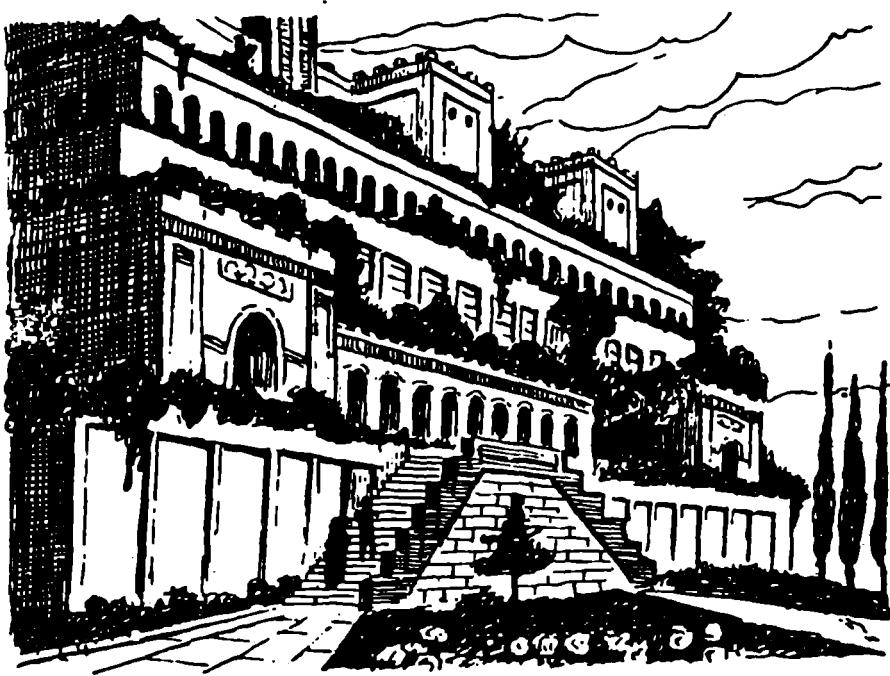
Depois da Missa, todos os habitantes do castelo — dos patrões aos criados — agruparam-se em volta de D. Bosco que, rindo também, se fazia de desentendido, fingindo-se altamente admirado.

Naquele dia e nos seguintes, o roseiral continuou enfeitado de cores alegres que punham uma nota de vida na brancura uniforme da paisagem invernal.

Esse episódio ingênuo e lendário demonstra-nos que o Santo levava sempre consigo rosas de graça e tesouros de bênçãos celestes.

P.U.F. PUF PUF

Durante a sua permanência em Florença, D. Bosco foi chamado ao Ministério do Interior para tratar de assuntos de importância.



Estando êle em palestra com os Ministros Lanza, Bettini, Ricásoli e outros, à certa altura o primeiro perguntou-lhe:

— Mas diga-me: como é que consegue sustentar tantos rapazes e cobrir despêses tão grandes? Onde arranja o dinheiro para tanto?

— Senhor Ministro, retrucou D. Bosco rindo, eu vou para a frente tocado a vapor.

— Que quer dizer com isso? Explique-se.

— É que eu avanço aos trancos como o vapor, isto é, como o trem, fazendo puf... puf... puf... ou seja: dívidas... dívidas... dívidas...

Todos riram da pilharia e depois o Ministro Lanza continuou:

— Isso se entende; mas depois essas dívidas têm que ser saldadas e aqui está o segredo.

— Exceléncia, eu lhe digo que, para que a máquina funcione, o fogo é indispensável, e eu ponho fogo na minha máquina.

— Mas de que fogo o senhor fala?

— Do fogo da fé em Deus e na sua Providência. Sem Ele, a obra do homem é nula, sem Ele caem os impérios e se arruinam os reinos.

Essas palavras impressionaram profundamente os presentes que se convenceram que êle era realmente o homem de Deus.

Separaram-se, rindo-se dos puf... puf... puf... de D. Bosco; mas conservaram-se sempre seus amigos fiéis, afeiçoados e devotos.

## A CONSIDERÁVEL SOMA DE OITO SOLDOS

A exposição do desenho grandioso e o início das obras colossais puseram em movimento todo o bairro de Valdocco, para não dizer a cidade inteira.

As pessoas que acorriam para admirar a grandiosidade do empreendimento soltavam exclamações de surpresa:

- Como poderá D. Bosco continuar?
  - Onde achará o dinheiro para essa obra colossal?
  - Cobrir-se-á de dívidas!
  - Talvez tenha encontrado algum tesouro!
  - Acabará com uma bancarrota!
  - Isso é uma loucura!... Uma temeridade...
- O Santo ouvia tudo, calava, e prosseguia.

Acabado o atérro colocou-se a primeira pedra com uma grandiosa função solene, ao fim da qual, dirigindo-se ao mestre Carlos Buzzetti, D. Bosco disse:

— Bravos! Buzzetti, quero dar-te logo a primeira prestação para o pagamento dos trabalhos. ~~Não sei se é muito, mas é tudo o que posso.~~ Assim dizendo, puxou a bolsa, abriu-a e despejou todo o conteúdo nas mãos do mestre que esperava vê-las cheias de moedas de ouro. Mas qual não foi a sua surpresa e a estupefação de todos os presentes ao ver a quantia insignificante de oito soldos. D. Bosco riu com todos e acrescentou:

— Não te preocipes, que Nossa Senhora pensará em arranjar o dinheiro para a sua Igreja.

E isso se deu. A Igreja de Maria Auxiliadora

custou mais de um milhão de liras e Nossa Senhora pagou tudo com grandes e continuos milagres, tanto que D. Bosco costumava dizer:

— Cada tijolo desta Igreja representa uma graça de Maria Santissima.

### CURA SEIS JOVENS ATACADOS DE VARIOLA

Em maio de 1869 foi a Lanzo Torinese por ocasião da festa de São Filipe Neri, patrono do seu primeiro colégio.

Encontrou todo o mundo desesperado e no maior desânimo: sete internos estavam com variola e a doença ameaçava alastrar-se por toda a casa.

Ouvindo a notícia, D. Bosco exclamou:

— É verdade, festa e variola não combinam mesmo. Preparem as roupas dos doentes que eu subirei para benzê-los.

Ao vê-lo os rapazes puseram-se a gritar:

— D. Bosco, D. Bosco!... podemos levantar-nos?

Dê-nos a sua bênção!

— Vocês têm fé na Santíssima Virgem?

— Temos!

— Então levantem-se!

E retirou-se depois de lhes dar a bênção.

Os doentes levantaram-se mais do que depressa, vestiram-se e saíram correndo para o pátio; mas um ficou: Baravalle, que não se levantou por precaução.

O médico chegou para a visita da noite e, ao saber que os rapazes tinham saído da cama e tinham passado

aquêle dia úmido e frio no pátio, se pôs a gritar, zangado. Aquilo era uma imprudência, e o descuido seria fatal.

Enquanto D. Bosco ria da sua indignação, apressou-se em subir para a enfermaria, onde permanecia o prudente Baravalle. Mas com toda a sua prudência e com os cuidados pressurosos do doutor, ele só sarou depois de vinte dias, enquanto que os outros corriam e cantavam alegremente.

## A ALMA DOS DIVERTIMENTOS

D. Bosco costumava dizer: "É preciso manter a juventude ocupada porque as águas estagnadas apodrecem".

Era grande apreciador e encorajador de recreios barulhentos; para dar exemplo, era sempre o primeiro a tomar parte nos jogos, tornando-se assim a alma de todos os divertimentos.

Ligeiríssimo na corrida, não era raro vê-lo desafiar todos os seus jovens para uma carreira. Punha-se em linha e dava o sinal de partida: um, dois, e três! Uma nuvem de rapazes tomava impulso e saía na disparada; mas infalivelmente D. Bosco era o primeiro a alcançar a meta. Depois, para não os ver mortificados, enchia os bolsos de balas e as atirava a êsmo, no meio dos grupos. É fácil imaginar os empurrões, os amontoamentos, as cambalhotas dos rapazes para conseguir as balas. Tudo era motivo para brincadeiras e risadas. Depois saiam todos correndo e cercavam o Santo jovial aos gritos de: Viva D. Bosco!

Ele sorria-lhes e, com a bala, cada um recebia uma palavra doce, espirituosa, encorajadora, uma palavra de verdadeiro pai.

Esse seu gênio granjeava-lhe a estima e a simpatia de quantos o conheciam; cada qual fazia esforços para ser-lhe mais agradável do que o outro; e todos se empenhavam em demonstrar-lhe com obediência e respeito todo o amor e a gratidão que os dominavam.

D. Bosco sentia-se felicíssimo e ria em ver os seus cuidados tão bem correspondidos.

Era êsse o método que êle desejava ver seguido por todos os seus Salesianos: queria que a animação e o barulho reinassem em todos os recreios.

Certo dia, notando que alguns rapazes conversavam num grupinho, chegou para perto dêles e lhes disse:

— Estejam cientes de que, enquanto vocês descansam, o demônio trabalha.

Aos que lhe faziam notar que carteiras e brinca-deiras estragam a roupa e o calçado, êle retrucava:

— Ora vamos! Sempre é melhor gastar em calçados e roupas do que em remédios! Além do mais, temos alfaiates e sapateiros em casa. Mais vale viver na graça de Deus remendando do que nas mãos do demônio reluzente e elegante!

E com uma boa risada alegre e jovial dispersava os rapazes, pondo-os em revolução.

## II - QUE VENCE OS OBSTACULOS

Em 1869 estava êle novamente em Roma, resolvido a obter a todo o custo a aprovação da Pia Sociedade Salesiana.



O carro do Cardeal Berardi esperava-o na estação; Sua Eminência pedia-lhe que fôsse sem demora à sua casa para visitar e benzer um seu sobrinho de onze anos, filho único de familia nobre e riquíssima.

Havia quinze dias que o pequeno lutava com a morte, atacado por uma febre tifóide rebelde a todos os cuidados.

— Ó D. Bosco, faça-o sarar!

— E êle dirigindo-se ao Cardeal, disse:

— Vim para que Vossa Eminência me auxilie e interceda junto ao Santo Padre para me obter a aprovação da Sociedade Salesiana.

— Pois bem; cure o meu sobrinho e eu irei, farei tudo o que estiver ao meu alcance para convencer o Santo Padre.

D. Bosco recomendou a todos que tivessem muita confiança em Maria Auxiliadora, aproximou-se do doente, benzeu-o e no mesmo instante o menino estava livre da febre e perfeitamente curado. Todos, grandemente comovidos, aclamaram o Santo, enquanto êle dizia sorrindo:

— Rendam graças a Maria Auxiliadora.

\* \* \*

Mas isso não foi senão o inicio.

Era grande o número dos Cardeais adidos à Sagrada Congregação que deviam dar os votos e todos êles eram contra a criação da Sociedade. O Cardeal Antonelli era dos mais influentes e por conseguinte D. Bosco foi visitá-lo; encontrou-o imóvel numa poltrona.

— Entre, meu caro D. Bosco, entre.

— Como vai passando, Eminênciâ?

— Eh! o senhor bem vê como vou passando. Estou pregado aqui há vários dias, imobilizado, sofrendo terrivelmente com a minha gôta.

— Eminênciia, ajude-me nos meus negócios e eu garanto-lhe que há de melhorar.

— O que deseja de mim?

— Vim para suplicar-lhe que se interesse pela aprovação da Sociedade Salesiana.

— O que me pede é bem difícil; contudo, prometo-lhe que me encarregarei disso assim que puder ir à audiência.

— Preciso que vá logo, amanhã mesmo.

— O que o senhor está dizendo?! Não vê o meu estado, não vê que não posso nem mexer-me?

— Eminênciia, tenha fé em Maria Auxiliadora e vá, amanhã já estará melhor.

— E se eu piorar?

— Serei responsável por tudo; Nossa Senhora sabe o que faz.

— Está bem, se tudo se passar como diz, irei amanhã e hei de fazer tudo o que puder pela sua Sociedade.

No dia seguinte as dores tinham desaparecido, o Cardeal foi à audiência, contou ao Papa o diálogo e a cura. E Sua Eminênciia e o Papa riram muito da estranha santidade de D. Bosco.

\* \* \*

Caiam assim, um a um, todos os obstáculos, mas ainda restava o último, o maior de todos, talvez.

— O mais difícil de vencer, o mais resistente era

Monsenhor Svegliati, douto e muito ativo secretário da Santa Congregação.

D. Bosco decidiu procurá-lo. Encontrou-o de cama, com sério ameaço de pneumonia.

— Monsenhor, preciso do seu auxílio, disse-lhe e expôs-lhe os seus desejos.

— Caro D. Bosco, a coisa é muito séria... quase impossível. Além disso, eu nem sei quando poderei voltar ao trabalho, no estado em que estou.

— No entanto eu preciso que vá, e bem depressa, ter com o Santo Padre.

— Com esta tosse violenta, e com um febrão dês-tes, o senhor ainda me fala em sair?

— Monsenhor, a tosse há de passar, a febre há de ceder, preciso que vá amanhã.

O doente olhou-o com espanto e ele continuou:

— Tenha fé, Monsenhor, recomendá-lo-ei a Nossa Senhora; e, se prometer interessar-se pela Pia Sociedade Salesiana, prometo em troca que há de sarar sem falta.

— Se me garantir tal coisa irei, mas, daqui a alguns dias.

— Não, não... Tem que ser amanhã mesmo, não pode ser mais tarde!

— Pois bem, já que insiste, irei, se estiver melhor, e lhe garanto que hei de falar de modo a conseguir que tudo corra segundo os seus desejos.

No dia imediato a tosse desaparecera completamente, a temperatura abaixara e o Monsenhor, restabelecido, foi, falou, perorou com tamanho empenho, que poucos dias mais tarde, ou seja, a 1º de março de 1869, a Santa Sé aprovava a Sociedade Salesiana.

Depois de tudo concluído, D. Bosco foi agradecer aos Cardeais e ao Monsenhor, rindo com êles das graças de Nossa Senhora... e da fé que vence todos os obstáculos.

## LANÇA UM DESAFIO À MORTE

Em maio de 1883, D. Bosco vai a Paris em busca de auxílios para as suas obras, e particularmente para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma, cuja construção já estava iniciada.

A sua viagem a França é uma viagem triunfal. Na mesma noite da sua chegada, chamam-no para benzer um rapaz moribundo, filho de uma Condessa. O doente já recebeu os últimos Sacramentos.

— Pois sim, irei, diz D. Bosco; dar-lhe-ei a minha bênção mas com uma condição: amanhã ele tem que servir a minha Missa na Madeleine, onde tenho que fazer uma conferência.

A proposta parecia estranha, mas ele calmo e sereno, dirige-se para a casa da Condessa e, diante do moribundo, já em estado de coma, faz uma breve oração, dá-lhe a bênção e repete:

— Amanhã irás ajudar a minha Missa na Madeleine.

A notícia desse desafio à morte divulga-se rapidamente e na manhã seguinte a bela e monumental Igreja da Madeleine regorgita de povo. É uma multidão curiosa que ali está na expectativa do milagre.

Passa pelo povo, que reza taciturno, um hálito de ansiedade.

Soa a campainha que anuncia a Missa de D. Bosco e eis que o jovem conde, aprumado e belo como um anjo, aparece, precedendo o Santo, com o Missal nos braços. Um arrepião de comoção passa pela turba prostrada. Todos os olhares convergem nêle, o filho do milagre, que na noite anterior estava à morte.

Os olhos enchem-se de lágrimas, os peitos de comoção.

Uma nobre senhora, presente ao prodígio, promete todo o seu considerável patrimônio às obras de D. Bosco. E o Santo ri da cura obtida e também das ofertas generosas e da inesperada herança.

## SEGUNDO DESAFIO À MORTE

Aquélano estava destinado a não terminar sem outras pilhérias do mesmo gênero da parte da Divina Providência. No outono, as pessoas mais influentes da aristocracia austriaca chamaram-no para que fosse visitar o príncipe Henrique, filho do duque de Berry, que estava à morte. Todos os médicos consideravam-no perdido, e ele só chamava por D. Bosco porque acreditava firme e confiantemente que seria o único capaz de curá-lo.

O Santo hesitava em atender ao pedido, porque dizia êle:

— Eles têm tantos sacerdotes à sua disposição; podem chamar até Bispos; que necessidade há de fazer correr o pobre D. Bosco?

— Isso é verdade, respondiam-lhe; mas o príncipe quer ouvir uma palavra sua!

Por fim, ele cedeu e partiu. Chegando ao castelo, disse antes de tudo aos que correram para recebê-lo.

— Infinitas haec non est ad mortem! (O doente não morrerá)!

Subiu para o quarto, deu-lhe a bênção.. mandou-o invocar Maria Auxiliadora e desceu para repousar um pouco e tomar alguma coisa.

Era justamente dia de Santo Henrique, e, ao fim do jantar que reunia toda a corte, o príncipe apareceu na sala para brindar com a espôsa Maria Teresa d'Este, e com os demais convivas. Os cortesãos não se cansavam de ouvir D. Bosco e extasiavam-se diante das suas palavras.

No dia seguinte, o doente tomava parte numa caçada organizada em sua honra.

A cura encheu de estupor as celebridades médicas da Europa que tinham acompanhado o curso da enfermidade.

De volta a Turim, D. Bosco respondia aos que o felicitavam:

— Ah! como eu me sinto mais à vontade em minha casa e à cabeceira dos pobres, do que nos palácios reais junto ao leito dos príncipes.

#### OUTRA PILHÉRIA DA PROVIDÊNCIA

Certo dia um estranho entrou na sala de D. Bosco e o cumprimentou com a fórmula de sempre:

— Ó D. Bosco, como vai?

— Sem um vintém!...

— Mas que coisa singular, replicou o visitante, e

se neste momento o senhor precisasse com urgência de certa quantia, o que faria?!

— Dirigir-me-ia à Providência.

— Providência... Providência... a palavra soa bem; mas se precisasse do dinheiro neste instante?

— Nesse caso, dir-se-ia, meu caro e bom senhor: chegue até à antecâmara e lá encontrará uma pessoa que justamente neste momento vem trazer-me uma oferta.

— Como?!... O senhor está falando sério?!... Lá não estava ninguém quando eu entrei!... Quem lhe disse que alguém chegou?

— Ninguém me disse, mas eu o sei e a Providência o sabe.

O visitante, grandemente admirado, dirigiu-se para a antecâmara, onde encontrou de fato, um senhor, e perguntou-lhe:

— O senhor procura D. Bosco?

— Sim, e venho trazer uma oferta.

Nisso, o Santo apareceu na porta e exclamou risonho:

— Veja se eu tenho ou não razão de confiar na Providência!

— Li-o no seu coração.

Os três riram juntos, tanto mais que a oferta era considerável.

#### A VISÃO DA MÃE MORTA

Havia já algum tempo que a mãe de D. Bosco morrera, mas ele sempre se lembrava dela com viva emoção. Certo dia, em 1860, tornou avê-la numa



visão fugaz mas consoladora: ela estava soridente e ágil e ele perguntou-lhe:

— O mamãe, a senhora aqui?!... Mas então não está morta?

— Sim, estou morta, respondeu a mãe, mas vivo!

— Sente-se feliz?

— Felicíssima!

— No céu?

— No céu, apesar de ter passado pelas chamas do Purgatório.

— Há muitos dos nossos rapazes no Paraíso?

— Há, e muitos.

E citou diversos.

— E o que se goza lá em cima?

— Você pede-me o impossível, porque o que se goza lá nunca ninguém poderá dizer-lo nem exprimí-lo.

Reentinamente, cobriu-se de uma luz de inexplicável beleza e esplendor e desapareceu na harmonia de um canto de centenas de vozes angélicas, dizendo: “João, espero-o para ficarmos unidos para sempre.”

Contando aos seus filhos essa visão, D. Bosco ficava como que inspirado e acabava sempre repetindo:

— Oh! hei de vê-la sim! e vocês também a verão, se formos todos perseverantes no serviço do Senhor; portanto, coragem, alegria e nada de pecados!

#### D. BOSCO MILIONÁRIO

Noutra ocasião, teve por companheiro de viagem, entre outros, um indivíduo que, pela aparência, parecia ser caixeiro-viajante.

O compartimento estava quase lotado e o tal muito falador, passava de um assunto para outro com volubilidade. Em certo ponto, pôs-se a falar de D. Bosco, de quem dizia barbaridades, apesar de não o conhecer nem de vista.

O Santo ouvia calado. Mas quando o tagarela se pôs a contar que ele era um intrigante e que esbanjava o dinheiro dos outros para enriquecer a família, resolveu interrompê-lo:

— O senhor está bem certo do que afirma? perguntou. Conhece D. Bosco? Conhece a família?

— Se o conheço? Vejo-o quase todos os dias e conheço muito bem a família. Ele manda sempre grandes quantias à mãe e ao irmão. Construiu uma casa na aldeia onde nasceu e passa lá o verão como um ricaço, com cavalos, carruagens e tudo.

— Pois eu torno a liberdade de contradizê-lo; em tudo o que o senhor disse até agora, não há nem sombra de verdade; é pura invenção.

— Como?!... O senhor me desmente assim? Quem é para ousar fazê-lo?

Nisso o trem entrou numa estação; outros viajantes subiram e, dando com D. Bosco, exclamaram:

— Ó D. Bosco! O senhor por aqui? Como vai? E, com reverência e respeito, beijavam-lhe a mão.

— D. Bosco! sussurravam os presentes. É ele... ele mesmo.

— Sim, sou eu. E, reatando a conversa de há pouco, vejo-me obrigado a declarar que tudo o que este senhor disse, é falsidade e mentira. Minha mãe morreu há anos, depois de se ter sacrificado comigo no Oratório em prol dos órfãos. Meu irmão mora até

hoje na misera casa onde nascemos e, quanto às casas, aos cavalos e às carroagens, os tenho tanto quanto ele, que viaja como eu de terceira classe.

Todos aplaudiram a defesa do Santo que dali por diante foi alvo das maiores amabilidades e demonstrações de simpatia.

O falador desapontado e envergonhado, mudou de comportamento logo na primeira estação, deixando todos a rir do papel ridículo que fizera.

#### II

Estava-se na véspera de uma festa solene. D. Bosco confessava na sacristia; era meia-noite e muitos dos rapazes ainda esperavam pela sua vez.

Cansado pelo duro trabalho do dia e exgotado por ter passado a noite anterior em claro, cedeu pouco a pouco ao sono e a sua cabeça foi pousar muito de leve sobre o ombro do pequeno penitente que confessava as suas insignificantes misérias de criança. No primeiro instante o menino ficou espantado, mas depois, satisfeito por servir quase que de apoio a um padre tão santo, tomou muito cuidado para não fazer o menor movimento. E assim, imóvel e quietinho, acabou adormecendo também plácidamente.

Naturalmente, a espera prolongou-se mais do que de costume e os que esperavam adormeceram por sua vez. Assim, confessor e penitentes entraram sem saber numa competição de sono. As duas horas da madrugada o Santo despertou e, vendo o rebanho adormecido aos seus pés, acordou todos sem cerimônia e

mandou-os para casa, adiando as confissões para quando já fôsse dia. No entanto, a coisa se espalhou pelo Oratório e todos riram com D. Bosco da aventura divertida.

### MAIS UM SONO PLÁCIDO

O maior músico Salesiano daqueles tempos, D. João Cagliero, mais tarde Bispo e Cardeal, tinha composto uma Missa musicada em honra de D. Bosco, intitulando-a por isso "Missa de São João".

A música era bonita e agradável mas um tanto longa devido a muitos adágios e freqüentes repetições.

Foi executada pela primeira vez à meia-noite, durante a Missa do Galo. D. Bosco, que celebrava, adormeceu plácidamente no meio do Credo. Foi preciso que o Diácono o sacudisse na hora de voltar ao altar.

No dia seguinte mandou chamar o compositor e, sorrindo amavelmente, disse-lhe:

— Cagliero, em lugar de dares o nome de "São João" à Missa desta noite, não seria melhor que lhe desse o título de "Missa das almas do Purgatório?"

Todos riram e D. Cagliero, dócil e afetuoso, deu-se logo ao trabalho de retocar a música, acelerando os adágios e suprimindo as repetições, a fim de não adormecer os vivos e nem tão pouco as almas do Purgatório.

### MAS COMO PODE O SR. SABE-LO?!

Durante uma de suas viagens a Nice, D. Bosco foi visitar Monsenhor Postel. Depois de muito palestrar, Monsenhor saiu-se com esta pergunta:

— D. Bosco, diga-me se tenho a consciência em paz com o Senhor.

D. Bosco olhou-o com espanto, e, rindo docemente, levantou-se para ir embora. Mas o prelado correu para a porta, deu duas voltas à chave, meteu-a no bolso e disse:

— Caríssimo D. Bosco, não sairemos daqui enquanto eu não souber o estado da minha consciência.

Diante desse tom resoluto, D. Bosco suspirou profundamente e recolheu-se para meditar durante alguns instantes. Depois, erguendo os olhos e encarando o Monsenhor com grande complacência, disse com doçura e pronunciando claramente as palavras:

— O senhor está em estado de graça.

— Ó D. Bosco!... Mas receio que seja somente a sua bondade para comigo que o faz falar dessa maneira.

— Não, nada disso; eu disse a pura verdade.

— Mas... como pode o senhor sabê-lo?

E os dois abraçaram-se com ternura, rindo e chorando de alegria e felicidade.

#### METADE PARA CADA UM

Em 1854, D. Bosco encontrou-se com um rapazola de 16 anos, que foi ao seu encontro para pedir-lhe um santinho. Parou para examiná-lo e depois, fazendo com a mão direita o gesto de quem parte a esquerda ao meio, disse:

— Miguelzinho, nós havemos de repartir e cada um de nós ficará com uma metade!

O rapaz, que nunca tinha visto nem conhecido D.



Bosco, não comprehendeu então a significação daquelas palavras. Mas, nas outras ocasiões em que tornou avê-lo, sentiu-se atraído por él e começou a segui-lo como à própria sombra. — Tornou-se o seu primeiro clérigo, o seu primeiro sacerdote, o seu ajudante principal e finalmente o seu primeiro sucessor: D. Miguel Rua. Depois de repartir com D. Bosco o esplendor das virtudes, logo repartirá com él o esplendor da santidade.

Quantas vêzes os dois relembraram o episódio da repartição da mão e quantas vêzes riram juntos dessa recordação!

#### AMEAÇAM-NO COM PISTOLAS

Os protestantes, vendo falidas as suas hipocrisias, recorreram a fatos mais positivos: às pistolas.

Estava-se em janeiro de 1854. Num domingo à tarde, dois senhores elegantemente trajados subiam ao quarto de D. Bosco que os recebia com a amabilidade habitual.

Os rapazes estavam na igreja, pois era hora das Vésperas: a casa estava deserta. Mas João Cagliero, tendo visto os visitantes e suspeitando dêles, ficou de guarda atrás da porta do aposento. Naturalmente, do lugar onde estava não podia entender as palavras, mas percebeu logo que a discussão se fazia cada vez mais acesa. Em dado momento, os dois levantaram-se e pronunciaram enfurecidos estas palavras:

— Afinal, ou o senhor se decide a abandonar a publicação das Leituras Católicas, ou nós o forçaremos a isso!

— Jamais desistirei! respondeu D. Bosco.

— Ou o senhor toma já uma resolução e promete o que lhe pedimos, ou morrerá.

Assim dizendo, puxaram das armas que traziam e as apontaram para o Santo.

— Atirem à vontade!... exclamou D. Bosco com voz resoluta e olhar imponente.

Mas nesse instante ouviu-se uma pancada. Era João que, temendo alguma desgraça, tinha dado um valente murro na porta escancarando-a, enquanto gritava por socorro com quantas forças tinha.

Os tais guardaram as armas mais do que depressa e saíram muito agitados com precipitação, enquanto D. Bosco os seguia e os cumprimentava, inclinando-se cortêsmente, mas rindo da confusão dos valentões e da presença de espirito de João.

#### PREDIZ O FUTURO IXº PAPA

Ao aproximar-se o ano de 1870, D. Bosco escreveu ao Papa Pio IX, aconselhando-o a não se iludir com as aparências de paz e a preparar-se para o sacrifício da sua Roma, porque lha haveriam de tomar. Chamado mais tarde por Pio IX para a audiência de 21 de fevereiro de 1870, antes de se despedir do Pontífice, disse-lhe:

— Santo Padre, tenho importantes revelações a fazer, mas não ouso.

— Fale, retrucom o Papa.

— Quer que não omita nada?

— Não só o quero como o ordeno!

D. Bosco então falou; anunciou a terrível batalha entre a França e a Prússia; predisse que as tropas de Napoleão seriam retiradas de Roma, falou da queda do império francês e das grandes catástrofes que se desencadeariam sobre a França e sobre Paris.

Depois de um breve silêncio, perguntou muito comovido:

— Santidade devo prosseguir?

Mas Pio IX comovidíssimo também, interrompeu-o:

— Chega! chega!... já basta a noite horrivel que vou passar!

O que D. Bosco não pôde dizer então, o escreveu ao Papa logo ao chegar em Turim. Desta vez, porém, ele não riu; riu só mais tarde com o Papa, quando a luta de todos os governos da Europa contra a Igreja já parecia arrefecer.

### COMO PODE SABÉ-LO ?!

O nosso Santo era, além do mais, adivinho, ou melhor: lia no pensamento e no coração dos outros.

O Conde de Camburzano, então deputado no Parlamento, e grande admirador de D. Bosco, achando-se certa ocasião num grupo de nobres, pôs-se a contar-lhes os prodígios operados pelo santo sacerdote. Quase todos ouviam com um sorriso de mofa e uma senhora, mais evoluída, exclamou:

— Eu só queria conhecê-lo, esse homem milagroso, para ver se ele é capaz de adivinhar o estado da minha consciência. Só então acreditaréi em tudo o que se diz a seu respeito.

Todos aplaudiram a sua idéia e resolveram fazer a experiência: essa senhora escreveu dali mesmo a D. Bosco.

O Santo, com a diligêcia de sempre e a costumeira simplicidade, respondeu logo e mandou a seguinte carta pelo mesmo portador: "A senhora poderia viver com a consciência tranqüila no dia em que voltasse a viver com seu marido e reparasse a desordem de suas confissões, mal feitas há mais de vinte anos."

D. Bosco não a conhecia e no círculo de suas relações ela passava por viúva.

Ao receber essa resposta, tão clara, ela repetia: "Como pode ele saber disso?!" e não podia sossegar.

Suponho que D. Bosco tenha rido muito do espanto da tal senhora incrédula e das suas exclamações.

#### AS 300 RAPOSAS

Durante a audiência que o Papa Pio IX lhe concedeu, no dia 19 de janeiro de 1867, o Santo teve a oportunidade de constatar que o Pontífice o tratava com familiaridade e tinha por ele grande estima. Conversando sobre as tristes condições a que os sectários tinham reduzido a Igreja e sobre as desgraças que a ameaçavam, o Papa perguntou a D. Bosco:

— O que me diz da anistia que concedemos aos condenados políticos?

O Santo, prevendo os graves acontecimentos que ameaçavam o futuro, hesitava em responder. Mas o Papa insistia:

— Vamos, vamos: diga a sua opinião.

— Parece que Vossa Santidade, com esse ato de

soberana clemência, fêz como Sansão, quando, depois de capturar ás 300 raposas, lhes deu a liberdade e elas saíram ferozes, espalhando o incêndio e a destruição.

— Muito bem, o senhor adivinhou, exclamou o Pontífice; foi um engano!... Os animais ferozes podem, às vêzes, ser domesticados; as raposas, porém, perdem o pelo mas não o vício.

Ao se despedirem os dois riram muito da idéia das 300 raposas; e mais tarde tôdas as vêzes que se encontravam, relembravam essa conversa.

Certo dia um indivíduo foi confessar-se com D. Bosco; mas talvez por timidez, talvez por medo, em lugar de manifestar claramente os pecados, tratava de camuflá-los e desculpá-los.

O Santo, que lia na alma dos seus penitentes, deixou-o continuar durante algum tempo, mas depois o interrompeu, perguntando-lhe com muita delicadeza:

— O senhor veio para se desculpar ou para se acusar?

— Ó padre!... vim para me acusar.

— Então acuse-se; diga sem rodeios: “pensei assim e assim... agi de tal modo... aconteceu isto, isso e aquilo. E assim, simplesmente, sem cerimônia enumerou-lhe uma por uma tôdas as suas misérias, que aliás não eram poucas.

O coitado muito desapontado mas satisfeitosimo por se ver livre de tamanho peso, lhe beijou a mão e perguntou:

— Mas como é que o senhor pôde saber tudo? quem foi que lho contou?

— A sua confissão e o seu medo; ou melhor: li-o no seu coração. Desculpe-me por ter adivinhado, mas eu não queria vê-lo cometer um sacrilégio e ir para o inferno, pois que "Deus escusa quem se acusa e acusa quem se escusa".

Separaram-seindo, como dois bons amigos.

### TRÊS PAPAS DEVEDORES

Por ocasião de nova audiência do Papa Pio IX, D. Bosco dirigiu-se para o Vaticano, levando uma lista enorme de favores que desejava obter. Alguns deles eram tão importantes e consideráveis que ele quase não ousava esperar vê-los satisfeitos.

Em dado momento a conversa caiu sobre a amizade de D. Bosco e dos seus Salesianos pela Santa Sé e pelo Papa em particular e o Pontífice exclamou com ênfase:

— Meu caro D. Bosco, sei perfeitamente o que se passou! Três Papas lhe devem favores: o senhor defendeu-lhes a fama ultrajada com a sua História da Itália, com a sua História Eclesiástica e com as Leituras Católicas. Três Papas lhe devem favores; três dêles!

Nesse ponto, aproveitando a oportunidade, ergueu os olhos para o Santo Padre e exclamou com espírito:

— Não só os passados... mas os atuais também.

— Já entendi, já entendi... o senhor tem alguma coisa a pedir?

D. Bosco que só esperava por aquilo, apresentou

logo a lista. O Papa examinou-a e concedeu-lhe tudo o que pedia e terminou com um sorriso brejeiro:

— É assim que o Papa atual paga as suas dívidas.

E o despediu, rindo com êle das suas inocentes argúcias.

### E SE VOCÊ MORRESSE DURANTE A NOITE

Havia já algum tempo que D. Bosco tratava com os maiores e delicados cuidados um rapaz do Oratório para ver se conseguia fazê-lo confessar. Mas tudo era inútil: êle se mantinha fechado na sua obstinação, dando mostras de um gênio intratável e teimoso.

O Santo recorreu então a um estratagema: Escreveu num papel estas palavras: "E se você morresse durante a noite?..." assinou, e foi colocá-lo debaixo do travesseiro do rebelde.

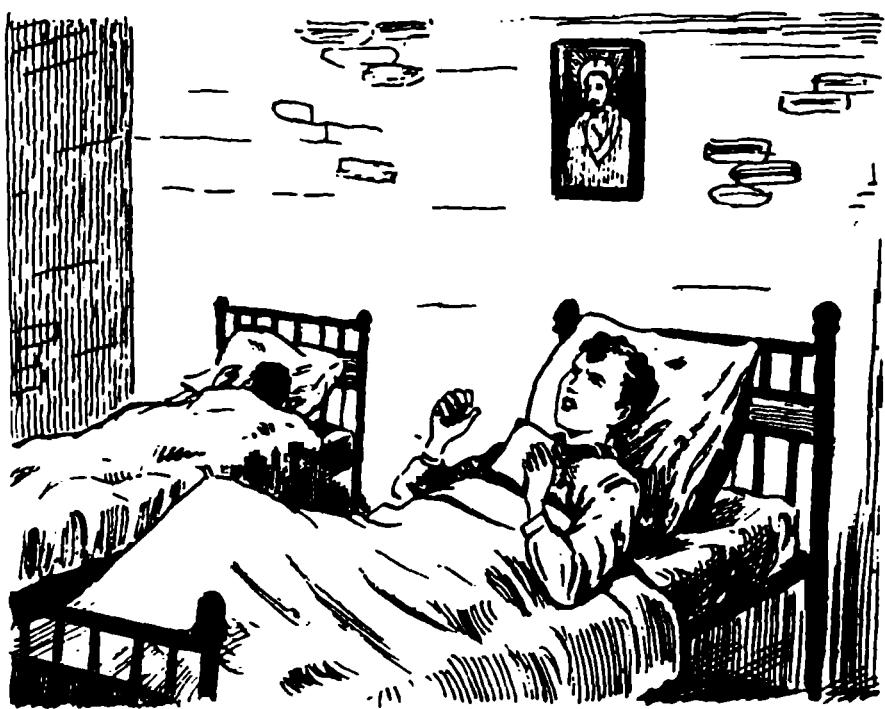
Caiu a noite; todos foram deitar-se e o nosso rapaz também se despiu e já ia meter-se na cama quando deu com o bilhete.

— Oh!... que será isso?! exclamou admirado.

Pegou o papel, virou e revirou-o entre as mãos e finalmente se decidiu e leu: "E se você morresse durante a noite?..."

— D. Bosco é um Santo, pensou. D. Bosco conhece o futuro... e se isso acontecesse mesmo?... mas eu não quero morrer... não... Quero viver.

Enquanto raciocinava assim, deitou-se, cobriu-se bem e corajosamente tratou de dormir. Mas qual



adormecer qual nada!... Como dormir naquele estado, com aquelas palavras fatais a torturá-lo como espinhos agudos?

O coitado virava e revirava na cama, fechava os olhos com força, mas tudo em vão; tinha a impressão de ouvir claramente o som daquelas palavras. Tinha a impressão de ver ali, diante dos seus olhos, a morte, o Juízo Divino, o inferno. Um arrepião gelado passou-lhe pela espinha e suando frio gemeu:

— Pobre de mim! não quero ir para o inferno... quero confessar-me.

Rezou a Nossa Senhora, levantou-se resoluto, vestiu-se devagarinho, desceu as escadas sem ruído, atravessou os corredores e subiu ao quarto de D. Bosco. Bateu à porta. O Santo que como bom pai o esperava abriu e o fez entrar, dizendo:

— Oh! se soubesse com que ansiedade esperei por você!

Acabada a confissão dolorosa e sincera, consolado e fortalecido com o perdão de Jesus, o rapaz voltou para a cama calmo e feliz.

Já não tinha mais medo! O pensamento da morte já não o atemorizava; sentia-se satisfeito, adormeceu plácidamente e viu em sonho o Paraíso.

No dia seguinte ria com os companheiros e com D. Bosco ao contar-lhe o caso do bilhete mágico que lhe trouxe consolo e felicidade.

## MÃOS FURADAS

Certo dia, D. Bosco, que era inimigo de dívidas, traçava do muito grave assunto do pagamento das con-

tas com alguns dos seus primeiros Salesianos, entre os quais estava D. Rua. A certa altura, dirigindo-se a este último, D. Bosco disse:

— Ouça, D. Rua; todos pedem dinheiro e você os despacha com as mãos vazias; isso não está certo.

— Mas, D. Bosco, isso acontece por uma razão muito simples: a caixa está vazia.

— Pois então vendamos os poucos títulos que nos restam e paguemos as dívidas.

— Já vendemos alguns; mas não me parece conveniente vender tudo.

— Venda; pode vender. Deus proverá para o futuro.

— Desculpe, D. Bosco, mas já fiz os meus cálculos: já distribuí o pouco dinheiro que nos resta. Dentro de quinze dias temos que pagar aquela conta de 28.000 liras que vence.

— Não, não!... isso de deixar de pagar as dívidas de hoje para pagar as de amanhã é uma loucura! Venda e pague.

— Mas os vencimentos de hoje podem ser adiados e o outro não.

— Venda! Deus há de providenciar. Isso de guardar para as necessidades futuras já é barrar o caminho à Providência.

— Mas a Providência também sugere que se pense no futuro; outras vezes já nos encontramos em posição difícil.

— Não se preocupe e faça o que lhe digo: vá ao escritório, ponha para fora tudo o que possui, pague a todos e ponha-se nas mãos do Senhor.

Depois, dirigindo-se a todos os presentes, fêz-lhes esta pergunta:

— Quando será que eu encontrarei um indivíduo econômico, que tenha as mãos furadas e siga o meu exemplo?

Todos riram com ele da boa saída e disseram em côro:

— O homem das mãos furadas já foi encontrado: é D. Rua.

E era mesmo, porque a partir daquele dia ele seguiu à risca o método de D. Bosco e foi o seu primeiro sucessor. Fundou colégios, igrejas e inúmeras missões. Não faltavam críticas aos seus gastos mas a todas ele respondia com um sorriso inefável, o sorriso de D. Bosco:

— D. Bosco ordenou-me que tivesse as mãos furadas.

### AS DEZ MIL LIRAS DE UMA MARQUESA

Em setembro de 1864, transferiu-se a capital de Turim para Florença e D. Bosco, a pedido de alguns benfeiteiros, decidiu ir para lá em busca de auxílios.

A sua ida a Florença foi um verdadeiro triunfo. Todos os jornais falavam dele; foi hospedado no palácio do Arcebispo; os cônegos da catedral reuniram-se em sua honra; toda a nobreza disputava a sua presença.

A marquesa Gerini, entre muitas outras, pediu-lhe que prolongasse por mais uns dias a sua estada naquela cidade.

- Não posso marquesa, desculpou-se D. Bosco, os meus filhos esperam por mim.
- Que esperem um pouco; quanto maior fôr a demora maior será seu prazer em vê-los.
- Mas o que eles esperam é o alimento... Se eu não voltar, quem lhes pagará o pão?
- Quantos são os seus rapazes?
- Cérca de mil.
- Qual é a quantia necessária para pagar o pão de seus filhos nestes dias?
- Umas dez mil liras.
- E se encontrássemos essa soma, o senhor se demoraria aqui mais algum tempo?
- Nada me impediria de fazê-lo então.
- Pois bem, nesse caso dar-lhe-ei o dinheiro.
- Que Deus a abençoe! exclamou o Santo rindo.

### A CONDESSA. MOÇA

D. Bosco tinha muitas vezes ouvido falar numa condessa muito rica e muito religiosa; desejava pois conhecê-la para fazer dela uma benfeitora de suas obras, mas as circunstâncias nunca o tinham permitido.

Sabia também que, como todos os mortais, a condessa tinha uma fraqueza: a idade. Estava convencida de que parecia moça e se ofendia seriamente quando alguém aludia à sua idade avançada. Tinha uma filha de mais de 30 anos que todos conheciam por "a condessa moça" e era para ela coisa insuportável o ser chamada "a condessa velha".

Certo dia, encontraram-se por acaso e a nobre senhora perguntou:

— O senhor é D. Bosco?

— Para servi-la, minha senhora; e por quem tenho a honra de ser interrogado?

— Sou a condessa X...

D. Bosco, rápido e espirituoso, não deixou fugir a ocasião e acrescentou logo:

— Oh! a condessa X! Este encontro causa-me prazer imenso. É a senhora condessa sua mãe vai passando bem?

— Minha mãe?... Já morreu há muito tempo. coitada!

— Como?... Ouço sempre dizer que ela é ainda moça e sacudida.

— Senhor D. Bosco, está equivocado...: confunde-me com minha filha. Eu sou a condessa mãe.

— Perdoe-me, senhora condessa, o meu engano é plenamente justificado pela sua ótima disposição. Aceite os meus cumprimentos pela sua boa aparência.

— O que quer... continuou a condessa, sorrindo com visível prazer, eu me conservo assim porque na minha vida nunca houve desordens; por isso gozo agora de tôda a minha saúde, tanto que me tomou por minha filha.

— Compreendo a sua muito justa satisfação e rezarei para que Deus lhe conceda ainda muitos anos de vida.

— Obrigada, senhor D. Bosco, agradeço e aceito os votos; quanto ao senhor, aceite por ora esta pequena oferta para as suas obras; para o futuro procurarei fazer doações maiores.

Eram duas notas de 100 liras que ela punha furtivamente nas mãos de D. Bosco, enquanto se afastava

sorridente e feliz pelo elogio do Santo. E naquele dia ele também voltou para casa risonho e satisfeito com a oferta recebida.

## PERDI OS PECADOS

Certo dia, levaram à presença de D. Bosco um rapazinho debulhado em lágrimas.

Desejando fazer a sua confissão geral com a maior precisão possível, tinha assentado os seus poucos gloriosos feitos numa caderneta. Porém, a tinha perdido, ninguém sabe como, e com ela os pecados. Por mais que remexesse nos bolsos e procurasse por todos os cantos, não havia meio de encontrar o manuscrito: e ele não queria contar a ninguém o motivo da sua aflição.

D. Bosco puxou-o para junto de si e começou a interrogá-lo:

— O que é que você tem, Tiaguinho? Sente-se mal? Tem desgostos? Alguém bateu em você?

O menino enxugou um pouco as lágrimas, criou ânimo e respondeu:

— Eu perdi os pecados!

A essas palavras os companheiros, e até o próprio D. Bosco, cairam na gargalhada. Mas o Santo logo acrescentou:

— Considero-o feliz por ter perdido os pecados, e felicíssimo se nunca mais os encontrar porque, sem eles, irá certamente para o Céu.

Tiaguinho, receando não ter sido compreendido, ergueu os olhos inchados para o bom padre e disse:

— Perdi o caderninho onde os anotei!

Nisso, D. Bosco, que tinha encontrado a preciosa brochura, exclamou, tirando-a do bôlso:

— Sossegue, meu caro, que os seus pecados caíram em boas mãos: aqui estão êles!

A vista disso, o menino tranqüilizou-se e, já com um sorriso, disse:

— Se eu soubesse que o senhor os tinha encontrado, em lugar de chorar teria rido muito e hoje à noite, na hora da confissão, teria dito: “Padre, eu me acuso de todos os pecados que o senhor encontrou e que guarda no bôlso.”

E aqui houve mais uma gostosa gargalhada dos rapazes, de D. Bosco e do pequeno e ingênuo pecador.

### PREDIZ A CURA DE UM DOS SEUS RAPAZES

Um dos melhores rapazes do Oratório adoeceu justamente numa ocasião em que D. Bosco estava ausente. Quando chegou, superiores e rapazes, foram ao seu encontro desesperados, dizendo-lhe que acorresse logo à cabeceira do enfermo se ainda desejava vê-lo.

Ele nada alarmado com a notícia, não apressou absolutamente; chegou mesmo a dizer sorrindo:

— Não!... Davico não pode morrer... ainda não visei o seu passaporte. Chegando-se depois para o doente que delirava, lhe sussurrou qualquer coisa no ouvido. Mandou em seguida que todos os presentes se ajoelhassem e erguessem uma prece a Domingos



Sávio, cujo nome Davico usava. Mal terminou a breve oração que o doente, sentando-se na cama, exclamou:

— Estou curado!... estou curado!...

— Então venha jantar comigo, propôs D. Bosco diante da estupefação dos presentes.

Parecia-lhe loucura mandar levantar e convidar para jantar uma pessoa que, momentos antes, agonizava.

Mas o Santo insistiu e o jovem levantou-se e foi jantar com êle. Naquela noite reinou alegria no Oratório porque Davico continuava passando bem.

Por ocasião da visita de D. Bosco a Roma, em 1867, Francisco II, o rei destronado, quis interrogá-lo sobre o seu destino. Perguntou-lhe antes de mais nada se devia confiar nos que lhe prometiam que reconquistaria o Reino.

— Se vossa Majestade quiser que eu fale claramente, direi que não subirá mais ao trono.

— E sobre o que se baseia para me dizer isso?

— Sobre o modo com que os reis de Nápoles trataram a Igreja.

— Que quer dizer com isso?

— Que a Santa Sé foi tratada em Nápoles com pouca reverência.

— Mas o rei Fernando, meu pai, concordou sempre com o Papa.

— Isso é verdade, mas as causas ficaram.

— Porém se eu voltasse a reinar, as coisas mudariam para melhor.

— Conheço muito bem a devoção de V. Majestade à Santa Sé: mas, "o poder não dependerá da vontade!"

O rei então pediu à Rainha Mãe que consultasse também D. Bosco e o Santo desobrigou-se dizendo-lhe a mesma coisa:

— Vossa Majestade não tornará a ver Nápoles; a profecia é dolorosa, mas verdadeira!

E assim aconteceu realmente porque naquele mesmo ano, a Rainha morria de cólera em Albano e o rei Francisco morria em 1894 em Paris, onde se refugiara, sem nunca mais ter visto Nápoles.

## PILHÉRIA DA PROVIDÊNCIA

D. Bosco improvisou sua primeira capela debaixo do hangar da casa que comprara do sr. Pinardi. Estava tudo pronto para a celebração da primeira Missa, quando percebeu que lhe faltava o cálice.

Como poderia arranjá-lo, ele que não tinha um níquel no bolso?

Dirigiu-se à mãe e exclamou como que inspirado:

— Mãe, procure, remexa por todos os cantos; falta-me o cálice e temos que arranjar o dinheiro para comprá-lo.

— Falar é fácil; mas onde arranjá-lo?

Todavia, pôs-se à obra. Procurou, revirou, e por fim, achou no fundo da gaveta de uma cômoda velha e fora de uso um rôlo contendo oito escudos novinhos.

Era justamente a quantia necessária para a compra do cálice e de cuja existência suspeitava.

— Essa é boa!... Quem os teria posto ali? perguntou a Mãe admirada.

— Essa é boa!... repetiu D. Bosco: quem os pôs ali foi a Providência que quis divertir-se à nossa custa.

E os dois riram a valer dessa piedosíssima brincadeira.

### O NOME DE MARIA AUXILIADORA

Em 1863, quando D. Bosco quis construir a magnífica Igreja de Maria Auxiliadora, a Prefeitura opôs as maiores dificuldades ao seu plano. Apresentou a planta para a aprovação e o engenheiro-chefe não quis aprová-la.

— Esse nome de Maria Auxiliadora, disse êle, não é popular, é inoportuno e além disso... cheira muito a beatice... Em suma, não é apropriado para a nossa época.

— Pois bem, respondeu D. Bosco, se a dificuldade está no título, podemos eliminá-lo.

— E que outro nome dará à Igreja?

— Cabe a mim escolhê-lo.

— Pense bem e diga-o já.

— Por ora não me ocorre nenhum, deixemos isso para mais tarde; terei assim mais liberdade para escolher o nome que depois, a seu tempo, lhe será comunicado.

— Mas o senhor está tramando alguma coisa!

— Não há trama nenhuma aqui. O senhor não quer aprovar o título e não o aprovará; eu quero dar esse nome à minha Igreja e o darei. Assim, tanto eu

como o senhor, ficaremos satisfeitos, porque cada um de nós agirá de acordo com os seus desejos.

O engenheiro sorriu amarelo e, mais ou menos de boa vontade, aprovou a planta. D. Bosco voltou da Prefeitura sorridente, todo satisfeito por ter saído vitorioso e deu logo início aos trabalhos.

## ORELHAS COMPRIDAS

Numa viagem de trem para Sampierdarena, D. Bosco entrou por acaso num compartimento onde já se encontravam duas freiras. Foi só na estação de Asti, quando muitas pessoas se aproximaram da janelinha do vagão para cumprimentá-lo, que as irmãs perceberam que estavam diante de D. Bosco. Nunca o tinham visto mas já o conheciam de fama.

Ficaram muito satisfeitas com o acaso que as punha tão perto do Santo. Uma delas, menos timida, examinava-o de vez em quando com o rabo dos olhos e pensava:

— Será que é D. Bosco mesmo?... A julgar pelo que dizem, em o imaginava alto, corpulento, de aspecto imponente... no entanto é um padre insignificante; além do mais, tem umas orelhas tão compridas!...

De repente D. Bosco se dirigiu para o confrade que o acompanhava e disse bastante alto para ser ouvido:

— Ouça: uma vez eu tive a idéia de tirar um retrato. Mas quando o fotógrafo aprontou as cópias, exclamei assustado depois de observá-las atentamente: "Ora essa! eu pensei que era uma bela figura, alto,

corpulento, de aspecto imponente, e... afinal, oh! desilusão!... percebo que sou um padre insignificante... e o pior são essas orelhas tão compridas!

A freirinha ficou interdita, não sabia o que fazer; mas D. Bosco perguntou-lhe sorrindo, para distraí-la:

— Madre, aonde vai?

— Para Sardenha.

— E o que vai fazer lá?

Ele, esporeando o cavalo, gritou mais uma vez:

— Sigo com destino a um orfanato feminino.

— Ora! mas a senhora devia tratar de meninos e não de meninas.

— Por que?

— Isso não lhe agrada por acaso?

— Não; nem um pouco.

— No entanto é o que fará, e será muito útil aos marotos.

Chegando a Sampierdarena D. Bosco desembarcou mas, dirigindo-se mais uma vez à freirinha, disse:

— Soror Brambilla, trabalhe com boa vontade para os meninos.

E foi profeta. Segundo o que ela mesma lhe escreveu numa carta onde pedia desculpas pelo que pensara dêle, mal chegara na Sardenha, a sua situação mudara; fôra transferida para o asilo masculino, onde trabalhava muito. Tinha só quatro companheiras com as quais repartia os afazeres, que eram inúmeros.

D. Bosco mostrou a carta ao companheiro de viagem e aos superiores, rindo gostosamente das suas orelhas compridas e da impressão pouco lisongeira da freirinha, cujos pensamentos adivinhara assim como o seu nome e o seu destino.



## HÁ DE VIVER MAIS DO QUE SÃO PEDRO !

A anedota seguinte é mais uma prova do modo como o Papa Pio IX correspondia com afeto e ternura ao amor de D. Bosco e dos seus Salesianos por él e pela Sede Apostólica, e atesta a grande bondade do Pontífice.

Em fevereiro de 1869, por ocasião de uma nova visita de D. Bosco a Roma, o Papa recebeu-o tristonho e acabrunhado.

— Meu caro D. Bosco — queixava-se él — eu já estou velho, posso morrer de um momento para outro; por isso, se tiver alguma coisa a pedir em favor da sua Congregação, apresse-se.

D. Bosco fitou-o amorosamente e, com a tranqüilidade e a segurança de costume, respondeu em tom profético:

— Santo Padre, o Senhor vos destina ainda a grandes coisas para o bem da Igreja.

— Eh!... rebateu Pio IX, falta só um ano e meio para eu alcançar a idade do pontificado de São Pedro.

— E Vossa Santidade, passará essa idade.

— O que me diz?... Até hoje, desde há muitos séculos, isso nunca aconteceu.

— Pois bem, eu afirmo que Vossa Santidade não só alcançará os anos do pontificado de São Pedro, como os ultrapassará.

A profecia se realizou e o Papa Pio IX é o único que viveu mais do que São Pedro. Muitas vêzes riu dela com D. Bosco, chamando-o de vidente de vista longa.

**Na noite de 7 de fevereiro de 1865, D. Bosco contava aos seus rapazes o fato que se segue:**

"Um rico senhor estava doente havia mais de dois meses: a enfermidade piorava dia a dia e um amigo, bom católico, fê-lo entender que seria prudente chamar um sacerdote.

— Oh! não!... respondeu o doente; não quero confessar-me; não quero padre nenhum.

— E se eu chamassem D. Bosco?

— D. Bosco?... Pois olhe, ai está um padre que eu gostaria de ver: contam tantas coisas dêle! Deixe-o vir à vontade, mas com uma condição: que não tente confessar-me.

Vieram chamar-me e eu, no sábado passado, fui visitá-lo. O doente mostrou-se satisfeito com a minha visita mas me preveniu logo:

— Fale de história, de política, do que entender, mas não toque nem em Religião nem em Confissão.

— Como quiser, respondi eu.

E comecei a contar-lhe historietas cômicas, pilhérias ridículas, aumentando cada vez mais a dose à medida que via o doente rir com gôsto. Por fim, cansado, pediu-me que não prosseguisse se não quisesse matá-lo de riso antes que a doença desse cabo dêle. Era o que eu queria.

— Pois bem, disse-lhe então, falemos de alguma coisa séria.

— Seja, mas lembre-se de que não quero ouvir falar em Confissão; é esta a condição que lhe impus.

— O senhor não quer que se fale em Confissão

e está sempre gludindo a ela, sinal evidente de que a tem sempre no pensamento. No entanto, eu não o confessarei: falar-lhe-ei sómente da sua vida passada.

E passei calmamente à descrição do estado lamentável da sua consciência. O enfermo ouviu-me com tóda a atenção e quando terminei perguntou:

— Mas, meu caro D. Bosco, como pode o senhor conhecer tão bem as minhas ações?

— Eu tenho quatro palavras por meio das quais leio na alma de quem quiser!

— E quais são estas palavras?

— São: Otis — Botis — Pia — Tutis.

O docente abriu uns olhos muito admirados e depois acrescentou:

— Então é inútil que eu me confesse, porque o senhor sabe tudo: nesse caso a confissão já está feita.

— Sim, agora só falta terminá-la e o senhor certamente não se oporá a isso, não é verdade? Basta declarar-se culpado dessas faltas, arrepender-se delas e fazer firme propósito de mudar de vida, se Deus lha quiser conservar ainda.

— Não, não me oporei absolutamente; fico-lhe pelo contrário muito grato.

Vendo-o com tão boas disposições, dei-lhe a absolvição e a coisa acabou em risadas, pois nós dois riímos gostosamente das palavras mágicas: Otis — Botis — Pia — Tutis, que o doente repetia, estropiando-as cômicoamente.

## OS PONTA-PES DO ENGENHEIRO

Em 1869, D. Bosco viajava de trem de Florença a Turim. Tinha como companheiros de viagem alguns

senhores que conversavam sobre os principais acontecimentos dos últimos dias. A presença de um padre ativou nêles a antipatia que nutriam por toda a classe de religiosos, principalmente pelos Jesuitas.

Um deles emitiu as suas opiniões, declarando categoricamente:

— É preciso acabar de uma vez com êsses Jesuitas e suprimir todos os colégios dirigidos por padres. Se eu tivesse autoridade para tanto, o meu desejo seria destruir antes de mais nada o covil que um certo D. Bosco mantém em Turim. O meu maior prazer seria pregar-lhe uns bons ponta-pés; e garantir-lhes que, depois dele, todos os seus protegidos receberiam o seu quinhão.

Nesse ponto, continuou dirigindo-se a D. Bosco:

— Não é verdade, senhor Abade, que isso seria bem feito?!

O Santo retrucou com a bonacheirice e franqueza habituais:

— Eu por mim acho que não!

— O senhor conhece D. Bosco?

— Um pouquinho.

— Então as coisas não são como eu digo?

— Não creio.

— Não é verdade que a educação que ele administra aos seus jovens não está de acordo com as nossas idéias?

D. Bosco meneou a cabeça como quem diz: Não seria melhor que o senhor parasse com essas asneiras?!

— Mas o tal D. Bosco cria uma multidão de jesuitas e nós não precisamos nem de padres nem de frades.

O Santo tencionava calar-se, mas, embora complacente e digno como sempre, entrou na discussão para defender a boa causa da sua própria Obra e replicou:

— Ouça, meu caro senhor, eu já visitei o Oratório mais de uma vez e mais de uma vez falei com D. Bosco; conheço a instrução que ele dá, não ignoro os seus métodos de educação e posso afiançar que ele não tem outro desejo senão o de fazer daqueles pobres jovens bons cristãos e cidadãos honestos.

— Está bem, senhor Abade; tudo o que diz pode estar certo, porém, os nossos tempos não comportam isso... a Idade Média já passou.

Nisso, o trem parou na estação. Os viajantes apressaram-se em desembarcar e com eles o nosso falador, que era engenheiro, empreiteiro e construtor.

O tempo passou. Seis meses mais tarde publicaram-se em Roma os editais de concorrência para construções de importância. O nosso engenheiro, sentindo-se apto, pensou em concorrer também; mas é sabido que nem sempre a boa disposição é tudo e que, sem uns empurrões de vez em quando, não se consegue alcançar o fim almejado.

O que fazer num caso desses?

O nosso falador sentiu, justamente a necessidade de um empurrão e, encontrando-se com um marquês de suas relações, pediu-lhe que se interessasse por ele, prometendo-lhe em troca gratidão eterna.

O marquês que era influente, mas cuja influência não chegava para tanto, respondeu:

— Com todo o prazer!... Porém, diretamente, eu não conseguiria nada, mas conheço quem poderá arranjar tudo.

— Quem é?

— É D. Bosco.

— D. Bosco?!... Já ouvi falar nêle...

— Pois bem, vá então até Valdocco, apresente-se a ele em meu nome, e tudo correrá às mil maravilhas.

— E... esse D. Bosco é influente?

— Em Roma e no Vaticano consegue o que quer.

Uma palavrinha dêle ao Cardeal Antonelli, faz milagres.

O engenheiro sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias, ao pensar em recorrer a uma pessoa a quem, havia pouco tempo, ele teria gostado de dar uns ponta-pés. Mas, como se tratava de um trabalho considerável e de um lauto lucro, criou ânimo e foi. De mais a mais, pensava ele pelo caminho, D. Bosco nunca o tinha visto e ele nem sequer conhecia o santo.

Em Valdocco foi recebido com a amabilidade costumeira.

— O sacerdote sente-se sempre feliz quando pode prestar um bom serviço, disse D. Bosco. Apresente este meu cartão ao Cardeal Antonelli e, por ora, aceite os meus melhores votos de sucesso.

— Muito agradecido, senhor Abade. Se tiver qualquer recado para Roma, disponha...

D. Bosco refletiu alguns instantes e depois, quase gracejando, disse:

— Ah!... peço-lhe uma coisa: quando se achar diante do Cardeal de Estado, não vá dizer-lhe que D. Bosco merece ser banido do Oratório junto com todos os seus filhos.

O engenheiro fitou-o atentamente; não restava dúvida: era ele mesmo... o padre do trem!

É fácil imaginar o estado em que ficou o coitado! Confundiu-se, atrapalhou-se, desfez-se em desculpas, gaguejou. Por fim, acabou fazendo profissão da estima que tinha por D. Bosco e pela sua Obra, prometendo nunca mais falar mal dos padres.

Era justamente a isso que D. Bosco queria chegar: ao arrependimento. Conseguira-o e alegrava-se com isso. As negociações em Roma surtiram efeito: o engenheiro conseguiu o contrato lucrativo e fez fortuna. Pouco a pouco, foi-se transformando: tornou-se cristão exemplar, zeloso cooperador e grande benfeitor de D. Bosco.

Os dois riem sempre da célebre história dos ponta-pés.

#### CASO TÍPICO DE UM CAPELÃO

Cedendo às insistências de um bondoso Vigário da Diocese de Alba, D. Bosco tinha ido pregar na sua paróquia por ocasião dos Finados.

Na noite de 2 de novembro vinha êle, de volta pelas colinas, em direção à estação de Bramas, perdeu-se pelo caminho, e como era tarde e a noite chuvosa, viu-se obrigado a pedir pousada ao Capelão de uma igrejinha à beira da estrada.

Foi recebido um tanto a contragosto e submetido a uma espécie de interrogatório.

— Quem é o senhor?

— Um pobre padre de Turim que se perdeu e pede a sua hospitalidade.

— E que ofício exerce em Turim?



— Tomo conta de uma igrejinha pelos lados de Valdocco.

— E naturalmente ainda não jantou?

— Não; e se por caridade quiser dar-me alguma coisa, aceitarei de boa vontade.

— Sinto muito mas estou desprovido; não posso oferecer mais do que pão e queijo.

— Chega muito; é até demais.

— E naturalmente o senhor tenciona pernoitar aqui?

— Com um tempo desses... e além disso já perdi o trem.

— Isso é verdade, mas o caso é que não tenho cama disponível.

— Nada mais fácil de remediar: duas cadeiras são suficientes.

— Sendo assim disponho... tratá-lo dessa maneira!

Enquanto a criada punha o pão e o queijo na mesa, o patrão continuava a sua série de perguntas:

— Então, o senhor vem de Turim, não é?

— Venho, sim senhor.

— Conhece por acaso um tal D. João Bosco?

— Conheço-o, e bastante.

— Eu nunca tive ocasião de estar com ele, mas as circunstâncias me obrigam a pedir-lhe um favor. O senhor sabe se ele costuma atender facilmente os que se dirigem a ele?

— Sei que, sendo possível ele está sempre satisfeito quando pode ser útil ao próximo.

— Tinha pensado em escrever-lhe uma carta, pedindo para internar um pobre órfão no Oratório.

— Posso garantir-lhe que o aceitará de boa vontade.

— Realmente?... Mas o senhor é muito amigo de D. Bosco?

— Sim!... amicissimo desde a infância.

— Então há de obter êsse favor para mim?

— O favor já está mais do que obtido, em troca da sua caridosa hospitalidade.

— Mas enfim... o senhor... mas enfim o senhor... quem é o senhor?

— Sou D. Bosco em pessoa.

— D. Bosco? O senhor é D. Bosco!... Se tivesse dito logo... perdoe-me se não o tratei como devia... Mas quem teria imaginado uma coisa dessas! Deixe, deixe êsse queijo. Lembro-me agora de que sobrou alguma coisa do jantar.

E, todo atrapalhado, atarantado, afobou-se e, vermelho como um camarão, chamou a criada às pressas, mandou estender uma toalha sobre a mesa; encomendou um caldinho... alguns ovos... enquanto ele corria ao armário e trazia meio frango assado. O pobre homem não tinha sossêgo. E, ao vê-lo tão atarefado como se se tratasse de hospedar um príncipe, D. Bosco ria gostosamente.

Depois do jantar deram-lhe uma cama macia e na manhã seguinte o Capelão acompanhou-o até a estação, desfazendo-se em desculpas, enquanto o Santo se esforçava para arranjar um meio de transformar em brincadeira o epílogo da noite anterior. Ao despedir-se do Capelão, disse-lhe, como verdadeiro amigo:

— Veja, senhor Capelão, que os próprios acontecimentos nos sirvam de lição. Se não tivermos nada, não dêmos nada; se tivermos pouco, dêmos pouco, e, se tivermos muito dêmos o que nos parecer conveniente; mas deixemo-nos guiar sempre pela caridade, que algum dia seremos recompensados.

### DÉIXOU O MINISTRO PROTESTANTE PARA SABER O QUE SE PODE R

Um jovem chamado Pedro, que estivera alguns anos com D. Bosco no Oratório, acabou caindo nas rãdes dos protestantes e inscreveu-se entre os membros de uma seita.

Tendo êle adoecido gravemente, os protestantes entrincheiraram-se ao pé da sua cama e montaram guarda à porta do quarto, para o impedir de chamar um padre católico.

D. Bosco veio a sabê-lo e correu sem perda de tempo à casa do enférmo.

Quem abriu a porta foi um ministro protestante que o recebeu perguntando:

— Quem procura, senhor Abade?

— Procuro falar ao doente.

— Ele não pode receber ninguém. O médico proibiu rigorosamente as visitas.

— Naturalmente não estou incluido na proibição; deixe-me passar; falarei com êle só alguns instantes.

E assim dizendo, foi avançando habilmente até entrar no aposento e dirigiu-se ao doente:

— Ó Pedro, como vai? Você ainda se lembra de mim? Reconhece-me?

— Sim, o senhor é D. Bosco, o antigo amigo da minha alma!

O ministro, despeitado e indignado, gritou para o Santo:

— Enfim, chega; peço-lhe que se retire; o senhor não tem nada que fazer aqui.

— Pelo contrário, tenho muito que fazer. E quem é o senhor para dar ordens com tamanha autoridade?

— Sou o ministro protestante Amadeu Bert.

— E eu sou D. Bosco, o diretor do Oratório de Valdocco.

— Em resumo, o que quer aqui?

— Quero ajudá-lo a salvar a própria alma, ao passo que o senhor quer perdê-lo.

— Mas ele não tem nada que ver com o senhor.

— Por que não?

— Porque está inscrito entre os membros da Igreja protestante.

— Eu o matriculei antes do senhor no catálogo dos meus filhos.

— Mas o senhor está perturbando a consciência dêste pobre doente e ainda há de se arrepender.

— Quando se trata da salvação de uma alma, não temo consequências.

— Repito-lhe que se retire. Saiba, senhor Abade, que eu tenho autoridade!

— E eu repito que respeito todos mas não temo ninguém. Além disso, tenho certeza que o enfermo está arrependido de ter entrado para a sua seita e deseja morrer como católico.

— Isso é uma sedução, uma mentira, um ardil,

gritou o ministro. E dirigindo-se ao doente, interro-gou-o:

— Não é verdade, Pedro, que você quer continuar na igreja evangélica?

— Não, não e não! respondeu o rapaz. Eu sou católico e como tal quero viver e morrer.

Diante dessa franca profissão de fé, feita aberta-mente, o Ministro retirou-se despeitado e encolerizado, gritando:

— Hei de voltar em ocasião mais propícia.

— A ocasião mais propícia é justamente esta, re-plicou D. Bosco, acompanhando-o até a porta.

Depois, voltando para junto do doente, disse-lhe, com um sorriso confortador:

— Viu, Pedro, como nós o fizemos calar? Oh! como a nossa Religião é poderosa e como Deus é bom! Saiba ser fiel!

Confessou-o e deu-lhe de novo a felicidade. De-pois de restabelecido, ria muitas vêzes com o Santo do despeito do ministro Bert.

#### A MEDIUM

Noutra ocasião, quis ver de perto os truques de um charlatão estabelecido na praça "Castello". O em-busteiro atraía o povo dando espetáculos de revelações e predições, auxiliado por uma médium, por meio da qual chegava até ler cartas fechadas.

Para lá foi o Santo, levando consigo uma carta lacrada.

Aproximou-se com ela na mão até ser notado pelo magnetizador.

— Venha, venha, senhor Abade, convidou êle.

D. Bosco abriu caminho e chegou até o centro do grupo, onde uma mulher com os olhos vendados estava sentada.

— O que deseja, senhor Abade? começou o charlatão.

Desejava conhecer o conteúdo desta carta, respondeu D. Bosco, erguendo-a à vista de todos.

— Será satisfeita.

E dirigindo-se à sonâmbula, ordenou-lhe que iniciasse a leitura.

Ela hesitou porque o "trabalho" era imprevisto; mas obrigada a dizer qualquer coisa, começou:

— Vejo... vejo tudo com clareza e precisão!

— Vê o que? indagou o Santo curioso.

— Não posso dizer-lo.

— Por que não?

— Por causa do segredo.

— Que segredo?

— O do lacre.

— Coisa muito razoável, meus senhores, explicou o magnetizador ao povo e a D. Bosco. A médium tem razão: o segredo das cartas lacradas é inviolável.

— Nada mais fácil, ajuntou D. Bosco, rompendo o lacre.

— Agora sim, concordou o charlatão. Pode ler, ordenou à mulher.

— Não posso!...

— Mas por que?

— Porque não posso e não quero trabalhar diante de quem pertence à Igreja.

Sinal evidente de que não podia enganar facilmente aos sacerdotes.

Ouvindo isso, os assistentes caíram na gargalhada e se retiraram, vaiando a sonâmbula e o charlatão e elogiando D. Bosco que os tinha feito descobrir a trapaça.

#### — O CONSULTÓRIO MAGNÉTICO

D. Bosco veio a saber que o pseudo-doutor Giurio mantinha um consultório magnético na rua Santa Teresa, de sociedade com uma vidente chamada Brancani.

Muitos, atacados por doenças ocultas ou incuráveis, mandavam ao consultório objetos que lhes pertenciam; mediante um exame dos mesmos os videntes adivinhavam a doença, davam conselhos e receitavam medicamentos.

O Santo resolveu desmascarar essa exploração danosa e perigosa e para lá se dirigiu com dois companheiros. Entraram; a sala estava cheia de espectadores. Depois de assistir a diversas demonstrações, D. Bosco pediu ao doutor que o pusesse em comunicação magnética com a médium. Esperou que o doutor lhe fizesse sinal para começar e iniciou o interrogatório, mas as respostas da vidente eram extravagantes e sem nexo.

Ele puxou então do bolso uma mecha de cabelos e perguntou:

— De quem são estes cabelos?

— Pobre rapaz!... murmurou a mulher; como deve sofrer!

— A pessoa a quem pertencem estes cabelos não

é um moço, retorquiu D. Bosco; diga-me pelo menos onde ela mora.

— Ela mora... mora... lá em baixo... na rua da Zecca.

— Não, senhora; está enganada.

— Espere, eu ainda não cheguei lá. Ela mora mais para baixo, além do rio Pô.

— Nada disso; ela não mora por aquêles lados. Conte-me ao menos qual é a sua doença.

— Espere um instante... oh! que sofrimento... pobre infeliz!

— Mas afinal, de que sofre? insistiu D. Bosco.

— Coitada! sofre de epilepsia.

— Qual nada!... nunca foi epilética, protestou D. Bosco.

Nesse ponto a mulher, que durante todo o diálogo estivera atrapalhada e pouco à vontade, se enfureceu e rompeu numa série de palavras tão baixas e obscenas que provocaram tumulto e indignação entre os presentes que se dispersaram, pondo fim à sessão.

Sairam todos desconcertados pelo que tinham visto e ouvido e agradeceram a D. Bosco por lhes ter aberto os olhos; retiraram-se murmurando:

— Isso não é uma sala de magnetismo e sim uma exploração das melhores.

## PREDIZ O NOVO PAPA

Morto Pio IX, preparava-se o Conclave para a eleição do novo pontífice.

D. Bosco, que tratara com Crispi a respeito da eleição, certo dia perambulava pelo Vaticano quando

deu com um cardeal que nunca tinha visto. O guia lho apresentou como sendo Sua Eminência o Cardeal Pecci. D. Bosco examinou o Purpurado com atenção: depois aproximou-se dêle, exclamando com respeito filial:

— Vossa Eminência há de permitir que lhe beije a mão.

— Quem é o senhor que se aproxima tão franco e desembaraçado?

— Sou um pobre padre que agora beija a mão de Vossa Eminência e reza com a firme esperança de poder, daqui a poucos dias beijar-lhe o sagrado pé.

— Tome cuidado com o que faz; proibo-o de rezar para tal fim.

— Vossa Eminência não me pode impedir de pedir a Deus o que Ele próprio deseja.

— Se insistir em rezar, eu o ameaçarei de censura.

— Vossa Eminência não tem por ora o poder de infligir censuras; quando o tiver, saberei respeitá-lo.

— Mas afinal, quem é o senhor que fala com tanta autoridade?

— Eu sou D. Bosco!

— Por caridade, não fale mais nisso; agora é tempo de trabalhar e não de pensar em pilhérias.

— Isso não é pilhória; é a pura verdade, concluiu D. Bosco, com um sorriso angélico.

Os acontecimentos encarregaram-se de demonstrar a veracidade do que êle afirmara: poucos dias mais tarde, o Cardeal Joaquim Pecci era o novo Papa. Leão XIII.

Encontrando-se com D. Bosco, o Pontífice disse-lhe mais de uma vez:



— O senhor foi o primeiro a saudar-me Papa e eu serei o seu primeiro cooperador Salesiano.

## PRATARIA QUE DESAPARECE

Como já sabemos, D. Bosco era um Santo muito espíritooso e facêto. Certa ocasião, na França, num jantar em casa do barão Martin, ele percebeu que os convivas admiravam e elogiavam um rico serviço de mesa todo de prata e finamente cinzelado. O jantar terminou, chegou a hora de se retirarem os convidados e o senhor barão, talvez por esquecimento, talvez por causa dos demais hóspedes, não lhe entregava a oferta de sempre para as suas obras. Recorreu então a uma astúcia. Aproximou-se da mesa sobre a qual estavam os talheres e, sem hesitar, pôs-se a enfiá-los na malinha que trazia. O barão e seus convidados observavam-no com atenção, curiosos por ver o fim da brincadeira. Ele, depois de terminar muito calmamente a operação, dirigiu-se ao barão e indagou:

— Senhor barão, qual será o valor d'este faqueiro.

— Comprando-o novo há de custar uns 10 mil francos; mas, querendo vendê-lo não se conseguiria nada mais do que mil francos.

— Pois bem, então antes de revendê-lo a estranhos, disse D. Bosco muito sério, ofereço-o ao senhor; dê-me mil francos para os meus órfãos.

Todos os presentes riram e a brincadeira surtiu o efeito desejado. O barão pagou de boa vontade os mil francos e o Santo retirou-se alegre e satisfeito com o êxito da pilharia.

## SAIA LARGA E PORTA ESTREITA

Uma rica senhora da aristocracia de Turim, muito caridosa para com os pobres, costumava levar todos os meses as suas ofertas para o Oratório.

Certo dia, ela apareceu com um amplo vestido de crinolina. Ao passar pela porta da sala de D. Bosco, que só tinha uma fôlha aberta, arrebentou as barbatanas que armavam a saia. Diante do desastre, a dama, de coração excelente mas um tanto rabugenta, zangou-se e jurou nunca mais pôr os pés no Oratório. O Santo, muito aborrecido com o acidente, disse-lhe com docura que lhe era peculiar:

— Vossa excelênciá talvez não se lembrou que as portas do Oratório não são largas como as do seu palácio.

Essas palavras não surtiram o efeito desejado, pois tiveram a infelicidade de excitar ainda mais a visitante que, chamando a carruagem, saiu dali no mesmo instante, renovando as ameaças de não voltar mais ao Oratório.

— Muito bem, serei assim obrigado a ir visitá-la, respondeu D. Bosco sorrindo com calma.

De fato, começou a fazê-lo com pontualidade: ia visitá-la de oito em oito dias até que, na terceira vez, ela exclamou:

— O senhor por aqui tão cedo?

— Se vossa excelênciá não me visita mais, é forçoso que eu a procure; do contrário, como poderia sustentar os meus jovens que necessitam de tudo?

A nobre senhora compreendeu a astúcia e a humildade do Santo. Riu com êle da resposta espirituosa

que soubera achar e continuou levando-lhe pessoalmente as suas contribuições mensais.

## QUEIJOS E PECADOS

Era dia 11 de Junho de 1881 quando Bratório adoeceu; cursava o terceiro ano e era o consolo e a esperança dos Superiores pela sua conduta irrepreensível e pelo êxito excelente dos seus estudos.

Durante a convalescença, o doente foi passar uns tempos com a familia para descansar. De volta das férias, subiu para falar com D. Bosco e comunicou-lhe muito acabrunhado, com acento triste:

— Senhor D. Bosco, meus pais atravessam um mau periodo e, devido às dificuldades, não podem mais pagar a minha pensão e nem tão pouco a dívida já existente. A única coisa que puderam fazer para recompensá-lo, foi mandar-lhe êstes seis queijos.

E enquanto falava os tirava do saco.

D. Bosco, admirando o humilde desembaraço e a graça do seu filho, exclamou:

— Quer dizer que os seus pais não podem fazer mais nada?

— Nada, absolutamente nada!... Porém eu ainda poderia dar-lhe alguma coisa.

— O que?

— Os meus pecados com uma confissão geral.

O Santo riu de tamanha ingenuidade e disse:

— Bem, nesse caso, guardarei os queijos para mandá-los à cozinha; quanto à confissão, você virá fazê-la hoje à noite.

Nesse mesmo dia, à hora do jantar, um dos queijos

foi servido na mesa dos Superiores e D. Bosco divertiu os comensais, contando-lhes como o engenhoso rapaz pagara a dívida.

## ODO E GALINHA

Certo dia, estava ele palestrando num grupo formado por dois médicos, dois advogados e um professor. Os cinco teimavam em convencê-lo da impossibilidade da existência de Deus.

Ele deixou-os desabafar-se à vontade e foi só quando acabaram de inumerar todas as suas tólas razões e provas que, sempre muito calmo, contou em tom de pilharia a história do ovo e da galinha e perguntou:

— Agora respondam: quem existiu primeiro, o ovo ou a galinha?

— Foi certamente a galinha que, depois, botou o ovo, respondeu logo um dos médicos.

E os outros aprovaram.

— De onde nasceu então a galinha?

— Do ovo, é lógico, responderam todos em côro.

— Mas quem foi que criou o primeiro ovo, de onde nasceu a primeira galinha?

Aqui todos calaram porque não atinavam mais com o que responder.

— Digam a sua opinião. Expliquem à vontade o que lhes parece mais exato: foi o ovo ou foi a galinha que apareceu primeiro?

Depois de um instante de silêncio, o outro médico exclamou:

— Que vão para o diabo, o ovo e a galinha!... Quem é que pode responder a uma coisa dessas?

Todos cairam na gargalhada e D. Bosco retrucou:

— Em lugar de mandá-los para o diabo, eu mandaria cozinhá-los para nos deliciar. Meus senhores, podem continuar a passar do ovo para a galinha e da galinha para o ovo indefinidamente; porém serão obrigados a chegar à conclusão de que existe um Deus I.e., assim como criou o resto, criou também o ovo de onde nasceu a galinha, ou a galinha de onde veio o ovo. Podemos passar à vontade dos filhos aos pais; acabaremos sempre chegando ao homem criado por Deus, isto é, Adão, o primeiro homem que habitou a terra...

Eles cederam e, se não estavam convencidos, também não tinham mais argumento para discutir.

— Oh!... como são pouco sábios êsses homens tão estimados pelo mundo!

## COM OS PEQUENOS DO REFORMATÓRIO

No mesmo ano de 1855, D. Bosco tinha pregado os Exercícios Espirituais aos jovens da “Generala”, instituto correccional de Turim.

No dia da Comunhão geral pediu e obteve, depois de mil dificuldades, a licença do ministro Ratazzi para levar os internados — em número de 300 — a dar um passeio até Stupinigi, a seis quilômetros de Turim.

O dia decorreu esplendidamente: a mais franca alegria reinou até à noite, e quando os reuniu para a volta, ninguém faltou à chamada.

A admiração do pessoal do Instituto, dos Superiores e do próprio ministro foi indescritível. Perguntavam uns aos outros como é que um padre sózinho, sem



guardas nem soldados, tinha podido manter em ordem e submissos tão grande número de internados que os mais severos regulamentos e as celas de rigor não conseguiam dominar.

O Santo aproveitou o ensejo para fazer-lhes ver as vantagens do seu sistema de educação. Convençães tão bem, tão cientes ficaram os diretores da excelência do seu método que, alguns dias mais tarde, lhe propuseram que aceitasse a direção do Instituto. Ele porém desculpou-se com um sorriso suave:

— Meus caros senhores, não posso aceitar porque, com o meu sistema, eu faria dêsses jovens outros tantos padres e religiosos e os senhores não ficariam satisfeitos com isto.

Todos riram com D. Bosco da sua observação tão acertada.

#### EMPRESTA A SUA VOZ

Nos últimos anos de sua vida, D. Bosco voltou à França para angariar ofertas.

O diretor de uma das casas, para festejar a sua chegada, tinha organizado uma representação, com convites para todos os cooperadores e os principais habitantes da cidade.

Chegado o momento de entrar em cena, um dos atores principais perdeu a voz inesperadamente. Substituí-lo era coisa impossível; despedir tanta gente sem o espetáculo, não era conveniente.

Recorreu-se como sempre a D. Bosco, que, chamando o jovem ator para junto de si, propôs:

: — Você quer que eu lhe empreste a minha voz?

— Ó D. Bosco... — começou o outro.

— Deixe isso por minha conta. Ajoelhe-se, receba a minha bênção e vá representar a sua parte.

O rapaz obedeceu, e, agradecendo, foi para o palco onde representou com sucesso.

Foi D. Bosco que ficou rouco e mudo durante todo o tempo, sem proferir uma palavra.

Acabada a récita, tornou a chamar o rapaz e, depois de felicitá-lo, intimou:

— Agora devolva-me a minha voz para que eu possa pedir com ela o pão para os meus órfãos.

E recuperou totalmente a voz, enquanto que o rapaz voltou a ficar rouco como antes.

Todos riram da engenhosa saída do Santo e do prodígio que operara.

#### L'ABBÉ BONHOMME

Nessa mesma ocasião, achando-se em Nice, tomou um carro de praça, mas na hora de pagar, percebeu que estava sem um vintém no bolso. Pediu então ao cocheiro que passasse mais tarde pelo Patronato São Pedro, onde lhe seria paga a corrida.

— Por quem devo perguntar?

— Por mim.

— Mas quem é o senhor? indagou o homem.

— *Abbé Bonhomme* (Abade Bom-homem, ou seja, pobre homem).

A tarde, o cocheiro foi ao lugar indicado e pediu pelo Abade Bonhomme.

O porteiro respondeu que não havia ali nenhum Abade com êsse nome.

O homem insistiu, levantou a voz, até que o porteiro, perdendo a paciência, lhe mostrou brutalmente a saída.

Ele, furioso, já estava para sair quando D. Bosco entrou. Ao vê-lo, o homem começou a gritar com ar de triunfo, apontando para o Santo:

— Eis aí l'Abbé Bonhomme!

D. Bosco pagou-o rindo e juntou uma gorgeta; ele se foi satisfeito e atrapalhado, declarando:

— Cet homme n'est pas un bonhomme... il est un grand homme. (Ele não é um pobre homem; é um grande homem).

Enquanto isso D. Bosco explicava o porque daquela cena e ria da aventura divertida.

## RELIGIÃO OU VARA DE MARMELO

Desejando conhecer o grande diretor de quem tanto ouvia falar e o seu método de educação, tão discutido e célebre, um ministro protestante inglês foi a Turim em 1855 e pediu para visitar o Oratório Salesiano.

D. Bosco recebeu-o pessoalmente e o acompanhou numa visita geral pelo estabelecimento. A estupefação do Ministro crescia à medida que percorria laboratórios e repartições, admirando e elogiando a ordem e a disciplina irrepreensíveis. Mas ao ser introduzido na grande sala de estudo, onde mais 500 jovens trabalhavam com aplicação no mais perfeito silêncio, a sua ad-

miração chegou ao auge. Dirigindo-se a D. Bosco, exclamou:

— Senhor Abade, sabe que isto é um espetáculo maravilhoso? Diga-me: qual é o segredo para tanto silêncio e tamanha disciplina? Diga-me, porque quero tomar nota do seu método e introduzi-lo na Inglaterra.

— Senhor ministro, explicou D. Bosco, o meu segredo não lhe serve.

— E por que não?

— Porque pertence aos católicos e os senhores são protestantes. O meu segredo está na Confissão frequente e semanal.

— Sendo assim, falta-nos realmente esse meio poderoso, admitiu o ministro. Mas não poderia ser substituído por outro, de igual eficácia?

— Não! quando não se emprega este elemento de Religião, é preciso recorrer à vara de marmelo.

— Nesse caso, ou Religião ou vara de marmelo, não é, Padre?

— É mesmo, apoiou D. Bosco rindo, ou uma coisa ou outra.

— Muito bem, muito bem, já entendi e quero contar isso em Londres.

## DESIDERIUM PECCATORUM PERIBIT !

No dia 6 de agosto de 1876, por ocasião da inauguração da estrada de ferro Turim-Cirié-Lanzo, o prefeito de Turim pediu permissão para servir um refresco às autoridades no Colégio que D. Bosco mantinha em Lanzo.

Participavam da reunião os Ministros Depretis, Nicotera e Zanardelli, além de muitos deputados. D. Bosco também estava presente.

Depois do refresco foram todos para o jardim e a conversa caiu sobre as freqüentes viagens do Santo a Roma e as suas visitas ao Vaticano. Estavam todos de bom humor e faziam piadas entre si.

A certa altura o deputado Ercole sugeriu:

— D. Bosco lê nos corações: vejamos pois qual dos dois é mais pecador, Nicotera ou Zanardelli.

A sugestão foi recebida com uma gargalhada de aprovação, e o Santo aderiu à brincadeira.

— Realmente... para poder dar uma resposta exata, é preciso que eles venham aqui para os Exercícios Espirituais; só então, depois de uma boa confissão geral, eu poderei fazer um juizo sobre o estado das consciências dos senhores ministros.

Essas palavras foram recebidas e aclamadas com gargalhadas ainda mais sonoras. Como Ercole insistia na brincadeira, Nicotera o interrompeu, dizendo:

— Ora... por que é que você quer fazer de mim o término de comparação? Não seria mais interessante se indagasse sobre a sua própria alma?

Ao que o outro retrucou:

— Mas eu não tenciono converter-me... ainda é muito cedo para isso.

— Você não sabe que a Escritura diz: "Desiderium peccatorum peribit?"

— Bravo!... bravíssimo... aprovaram os outros em côro. E um deles continuou:

— Diga-me, D. Bosco, o senhor acha que nós nos salvaremos?

— Eh!... fêz D. Bosco, tudo se espera. A misericórdia de Deus é tão grande!

— Mas não estamos dispostos a nos converter tão cedo.

— Quer dizer com isso que tencionam continuar na mesma vida e depois... se tiverem vontade... não é isso?

— Adivinhou!

— Nesse caso, concluiu o Santo, há de acontecer o que o seu amigo disse há pouco: "Desiderium peccatorum peribit". Os convidados riram gostosamente e se despediram do Santo, assegurando-lhe que tinham passado horas agradabilíssimas, horas como só é possível passar nos colégios salesianos.

D. Bosco riu também por ter-lhes feito um sermãozinho e por ter-lhes dito coisas que talvez nunca tivessem ouvido.

#### II. QUE MIL

Na volta da sua última viagem pela França ele passou por Grenoble.

Grande multidão o esperava. As praças e as ruas regorgitavam de povo e o Vigário, que tinha ido ao seu encontro acompanhado solenemente por todo o clero, lhe pediu que benzesse os seus paroquianos. O povo porém não se satisfez. Às empurrões lutava para chegar até ele, para beijar-lhe as mãos ou, pelo menos, tocar-lhe as vestes.

Muitos, não o conseguindo, empunharam terços e crucifixos, procurando fazê-los chegar até ele. Dêsse

**modo, atingiam-no no corpo, nas mãos, e até no rosto. Chegavam a esfregar-lhe os objetos nas mãos para que ele os tocasse, e a premê-los contra os seus lábios para que os beijasse.**

**Em certo ponto, não podendo mais suportar a investida, pediu aos mais próximos que se afastassem um pouco, gemendo:**

**— Ai de mim!... a vossa fé me mata!**

**Foi preciso muito tempo e muita luta para alcançar o carro, onde chegou extenuado e sem fôlego.**

**Mostrando aos companheiros as mãos e o rosto doloridos, dizia rindo:**

**— Mais um pouco e êles me flagelavam, tal como Jesus no Pretório de Pilatos.**

## O QUE SÃO 90.000 LIRAS?

**Mas não foi essa a única vez que D. Bosco pôs a Providência em apuros; ele costumava fazê-lo com freqüência e o fez novamente durante essa mesma viagem a Nice.**

**Vendo que a sua casa nessa cidade tinha ficado pequena e insuficiente em relação ao número sempre crescente de jovens que pediam para ser recolhidos, deliberou comprar uma mais ampla.**

**Indicaram-lhe uma, porém o preveniram logo:**

**— Caro D. Bosco, essa casa seria a ideal, mas...**

**— Mas o que?**

**— É cara demais; pedem 90 mil liras por ela.**

**— E o que são 90.000 liras?**

**— Noventa mil liras são noventa mil liras, e onde irá o senhor buscá-las?**

— A Providência encarregar-se-á de procurá-las por mim, rebateu ele prontamente.

— É... o senhor pode falar na Providência quanto quiser mas, por enquanto não tem um vintém no bolso para essa compra, objetaram os outros.

— Eu não tenho nada, isso é sabido: mas se Deus quiser o progresso e aumento do Instituto há de me fazer encontrar dinheiro, por isso fechem já o negócio.

A ordem de D. Bosco não admitia réplicas. O contrato foi feito; achou-se o dinheiro, pagou-se o preço exigido e a linda vila Gautier, grande, suntuosa, magnífica, com capacidade para mais de 300 pessoas, passou a fazer parte das Obras de D. Bosco e com o novo ano, encheu-se de uma petizada turbulenta, que a animava com seus gritos e com seus cantos alegres.

D. Bosco ria das apreensões dos outros e da pouca confiança que tinham em Deus e dizia mais tarde:

— Vejam como a vila Gautier veio, apesar de custar 90.000 liras! Oh! a Providência... a Providência! Ela alcança mais do que a nossa pouca fé.

#### ADIVINHE!

Durante as férias escolares de 1878 o chefe da estação de Turim chegou a Valdocco, acompanhado por um rapazola de seus 16 anos. Era filho de um seu amigo e vinha para visitar o Oratório.

D. Bosco estava no pátio quando os visitantes chegaram. Cumprimentou o chefe da estação e prontificou-se para acompanhá-los; mostrou-lhes a casa tôda, fornecendo-lhes as mais amplas e exatas informações sobre tudo o que viam. Na hora de se despedirem,

depois de cumprimentar o chefe, deu uma palmada amigável nas costas do rapaz, dizendo:

— Não se vá ainda, Albanello, que eu preciso falar-lhe.

Ninguém tinha contado o seu nome a D. Bosco; o pobre ficou atordoado ao ouvi-lo pronunciado pelo Santo e o seguiu como um autômato.

D. Bosco levou-o para o seu quarto, convidou-o a entrar e continuou a conversa, ordenando:

— Agora ajoelhe-se para se confessar.

— Mas... há muitos anos que não me confesso...

— Eu sei, eu sei; e essa é uma das razões pelas quais desejo que o faça agora.

— Mas... eu devia preparar-me... ao menos um pouco.

— Não é preciso. Eu lhe contarei toda a história da sua vida e você não terá nada mais do que fazer senão dizer se adivinhei ou não.

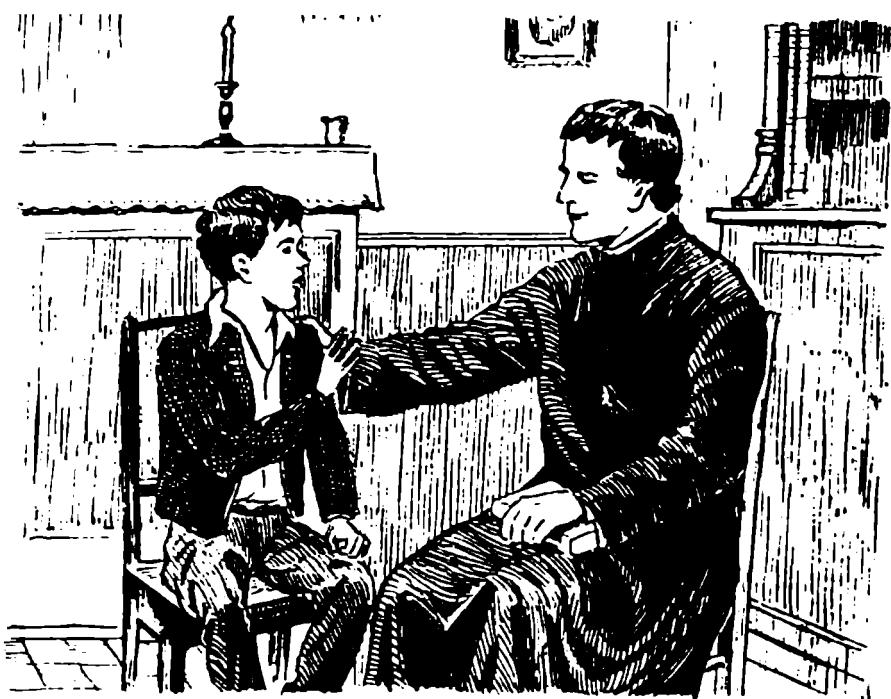
Depois de terminada a exposição dos fatos, indagou:

— Adivinhou maravilhosamente! concordou Alphanello quase aturdido.

Peça agora perdão a Deus para receber a absolvção.

O rapaz chorou como nunca tinha chorado na vida; depois, ergueu-se, banhado de suor, pronto para se despedir mas o Santo, pousando a mão sobre a sua cabeça, continuou:

— Isto não é tudo, Alphanello. Maria Santíssima quer vê-lo aqui e você há de voltar ao Oratório; há de ficar para sempre com D. Bosco que fará de você um padre e depois um Missionário.



— Quanto a isso veremos!

— Pois é... veremos... e você há de admitir que eu adivinhei.

Albanello partiu agradecendo, mas repetindo de si para consigo mesmo:

— Isso é que não! Nada de ser padre, e muito menos Missionário!

As férias passaram-se e Albanello, mais do que vencido pela vocação, voltou ao Oratório. Em dois anos terminou o ginásio; em 1880 tomou o hábito e em 1882 partiu como Missionário para o Brasil.

Daqui, escrevia muitas vezes a D. Bosco e, em todas as cartas, relembrava a história da sua vocação. O Santo transmitia aos Superiores os cumprimentos de D. Domingos Albanello e participava-lhes:

— D. Albanello manda-lhes lembranças e pede-me que lhes comunique que D. Bosco adivinhou!

### ESPONJAS E JUMENTOS, OU SEJA: O GRANDE SEGREDO

Certo dia, por ocasião de uma conferência aos Cooperadores Salesianos, Monsenhor Ferré, Bispo de Casale, saiu com esta:

— Sabeis por que é que a Congregação de D. Bosco se espalha tão rapidamente e os colégios salesianos progridem de tal forma? Não. Pois então, vou contar-vos a razão: é porque D. Bosco tem dois grandes segredos que são a chave de todo o bem operado pelos seus. O primeiro segredo é o das esponjas. Ele embebe os seus Salesianos e os seus jovens de tão numerosas práticas de piedade que chega quase a inebriá-los. Por esse método, êles nem querendo podem praticar o

mal e o rejeitam, pois, tal como esponjas já cheias, recusam qualquer outro líquido.

O segundo segredo consiste em sobre carregar os seus dependentes de muito e variado trabalho. Acumula sobre cada um tantas coisas a desempenhar, enche-os de tantos afazeres e cuidados que eles não têm e não encontram tempo nem para espantar as moscas, tal qual jumentos em trabalho.

Quando referiram essas definições da sua Obra a D. Bosco, ele as aprovou e acrescentou, risonho e satisfeito:

— É isso mesmo; enquanto formos boas esponjas embebidas de piedade e bons jumentos, sempre atrelados, a nossa Congregação marchará para a frente, sempre forte e triunfante. Pode-se dizer que estão todos contra nós e que devemos lutar contra todos. O mundo legal é definitivamente nosso inimigo; de todos os lados, o vento sopra contra nós; mas nada de temores. Enquanto formos esponjas e jumentos, Deus estará conosco. Temos diante dos olhos um horizonte claríssimo, a nossa conduta está traçada:

Jumentos de trabalho,  
Esponjas de piedade,  
Viva sempre  
A Pia Sociedade!

O bom padre ria com seus filhos que o aplaudiam e queriam carregá-lo em triunfo.

#### MÁSCARAS

Ninguém pode negar que D. Bosco tinha idéias realmente singulares. Por ocasião do carnaval de 1869

que, naquela época, se festejava em Turim, do modo mais distinto e alegre, ele pediu licença à prefeitura para instalar também uma barraca de vendas na praça Castello, nos últimos dias dos festejos. Obtida a licença, pôs-se à obra, coadjuvado pelos rapazes e o resultado foi magnífico. A barraca do Oratório era das mais vistosas e melhor fornecidas; destacava-se sobretudo pelo grande sortimento de livros amenos.

Os componentes da banda de música e todos os vendedores estavam vestidos de "gianduia", fantasia característica do Piemonte. Muito alegres e animados, atraiam grande número de pessoas e vendiam por bom preço as suas mercadorias a toda a nobreza de Turim que acorria para os ver e ouvir. Os lucros foram excelentes. Alguns dias mais tarde a Condessa de Camburzano escreveu-lhe felicitando-o pela sua idéia verdadeiramente singular, dessas como só os Santos sabem ter.

Ele respondeu aos elogios:

— D. Bosco está neste mundo para servir a todos; deve portanto aproveitar-se de tudo, mesmo que tenha de passar por "gianduia", para alimentar os seus filhos e continuar as suas obras.

E ria com todos da idéia inocente que tão maravilhosos resultados surtira.

#### DEVOTAS O MIU RELOGIO

Em caso de necessidade, ele empregava as suas brincadeiras e astúcias até com pessoas de importância.

Certa ocasião, em Paris, foi visitar um rico senhor que, para lhe ser agradável, começou elogiando-o.



— Ouvi contar coisas extraordinárias acerca do senhor e estou ansioso para ver alguma proeza sua com meus próprios olhos.

— Com muito gôsto, ofereceu o Santo. Posso começar já, se o senhor quiser.

— Então comece, encorajou o outro, muito curioso, arregalando os olhos.

D. Bosco pensou um pouco e depois de alguns instantes anunciou:

— Estou pronto! Tenha a bondade de me dizer a hora certa.

O dono da casa enfiou a mão no bôlso para puxar o relógio mas não o encontrou. D. Bosco pôs-se a rir e ele a gritar:

— Devolva o meu relógio, já tenho provas suficientes da sua santidade.

— Ah!, não!... rebateu D. Bosco; não devolverei o relógio enquanto não der a quantia equivalente para auxiliar os meus jovens.

— Mas o meu relógio vale 300 liras! bradou o outro.

— Pois então entregue-me as 300 liras e receberá o que lhe pertence.

Todos os da casa riram e assim o Santo, em lugar de 300 recebeu 500 liras que pôs no bôlso, rindo, muito grato.

### OUVIU AQUELE TROVÃO?

D. Bosco amava com ternura os seus filhos e velava por êles mesmo de longe.

Certa ocasião, um dos clérigos foi convidado por

uma família de benfeiteiros e amigos para ir passar o dia com êles. Conhecendo por experiência a bondade da família, o Santo consentiu e o rapaz aceitou o convite.

Mas à tarde D. Bosco chamou com insistência pelo clérigo ausente e mandou que o procurasse. A sua inquietação aumentava à medida que o tempo passava; ele não tinha sossêgo e exclamava de vez em quando muito afliito:

— Onde estará êle? O que estará fazendo?!

— Mas, Senhor D. Bosco, não se lembra que lhe deu licença para sair?

— Lembro-me sim... concedeu êle, mas agora queria que êle estivesse aqui.

Ninguém era capaz de compreender tamanha agitação num homem de ordinário tão calmo e inalterável. Mas tudo se esclareceu à noite com a volta do clérigo.

Assim que chegou, todos o cercaram, recomendando-lhe que fôsse logo ter com D. Bosco que perguntava insistenteamente por êle.

O bom clérigo obedeceu, cumprimentou-o e beijou-lhe a mão.

O Santo então perguntou-lhe sorrindo amorosamente:

— Você ouviu aquêle trovão?

— Sim, padre, ouvi e compreendi... só mesmo um milagre poderia ter-me salvado, a minha situação era difícilma.

— Vá agradecer então à Virgem Maria e prometa-lhe que há de ser sempre um filho digno.

Ele obedeceu e contou mais tarde aos colegas que o interrogavam curiosos:

— Sabem o que me aconteceu? Uma pessoa es-

tranha e pouco correta tinha-se introduzido no meio daquela família tão honesta e cristã. Pôs os olhos em cima de mim e eu corri um grave risco. Armou insídias e sabe lá o que teria tentado se naquele instante eu não tivesse ouvido um trovão fortíssimo. Compreendi que D. Bosco velava por mim e saí sem demora.

N aquela noite o Santo foi bate de muitos comentários e de interrogatórios intermináveis. E ele aproveitou a ocasião para os prevenir, dizendo:

— Desta vez, o trovão não trouxe tempestade; mas estejam alerta, meus caros, porque os trovões de D. Bosco são terríveis.

#### BARRETE NOVO

Desde os tempos de rapaz e de clérigo D. Bosco possuía uma extraordinária delicadeza de sentimentos.

Quando ainda seminarista em Chieri, vendo que um colega era ridicularizado por usar um barrete de forma um tanto estranha, um belo dia lhe fez esta proposta:

— Giacomelli, pode emprestar-me um pouco o seu barrete?

— Por que não... Use-o à vontade.

Bosco pegou o barrete e depois de algumas horas voltou com um novinho e o enfiou na cabeça do amigo, dizendo:

— Experimente-o para ver se serve!

— Se serve?!... Parece que foi feito para mim! E o meu?

— O seu eu o guardei como lembrança; está satisfeito?

— Satisfitíssimo!... mas eu....

— Com o seu, você parecia um simples capelão; este dá-lhe um ar de pároco efetivo.

E dando-lhe uma palmada amigável nas costas, ria da brincadeira.

## QUINHENTAS LIRAS É DINHEIRO DEMAIS

O Santo era facêto e espirituoso até no meio dos seus subalternos.

No ano de 1871, ele enviou o professor D. Paulo Albera — mais tarde seu segundo sucessor — para Gênova, a fim de fundar ali uma nova casa. Este, incumbido de tão importante missão, tinha aceitado o dinheiro oferecido por amigos e conhecidos. Por isso, na hora da partida, quando o Santo indagou se precisava de alguma coisa, ele agradeceu:

— Muito obrigado, senhor D. Bosco, mas já tenho comigo 500 liras.

— O meu caro, observou D. Bosco, para que tanto dinheiro? Lembre-se de que a Providência não é privilégio de Turim e há de estar em Gênova também.

Assim dizendo, tirou poucas liras da gaveta e deu-lhas em troca das quinhentas.

Quando o fato foi conhecido, todos riram e ele explicou:

— Guardar uma quantia qualquer para as necessidades de amanhã parece-me uma ofensa à Divina Providência!

Essa frase ficou de herança aos Salesianos e serviu de máxima a todos os seus sucessores.

## BATALHA NA HORTA

Estava-se na época das primeiras guerras da Independência italiana (1848-1849) e um indizível espírito belicoso tinha penetrado nos ânimos dos próprios jovens, infundindo nêles um fanatismo pela luta.

D. Bosco, que sabia sempre aceitar os acontecimentos e tirar proveito dêles para a prática do bem e para atrair sempre mais os meninos, permitia que organizassem no Oratório batalhas inocentes com cacês, fuzis e espadas de madeira.

Certo dia dois exércitos se enfrentavam; ambos os campos contavam com cem combatentes, alinhados em fileiras, sob o comando dos respectivos chefes.

Deu-se o sinal de ataque; os guerreiros avançaram com tamanho ardor, foi tal o impeto dos combatentes, que, sem dar pela conta, os exércitos foram descendo, descendo, até chegar à horta de Margarida.

Acabada a batalha, o campo ficou em estado desolador: por todos os lados viam-se vestígios da luta: a cerca veio abaixo, as plantações foram pisadas e maltratadas sem dó. Mãe Margarida acorreu esbaforida e apressada e queixando-se com os guerreiros, inconsolável diante da devastação dos seus legumes. D. Bosco veio então em defesa dos seus filhos:

— Tenha paciência, mãe, são coisas da mocidade!...

Chamou depois o general que, coitado, cheio de confusão depois de tamanha glória, estava encolhido num canto e, tirando do bolso um cartucho de balas lho deu com esta recomendação:

— Tome e distribua isto aos vencedores e aos

vencidos. Mas não vão contar à minha mãe, porque eu tenho medo de apanhar!...

E ria paternalmente com êles do epílogo infeliz de tão gloriosa batalha.

## SALUS EX INIMICIS NOSTRIS !

Chegara o tempo de dar inicio e vida à Sociedade que o Santo pretendia fundar para perpetuar a sua instituição; mas a idéia de fundar uma Sociedade Religiosa naquela época era temeridade e loucura.

Certo dia o ministro Ratazzi disse-lhe inesperadamente:

— Caro D. Bosco, eu admiro sinceramente o escopo eminentemente filantrópico da sua Obra e faço votos para que viva muitos anos para proteger os seus filhos e cuidar dêles; mas o senhor é mortal como qualquer um. O que seria da sua Obra se viesse a faltar? Já pensou nisso?

— Excelência, essa é a minha maior preocupação.

— E se instituisse uma Sociedade, composta de membros, sacerdotes ou leigos, sujeitos a certas normas... embebidos do seu espírito, animados pelo mesmo zelo e que fôssem seus ajudantes por ora e mais tarde seus continuadores?

— Seria o ideal, excelência, mas o senhor acredita que isso seja aviável numa época de perseguições como a nossa?

— Como não! Institua uma Sociedade de acordo com os tempos que correm, que se sujeite às leis agora em vigor, que pague os impostos; uma sociedade, en-

fim, de cidadãos livres que se unam para viver juntos em prol da Beneficência.

Essa proposta foi para D. Bosco uma revelação. Gozando o ministro da reputação de verdadeiro oráculo em matéria de política, o Santo aceitou e tomou a sério as suas sugestões.

— E Vossa Excelênciaprovaria uma Sociedade baseada nesses princípios?

— Garanto-lhe que não só a aprovaria como conseguiria a aprovação dos demais.

Sem perda de tempo, o Santo esboçou os estatutos que de fato foram aprovados e a Sociedade Salesiana nasceu, viveu e continuará a viver por obra daquele mesmo que, dois anos antes, propusera a lei contra as Corporações Religiosas.

Por essa razão, D. Bosco dizia aos seus filhos e aos seus amigos:

— “Salus ex inimicis nostris!...”

Devemos a instituição da nossa Congregação aos próprios inimigos das Instituições Religiosas. Vejam só as pilhérias da Providência!

## VENHAM VER UM SANTO

Em Marselha hospedou-se no Colégio dos Irmãos das Escolas Cristãs, que educavam ali 600 jovens.

Nos primeiros dias, na lufa-lufa das ocupações, não tinha tido tempo de falar com os rapazes e, na verdade, os Superiores também não tinham pensado em apresentar-lhes D. Bosco.

Um dia, porém, atravessando um pátio um deles



o viu e, cheio de curiosidade, chegou-se para junto dêle.

D. Bosco, afável e com muita familiaridade, abai-xou-se e, como costumava fazer em Turim, lhe disse uma palavra ao ouvido.

Foi como uma centelha elétrica: o pequeno afastou-se de D. Bosco e pôs-se a gritar:

— Companheiros!... companheiros!... Venham ver um Santo!

O eco dos seus gritos revolucionou o colégio: jovens e Superiores, saindo para as portas e para os corredores aos empurrões, precipitaram-se pelas escadas abaixo para cercar o Padre Santo. Ele atordoado com a inesperada avalanche, mas plácido e soridente como sempre, acolheu-os e demorou-se entre êles, tal qual um pai afetuoso no meio de seus filhos.

Naqueles dias viveu-se no colégio uma vida de alegria e entusiasmo. A presença de D. Bosco influenciou e animou os rapazes de tal modo que todos queriam falar-lhe e confessar-se com ele.

O efeito produzido pela sua estada pode ser comparado ao efeito salutar dos Exercícios Espirituais.

No dia da partida, ao se despedirem dêle, os religiosos diziam-lhe:

— Mais um pouco, e o senhor nos teria roubado o coração de todos os rapazes.

## O FURTO DA BATINA

Um dia, Mãe Margarida correu ao seu encontro, gritando esbaforida:

— Ah! João, se você soubesse o que aconteceu!

— O que?!... Será que ganhou na loteria?

— Qual nada! Sofremos uma boa perda, isso sim! Roubaram a sua batina nova, a única em bom estado, que eu tinha estendido ao sol.

— Paciência! Agora que o mal está feito, o que quer fazer?

— Procure o ladrão; corra atrás dêle, que não pode estar longe.

— Quer que ~~me~~ transforme em polícia?

— Pronto! ~~sempre~~ o mesmo! Nada o afeta... e agora, como é que vai sair?

— Essa é boa! Usarei um daqueles casacos que a Prefeitura deu de presente e sairei vestido de militar; nada mais fácil...

— Belo papel há de ser o seu! Nem que estivéssemos no carnaval!

— Um pouco de carnaval não há de fazer mal a ninguém.

Depois, mudando de tom, acrescentou sériamente:

— Veja, mamãe, o ladrão talvez estivesse mais necessitado do que eu... talvez já esteja arrependido... e se ele fôsse confessar comigo, eu me contentaria com a promessa de nunca mais o tornar a fazer; far-lhe-ia depois presente da batina ou da quantia equivalente e dar-lhe-ia a absolvição. Por enquanto, reze para que Nossa Senhora me mande uma batina nova para podermos rir juntos do furto.

Entre as inúmeras profecias de D. Bosco, destacamos a seguinte:

Um dos seus jovens, bem dotado sob todos os pontos de vista, chegou-se certo dia para êle e confiou-lhe:

— Senhor D. Bosco, o meu desejo é entrar para um convento; tenha a bondade de me aconselhar sobre o que devo fazer.

— Meu caro, se esta é realmente a sua intenção, fique aqui comigo, propôs o Santo.

— Eu ficar aqui? para quê?

— Trabalho não lhe há de faltar: poderá escolher a ocupação que lhe aprovou.

— Nada disso... nem me fale em ficar aqui... não é isso o que eu quero.

E assim dizendo, levou ambas as mãos aos ouvidos para não ouvir mais.

— Pois bem, sentenciou o Santo, irá procurar os Jesuítas e êles não o aceitarão; irá bater à porta dos Franciscanos, mas não se demorará entre êles... depois de muitas vicissitudes há de voltar um dia a pedir no Oratório quase por esmola o pão honrado que agora recusa.

Impressionado, mas obstinado, o rapaz retirou-se. Foi Jesuíta e Franciscano; bateu a outras portas e, depois de muitos desenganos, voltou, como o predissera. D. Bosco, para mendigar no Oratório o pão e o abrigo que recusara. O Santo concedeu-lhe generosamente um e outro durante toda a sua vida.

E todas as vêzes que se encontrava com êle, levava brincando as mãos aos ouvidos como quem diz:

— Você se lembra?

E o outro beijava-lhe as mãos com efusão e dizia rindo:

— Lembro-me sim... e me lembrarei a vida in-



teira do que fiz; por isso mesmo nunca mais tamparei os ouvidos!

## O ALARME DOS PARÓCOS

Entre os múltiplos obstáculos que D. Bosco teve que vencer nos primeiros tempos da sua Obra, está também a oposição dos Vigários da cidade. Vários deles, vendo afluir ao Oratório um número de jovens quase tão elevado como o das outras paróquias juntas, alarmaram-se. Fortes dos seus direitos de instruir e promover aos Sacramentos os próprios paroquianos, influíram junto ao Arcebispado para que ordenasse a D. Bosco que desistisse da sua Obra e o mandasse como coadjutor para alguma aldeia nas montanhas. O Arcebispo então, a pedido de D. Bosco, mandou ao Oratório diversos Vigários, dos mais zelosos, a fim de se certificarem do número dos jovens pertencentes às suas paróquias.

Eles se dirigiram para lá, armados de todo o seu zelo, couraçados com todos os seus direitos. Reunida a multidão turbulenta, começaram com muita calma e paciência a interrogar um por um sobre a paróquia a que pertenciam.

- Eu sou de S. Braz.
- E onde é essa paróquia?
- Em Biella.
- Eu sou de Santa Filomena.
- Onde fica isso?
- No lago de Como.
- Eu sou de Santa Zita, perto de Gênova. —

**Eu de Santa Eufênia, no Ticino. — E eu de Santo Eusébio de Vercelli — Eu de São Zeno de Milão. — E eu de São Martinho, no Cadôre.**

— Chega, chega!... vocês me deixam tonto!... Aqui em Turim qual é a paróquia em que habitam? A qual delas pertencem?

— Silêncio geral! Nem um pio!

Uns sabiam o nome da rua mas ignoravam o da paróquia; outros tinham mudado de casa várias vezes em poucos meses; muitos dormiam hoje aqui amanhã ali, sem domicílio certo. Vários não moravam com a família; uns tinham perdido os pais e outros nunca os tinham conhecido.

O primeiro Vigário, apesar da boa vontade inicial, acabou perdendo a paciência e passou o cargo a um colega que começou também muito disposto.

— Oh! muito bem!... agora, respondam cada um por sua vez. Você de onde é?

— De Valsesia, na província de Novara.

— E você?

— Eu sou de Valtellina, na província de Sondrio.

— E eu, do Vale Lomellina, em Pavia.

— E eu, do Vale Policalla, em Verona.

— E eu, do Vale Negra, em Bergamo.

— Basta... já entendi... ao que parece, são todos de fora.

Dirigiu-se então a outro grupo:

— E vocês, de onde vêm?

— Eu sou do Vale Vasone, nos arredores de Udine.

— E nós de Valtrompia, em Brescia.

— Nós de Valsugana, no Trentino.

. — Alto!... Nesse passo, vamos parar no Vale de Josafá. Então ninguém pertence às paróquias de Turim?

— Ninguém, gritaram todos em côro.

Esse Vigário, perdeu a calma também e quis abdicar em favor de um terceiro; mas afinal se convençeram de que era inútil continuar e se retiraram.

Houve um, porém, que teimou em arranjar pretextos e diante das suas exigências, D. Bosco lhe mandou todos os rapazes que deviam ser admitidos à Primeira Comunhão.

Diante da chegada da turba barulhenta o Vigário perdeu a coragem, e perguntou muito ásperamente:

— O que querem aqui?

— Queremos fazer o exame de catecismo para a Primeira Comunhão.

— Voltem noutra ocasião; hoje não posso atendê-los.

Eles se foram queixando-se e vociferando.

— Não nos quis examinar, foi a primeira coisa que disseram ao chegar ao Oratório.

— Mas vocês se lembraram de dizer que foram mandados por mim?

— Não, ninguém pensou nisso!

— Voltem então e peçam-lhe em meu nome que tenha a bondade de os examinar.

Eles obedeceram, mas em lugar do Vigário, encontraram dois coadjutores que, ouvindo o pedido em nome de D. Bosco, os examinaram da cabeça aos pés. Depois, notando que a maioria já tinha bigode, começaram a fazer caçoada.

— Muito bonito!... nessa idade... ainda sem fa-

zer a Primeira Comunhão... isso é uma vergonha! Por aí se vê que não tiveram pressa e que ainda podem esperar mais um pouco. Por ora não temos tempo disponível para perder com vocês! Voltem amanhã, ou daqui a uma semana, ou até mais tarde.

Os rapazes saíram humilhados protestando com energia, e firmemente decididos a não voltar mais. D. Bosco referiu então o caso ao Arcebispo que lhe concedeu as mais amplas permissões e lhe fez concessões importantes. Ele repetia depois, alegre e satisfeito:

— Eles não quiseram crer... até que, como São Tomé, não apalparam a verdade.

#### EU OS SALVAREI

Entre os recrutas obrigados a partir para a guerra de 1859 contra os austriacos, estavam dois dos mais antigos clérigos de D. Bosco: Cagliero e Francesia.

Os dois correram ansiosos para junto do Santo, que, sereno e risonho, os encorajou:

— Não tenham medo que eu os salvarei. Vão por ora à Cúria Episcopal e inscrevam-se na lista dos que se devem apresentar para a isenção.

Eles obedeceram prontamente; mas logo depois estavam de volta com esta notícia: tinham-lhes dito na Cúria que era tarde demais, porque o elenco já tinha sido enviado ao Ministério.

— Vão então ao Ministério e peçam para ser incluídos.

Mais uma vez a diligência foi infrutífera. Chegaram desanimados e aflitos, declarando:

— No Ministério responderam-nos a mesma coisa: O expediente foi encerrado sendo impossível qualquer adição ao número dos excluídos.

— Pois bem, dirijam-se então ao Ministério da Justiça e apresentem suas razões; vocês, como clérigos não podem deixar de ser dispensados.

Pela terceira vez, voltaram, suspirando desanimados:

— Tanto na Cúria como no Ministério, ninguém está a nosso favor... Todos dizem que é tarde demais... que estamos em guerra e devemos partir.

— Mas vocês não hão de partir apito! Eu mesmo me encarregarei disso... vocês nem ser excluídos... sosseguem que eu os salvarei!

Os pobres rapazes estavam comovidos a ponto de chorar e protestavam:

— Ó padre!... para que tanto incômodo por nossa causa?... Já que é inevitável, partiremos. O rei terá dois soldados a mais nas suas fileiras e, ou tombaremos na luta, ou voltaremos com as dragonas. Não se preocupe conosco.

— Mas eu quero preocupar-me, insistiu o Santo, prometi-lhes que os salvaria e os hei de salvar, a todo o custo!

Dirigiu-se logo para a Cúria e de lá para o Ministério, de onde voltou de novo para a Cúria. Examinou com atenção, percorreu minuciosamente a lista dos clérigos isentos e descobriu que dois deles figuravam ali, como filhos de mãe viúva e por conseguinte já em condições de ser excluídos.

Vouu então triunfante ao Ministério da Guerra e consegui fazê-los substituir por Cagliero e Francesia.

Foi de fato um trabalho febril, mas viu seus esforços coroados de êxito. Quando os dois clérigos foram agradecê-lo, o bom padre respondeu com uma risada jovial:

— Fizemos a guerra e vencemos!... Os obstáculos fortificam, aprendam-no!

## TÁTICA E POLÍTICA

Tática e política foram as armas de que ele sempre se serviu: quando rapazola no meio dos companheiros e conterrâneos; quando seminarista no meio de colegas e Superiores; quando sacerdote no meio de todos, até de protestantes e maçons e de altas autoridades. É o que nos provam os episódios mais agradáveis e jocosos da sua vida.

Escolho alguns entre mil dêles.

\* \* \*

Na época do liberalismo, um grupo de políticos, receando em D. Bosco um opositor, queriam implicá-lo também no movimento revolucionário. Insistiram para que tivesse parte com os seus rapazes nas festas públicas que se organizavam em Turim, nesse tempo capital do reino.

Certo dia, encontrando-se com ele o famoso Angelo Brofferio disse-lhe:

— Já lhe reservamos um lugar para amanhã na “Piazza Castello”: esperamos que não falte.

— Peço-lhe que me desculpe... tenho tantos ne-

gócios a tratar para obter o pão dos meus órfãos... e mesmo que eu faltasse, muita gente melhor do que eu poderia ocupar o meu lugar. E de mais a mais, um padre a mais, um padre a menos, que diferença faz?

\* \* \*

Noutra ocasião, Roberto d'Azelio convidou-o para tomar parte com todo o Oratório na parada a realizar-se na Praça da Grande Mãe de Deus em comemoração do dia do Estatuto.

— Ilustríssimo senhor marquês, observou D. Bosco, o meu Instituto é uma família de gente pobre e mal vestida. Se comparecessemos, correríamos o risco de ser ridicularizados... e o próprio brilho e a grandiosidade da festa só teriam a perder com a nossa presença... Queira portanto desculpar-nos!

\* \* \*

Outra vez em circunstâncias análogas, quando convidado para pronunciar um discurso, ele se esquivou dizendo:

— Senhores, ponham-me no meio de uma multidão de rapazes, ou numa reunião de lavradores, e eu farei quantos discursos quiserem. Mas diante de um público culto e seletivo, eu receio com a minha oratória sem elegância e com os meus modos bonachões, provocar o riso da assistência, pondo tudo a perder.

\* \* \*

Tantas vezes se desculpou até que, um belo dia, foi chamado à Prefeitura para prestar esclarecimento sobre a sua atitude.

Dirigiu-se ao Palácio com a barba crescida, os sapatos mal atados, e com uns modos desengonçados de simplório. Respondia às perguntas à maneira de homem distraído e pouco inteligente. Saiu-se tão bem no papel de tonto que um dos senhores, que só o conhecia de nome, se dirigiu aos colegas nestes termos:

— Ora, deixemos disso! Esse pobre coitado não será o homem capaz de desenraizar as instituições do Estado. Assim dizendo, despediu-o, inclinando-se. E o Santo, inclinando-se também, saiu com passo lento e cadenciado, rindo intimamente de quem se ria dele.

A sua política foi sempre a mesma: fazer bem a todos e mal a ninguém.

## O TRIUNFO DE BARCELONA

Em 1869, cedendo às insistências dos Cooperadores Salesianos da Espanha, partiu para lá. Préviamen-te anunciado pelos jornais, a sua chegada em Barcelona foi como a chegada de um rei.

De todos os lados, comissões e personagens do maior destaque acorriam ao seu encontro.

Um cortejo de quarenta carruagens das primeiras famílias nobres esperava-o na estação.

Para vê-lo a multidão trepava nos telhados, nos muros, nas grades, nas árvores da rua.

Aumentaram-se as viagens dos trens; duplicaram-se as máquinas em serviço, para transportar os comboios sobrecarregados.

O mais vivo entusiasmo imperou durante todo o tempo da sua permanência naquela cidade.

Desde as primeiras horas da manhã até às altas horas da noite, era uma afluência ininterrupta de ma-

gistrados, damas, nobres, religiosos dos mais altos cargos, que se confundiam com uma massa de povo nunca vista.

Chegavam todos ansiosos por ver o Santo pelo menos uma vez e receber a sua bênção da sacada do seu apartamento.

Nesses dias, curou estropiados e entravados, doentes de tôda a espécie. Predisse a um menino de dois anos que havia de ser Sacerdote Salesiano, o que de fato aconteceu.

Enquanto operava milagres, as ofertas choviam e ele dizia:

— Se eu quisesse abrir não só os corações mas as bôlsas também, não precisava senão pronunciar estas palavras: "Povo de Barcelona e gente de tôda a Espanha, se quiserdes receber graças de Maria Auxiliadora, doai e certamente as recebereis" . . . mas não as digo para não despertar muita admiração e me pôr contra as autoridades.

No dia 15 de abril, a Sociedade Católica, constituída pelos mais distintos membros da sociedade de Barcelona, organizou uma sessão em honra de D. Bosco, a fim de condecorá-lo com uma medalha de ouro e com os emblemas de São Jorge.

Os mais entusiásticos discursos, elogiando e enaltecedo a sua Obra admirável foram pronunciados. Por fim, convidaram-no a falar também.

Ele se levantou e lhes dirigiu poucas palavras:

— O fim, ou seja, o escopo da minha Sociedade é o de despovoar as ruas de jovens ladrões e de maus costumes e educá-los, para o bem e a tranqüilidade das famílias, e para a honra da pátria. É nosso propósito



fazer dêles homens que salvarão as vossas fortunas, em lugar de exigir-las com o revólver na mão. E isso se torna possível mediante a vossa caridade. Porém, sómente a Deus cabem as honras e a glória!

E, com uma ênfase tôda dêle, prosseguiu:

— Afortunada e bendita Barcelona! Falarei de ti e proclamarei as tuas virtudes em tôda a Itália. Mostrarei esta medalha ao Augusto Pontífice, o Papa, e dir-lhe-ei como e quanto se ama e se venera aqui a Sua Santidade.

Afortunada e bendita Barcelona, tão apegada à Religião dos teus antepassados... e tão pródiga de beneficência com os necessitados...

Um delírio de aplausos e de exclamações partiu espontâneo dos corações enternecidos e extasiados.

Realizou-se uma coleta em prol das Obras Salesianas, que rendeu a quantia de... nem é bom dizer!

E, para encerrar, deu a todos a sua bênção.

O espetáculo daquela multidão de senhoras e senhores prostrados de joelhos era realmente comovedor e imponente. Terminada a bênção, cercaram-no para beijar-lhe as vestes e as mãos. Só conseguiu alcançar a porta depois de hora e meia e chegou em casa muito tarde e extenuado, mas de bom humor. E repetia, para diminuir o próprio sucesso:

— Quam parva sapientia regitur mundus!

(Bem pouco é preciso para causar a admiração do mundo!)

#### BANHO FORA DO

Foi durante a mesma viagem que de passagem por Nice ele tomou um banho inesperado e involuntário.

Certo dia, de volta de uma visita a uma família rica e nobre, a fim de encontrar o caminho, aventurou-se a atravessar o riacho Paglione sobre uma ponte mal segura e sem guardas. Deu um passo em falso e caiu na água antes que os que o acompanhavam pudessem dar-lhe apoio.

Encharcado da cabeça aos pés, percorreu em poucos passos a breve distância que o separava do colégio, onde pediu batina e roupa branca para se trocar.

Os confrades acudiram pressurosos e saíram à procura do necessário. Mas sendo a casa muito pobre, não acharam nem uma nem outra coisa e o Santo foi obrigado a se meter na cama à espera de que o sol de Nice lhe secasse as roupas.

Sendo portanto forçado em consequência desse contratempo, a suspender visitas e audiências, o caso não foi segredo para muitas famílias. Alguns jornais chegaram mesmo a publicá-lo, de modo que a história se alastrou em breve pela cidade toda. Foi obra da Providência, porque, na manhã seguinte, chegaram ao colégio batinas novas, sobretudos novinhos em fôlha, e grande quantidade de roupas brancas e meias. D. Bosco ficou encantado e declarou rindo:

— Bem que eu gostaria de tomar um banho rendoso como este todos os dias!

## UM CAFÉ NA CASA DO CARRASCO

Incalculáveis foram as peripécias do nosso Santo e esta bem merece ser incluída na coleção delas.

Depois da morte de São José Cafasso, designaram-no para confessor das prisões e, a fim de cumprir tal mister, ia para lá todas as semanas. Certo dia,

estivera confessando durante horas consecutivas e ao terminar saiu para o corredor tão exgotado, a ponto de quase não enxergar. E em lugar de sair pela porta da rua, entrou pelo domicilio do carrasco adentro e quando deu pela coisa, se viu diante de um homem, de uma mulher e de uma moça que estavam jantando. Percebeu logo o engano mas resignou-se com a sorte que lhe tocava e se absteve de qualquer demonstração de desagrado.

Dirigiu-se com desembaraço ao carrasco e à família:

— Estou cansadíssimo, explicou, e preciso de uma chicara de café. Far-me-iam esse favor?

— Como não? esteja à vontade Reverendo, sente-se.

Puseram-se todos de pé; o homem ofereceu pressuroso uma cadeira e a mulher e a filha atarefaram-se no preparo do café.

Mas o carrasco continuou:

— Reverendo, o senhor sabe em casa de quem está?

Ao que D. Bosco retrucou:

— Certamente em casa de um homem honrado.

— Contudo, o senhor está na casa do carrasco.

— E isso que importa?... Sei que é bom cristão e é quanto chega.

O pobre homem, que nunca fôra tão bem tratado por pessoa distinta, caiu das nuvens e se desfez em gentilezas.

Enquanto isso, o café chegou. Vendo que só havia uma chicara, D. Bosco se apressou em pedir mais uma, dizendo:

— Devemos tomar êste café juntos!

— Isso também não, protestou o carrasco. Eu, que mando as pessoas para o outro mundo, tomar café com o senhor que as manda para o Paraíso?!

— Justamente por isso!... Ambos colaboramos para uma obra salutar: o senhor para com a sociedade, eu para com Deus.

Veio a segunda chicara; o Santo ofereceu-a ao carrasco e ambos saborearam o café alegremente, rindo juntos do feliz encontro.

E talvez não tenha sido a última vez que o fizeram, porque desde êsse dia, o carrasco se uniu aos presos para confessar-se e comungar, e acabou deixando essa pouca gloriosa ocupação. D. Bosco gostava de contar o que lhe acontecera e acabava dizendo em tom de brincadeira:

— E assim, eu e o carrasco somos bons amigos.

## AGORA, COMECEMOS !

Já se tinha passado uma boa semana desde a sua chegada em Marselha e, como nunca acontecera, não tinha conseguido angariar nada ou quase nada para as suas obras.

Um belo dia, quase aflito êle se queixava com o Diretor do Instituto quando, em dado momento, pareceu animar-se e exclamou:

— Agora, começemos!... quase como se quisesse dizer: O povo é assim mesmo: enquanto não tocar com as próprias mãos e não enxergar com os próprios olhos, não acredita.

E desde essa hora começou deveras. Apresenta-

ram-lhe um rapaz absolutamente incapaz de se manter de pé e êle, com a bênção de Maria Auxiliadora, curou-o.

Outros enfermos procuraram-no e êle os curou completamente. Leu pensamentos de uns, tocou o coração de outros, convertendo-os; adivinhou os pecados, predisse o futuro.

A notícia de tais prodígios difundiu-se como um relâmpago. Da cidade tôda e dos arredores, uma multidão imensa, sempre crescente, acorria para receber as bênçãos de D. Bosco e pedir graças e favores.

Com os milagres, as ofertas choveram e todos notaram que êle "começara" de fato.

Essa viagem constituiu um verdadeiro triunfo, e foi providencial tanto para as suas obras na França como para as necessidades de Turim e principalmente para as suas igrejas e Missões.

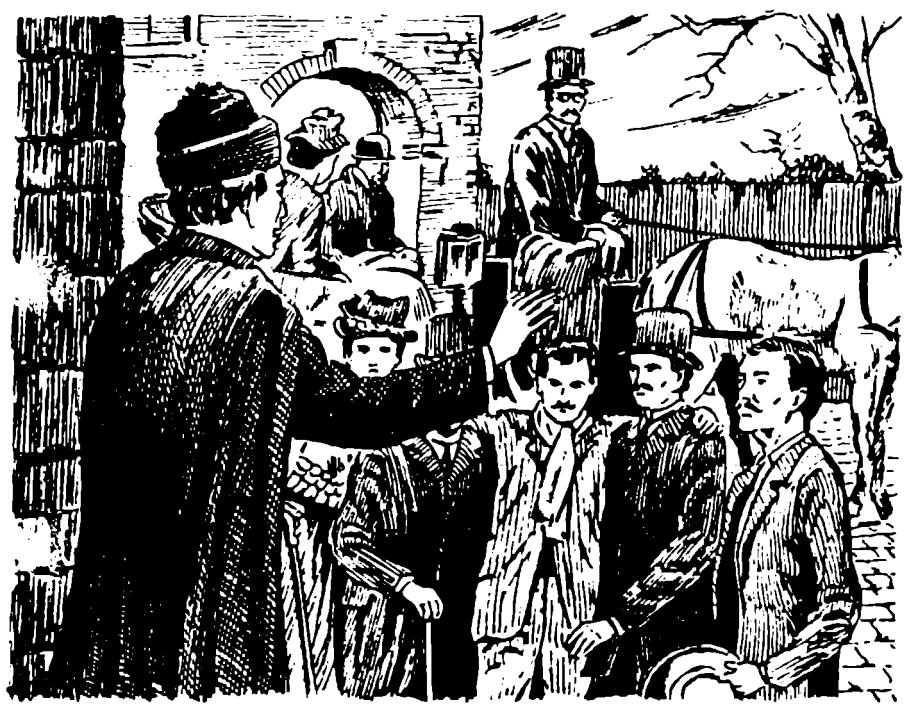
Aos que relembravam mais tarde a sua palavra resoluta: "Comecemos", êle explicava com um sorriso angélico:

— Eu pus a Providência em apuros e Ela piedosamente obedeceu e veio em meu auxílio.

## FLÓRES E MAIS FLÓRES

A sua bondade e a sua delicadeza de sentimentos grangeavam-lhe amizade e admiração e onde quer que fôsse era muito estimado e querido.

Teve uma prova esplêndida do muito amor que lhe votavam quando, depois de uma longa e grave enfermidade que por pouco não o matou, pôde voltar para



os seus jovens. O dia em que o viram de novo entre eles foi um dia inesquecível.

Compraram tôdas as flôres que encontraram e espalharam-nas ao longo do percurso que conduzia do Refúgio ao Oratório.

As floristas da "Porta Palazzo" perguntavam admiradas e curiosas:

- Para quem são essas flôres tôdas?
- São para alguma festa?
- Que santo é hoje?

E êles respondiam orgulhosos e exultantes:

— Não são para festa nenhuma; não são para festejar nenhum santo; elas são tôdas para D. Bosco. Ele acaba de sarar de uma doença grave e hoje volta para o meio de seus filhos!

E sorriam atarefados para desfolhá-las ao longo do caminho e para enfeitar as cércas e o recinto do Oratório.

Quando D. Bosco apareceu, apoiado a uma bengala, o entusiasmo chegou ao auge. Os mais crescidos cercaram-no e, emprestando uma cadeira de uma casa, obrigaram-no a sentar-se e o carregaram, como se carrega o Papa, até o Oratório. E os outros, em fileiras cerradas, marchavam na frente, ao lado e junto do Santo, dando-lhe vivas de regozijo e de entusiasmo.

D. Bosco ria com êles de tamanha aclamação e de tanto amor.

#### OUTRO PASSEIO CAMPESTRE

Nas férias de 1836, cedendo aos repetidos e insistentes convites de Comollo, Bosco resolveu dar um

passeio até Cinzano, a três horas de viagem de Castelnuovo, onde o tio de Comollo era Vigário. Um belo dia partiu, com três dos seus melhores amigos. Chegaram na hora do almôço, com uma fome de caçadores. Qual não foi pois o seu desaponto quando a criada, a D. Madalena, lhes comunicou que o pároco não estava em casa. Tinha ido com o sobrinho a uma reunião de sacerdotes em Sciolze.

Indagaram alarmados:

— Eles voltam cedo?

— É muito provável que não cheguem antes de anoitecer, e os senhores compreendem, eu não posso receber ninguém.

— E agora?... confabularam os quatro, ir até Sciolze sem comer nada?... quem é que tem coragem?

— Voltar para Castelnuovo em jejum?... isso é impossível!

— Então o que se há de fazer?

Bosco, com a sua extraordinária facilidade para superar obstáculos, não se deixou abater por este. Num abrir e fechar de olhos estudou o plano de ataque e deu início à investida exclamando:

— Oh! se ao menos a D. Madalena estivesse aqui! Sei que ela é quase a dona de casa aqui, a mão direita do senhor Vigário, uma verdadeira bênção para os da casa. Eu desejaria tanto cumprimentá-la.

— Cumprimentar quem? perguntou a criada.

— Quem havia de ser? A D. Madalena! Gostaria de conhecê-la porque, mais de uma vez, a ouvi elogiarem como uma pessoa de bem... amabilíssima, gentilíssima...

Ao se ouvir chamar repetidamente de "dona" sob

essa saraivada de elogios ela, tôda satisfeita, anunciou radiante:

— A Madalena sou eu, em pessoa; e quem é o senhor que me conhece tão bem?

— Eu sou Bosco de Becchi, colega e amigo do clérigo Comollo, o sobrinho do senhor Vigário.

— O clérigo Bosco! oh! o senhor pároco não se cansa de elogiar as suas boas qualidades. O senhor vem de Castelnuovo?

— Justamente! E êstes três rapazes são amigos meus e de Comollo também. Viemos, porque êle nos fêz repetidos convites. Mas então a senhora é mesmo a D. Madalena, a dona da casa?

— Não, eu não sou a patroa: sou sómente uma pobre criada. Faço o que posso pela casa e pelo senhor patrão, que sirvo fielmente há mais de trinta anos.

— Nós sabemos disso, D. Madalena; nós sabemos disso tudo, interrompeu Bosco. O senhor pároco sempre diz que não há outra como a senhora: econômica, pressurosa... ativa; toma conta de tudo, dá conta de tudo!

Sob essa chuva de reiterados louvores, Madalena não cabia mais em si de contentamento; e acrescentou, balbuciando umas palavras de desculpa:

— Oh! como eu sinto o patrão não estar em casa!

— Nós também lamentamos, e bastante; mas paciência, fica para outra ocasião...

— Outra ocasião?... mas para onde querem ir agora?

— Para...

— Não, isso nunca!... Sair daqui para ir comer num restaurante!... Entrem, acomodem-se que havemos de nos arranjar.



— Mas o Vigário não está em casa, protestaram eles francamente.

— Ele não está, mas estou eu. Não se preocupem, ele vai ficar satisfeito quando voltar; entrem, entrem.

— Oh! mas que amolação, que trabalho para a senhora, lamentavam êles.

Mas iam entrando.

— Não queremos abusar da sua bondade, da sua delicadeza!

— A senhora deve estar tão ocupada!

Ao que ela respondia radiante:

— Não se preocupem, deixem isso por minha conta. Sentem-se que um almôço de última hora nem dá quase trabalho. Fiquem à vontade que eu não demorei para servi-los. Está bem?

— Está muito bem! mas... o incômodo que lhe vamos dar...

— Não há desculpas que valham. Vão ver como ficarão satisfeitos. Tenho comigo até as chaves da adega!!!

Rejuvenescida, animada, a matrona arregaçou as mangas e pôs-se à obra. Corria da sala para a cozinha e da cozinha para a sala; ia e vinha, punha a mesa, tagarelava; falava dos seus feitos, enaltecia a bondade do patrônio e a santidade do sobrinho.

O almôço ficou logo pronto; e que almôço!...

Tudo correu às mil maravilhas, terminando com vivas e felicitações à cozinheira, que soube manter o prestígio da casa, recebendo impecavelmente os visitantes.

O senhor Vigário riu gostosamente quando Bosco lhe contou o que se passara na sua ausência.

Eram essas, desde aqueles tempos, as santas astúcias de que ele se servia para realizar os seus incríveis e portentosos feitos.

## OS PROJETOS DA VENDEDORA DE FRANGOS

Quando pregava às moças, adaptava os temas às circunstâncias:

"Uma jovem vendedora de frangos ia sózinha pela estrada a fora em direção ao mercado, carregando um cesto de ovos à cabeça e um de frangos pendurado ao braço. E, pelo caminho fazia projetos:

— Chegando ao mercado, venderei os frangos a dez liras cada um; por cada dúzia de ovos cobrarei sete liras e, com o lucro total, hei de comprar uma cabra. A cabrinha me dará leite e com o tempo cabritinho, cuja venda produzirá o bastante para comprar uma vitela. Chegando o tempo, vendê-la-ei também e com o que apurar comprarei uma vaca e assim pouco a pouco, ficarei rica, muito rica; chegarei a ser uma senhora e mais tarde uma dama e... eu também poderei usar chapéus. Ah! como eu hei de ficar linda de chapéu! Parece que já estou vendo a inveja das minhas amigas! E como eu hei de rir satisfeita. Oh! como serei feliz, como serei feliz!

E, animando-se à medida que mais esplêndido se tornava o sonho, quis instintivamente estender os braços para bater palmas. Como atravessava justamente uma ponte de madeira sobre uma torrente, os ovos foram cair lá em baixo, fazendo uma linda fritada n'água.

enquanto que os frangos foram arrastados pela correnteza. Ela os seguiu com os olhos atévê-los desaparecer e gemeu, desconsolada e chorosa:

— Adeus, meus lindos chapéus!

— Moral — Boas moças, contentem-se com a sorte que lhes cabe!

### AS AVENTURAS DE D. BOSCO

Já ficou dito que D. Bosco possuia um temperamento facêto e arguto. Os episódios que se seguem — todos bonitos e amenos — atestam e ilustram esplêndidamente o que afirmamos.

### O RAPAZ DO CHOCOLATE

É costume das Casas Salesianas celebrar todos os anos com grande pompa a festa de São Luis Gonzaga. Desde os primeiros tempos, D. Bosco dava a essa festa a máxima importância. Convidava pessoas de destaque e, depois da Missa, convidava-as para almoçar com ele.

Por ocasião da festa do ano de 1858, ele tinha encomendado numa casa da cidade um lanche de café, leite e chocolate, acompanhados de pãezinhos e doces.

A Missa já ia pela metade quando o garção chegou. Trouxe tudo num carrinho que deixou perto da sacristia. Depois, atraído pela melodia dos cânticos e pelo esplendor da função, entrou na igreja.

O sacristão, um rapaz chamado Viglietti, ficou ali sózinho, de guarda junto às guloseimas. Mas como



não era de ferro, não teve fôrças para resistir ao perfume que emanava das cafeteiras fumegantes e à tentação dos pãezinhos apetitosos, cuja aparência por si só já era um convite. Tome e coma — pareciam dizer os doces e êle, depois de breve hesitação, sucumbiu e encheu a primeira chicara. Atrás dela, vieram uma segunda e uma terceira. E êle, deliciado, continuava a ensopar pães e doces, saboreando com gôsto, regalando-se a mais não poder.

Terminada a Missa, os convidados passaram para uma saleta contígua e o garção, a um sinal de D. Bosco, apressou-se em ir buscar o lanche. Deu com as cafeteiras e os bules quase vazios e com uns restos de doces e pães.

— Pobre de mim!... gemeu êle; e agora?

Todo atarantado, foi correndo comunicar a D. Bosco o estranho desaparecimento. Este, como de costume, não se alterou e mandou-o buscar nova remessa, dando assim remédio ao contratempo.

Mas quem seria o autor da travessura? Ninguém, nem por sombras, desconfiava do sacristão. Umas horas mais tarde, alguns rapazes entraram com precipitação, aproximaram-se do Santo e pediram-lhe:

— Venha, venha depressa, D. Bosco, que o Viglietti está morrendo!

— Onde está êle?

— Lá no fundo do quintal, torcendo-se no chão e gritando: “Eu morro... eu morro!...”

D. Bosco acudiu; Viglietti confessou a arte, desculpou-se e pediu-lhe que o preparasse para a morte.

— Não, você não morrerá, declarou D. Bosco, mas ficará para sempre com a lembrança da travessura.

Levaram-no para a enfermaria, onde tudo se remediou com uma boa dose de óleo de ricino. Mas desde esse dia o apelidaram de "o rapaz do chocolate", alcunha que lhe ficou mesmo depois dos cinqüenta ou mais anos que viveu longe do Oratório.

## A GALINHA E A RAPÔSA

Certa noite uma galinha um tanto caprichosa teimou em não entrar no galinheiro. Ficou no terreiro e passeava de um lado para outro debicando aqui e ali uns grãozinhos, feliz por se ver livre. Caiu a noite e ela subiu para o palheiro a fim de se acomodar para dormir.

Decorridos apenas alguns instantes, foi despertada por um ruido. Era uma rapôsa que também subira ao palheiro e, dando com ela, avançava pronta para devorá-la. Ela, assustada, voou para os galhos de uma planta próxima. A rapôsa desceu e não a perdia de vista, agachada no chão, vigiava-a, com o focinho para o ar.

A galinha, depois de uma hora desesperadora, voou de novo e foi cair em cima da cerca. A rapôsa continuou lá em baixo rodando. De repente, resolveu subir também e embrenhou-se no meio dos ramos.

A pobre ave, meio paralizada de terror, tentou um último vôo desesperado; mas, não tendo mais um lugar seguro onde pousar, caiu no chão. Num abrir e fechar de olhos a rapôsa agarrou, esquartejou-a e a devorou.

Moral — Moças, a rapôsa é o demônio, as galinhas são vocês, ou melhor, são essas moças que podem

ser boas, mas que se fiam demais nas próprias fôrças. Não aceitam regras ou imposições, tal como a galinha que se recusou a ficar no galinheiro.

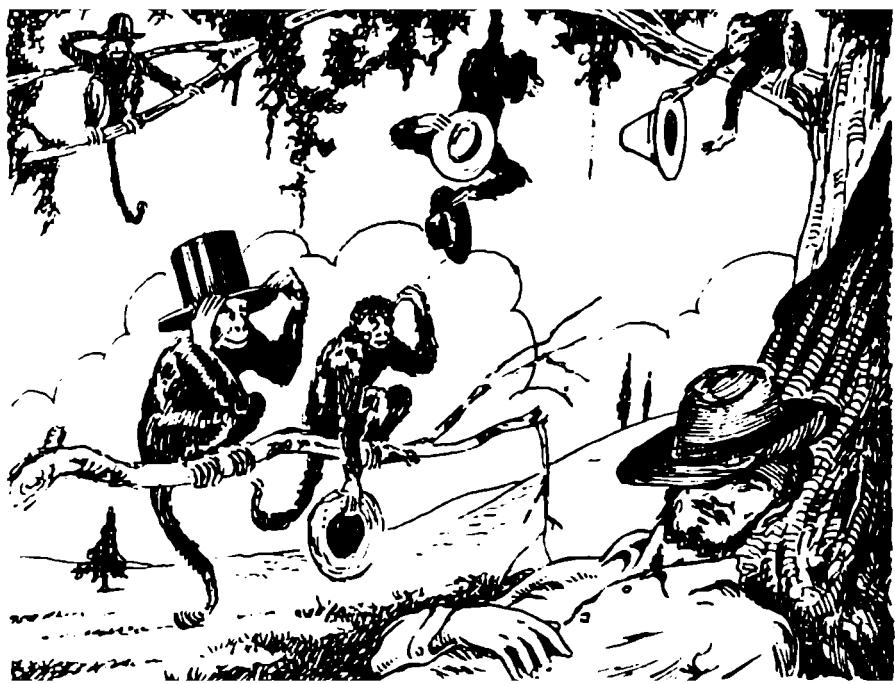
Inexperiêntes, têm a ilusão de que uma prece e um pouco de boa vontade são o suficiente; não pensam que a natureza humana tende para as coisas baixas. que a rapôsa e a ocasião perigosa são mais fortes do que elas. E assim, iludidas, acabam caindo nas garras do inimigo.

### COMO D. BOSCO PREGAVA AOS SEUS JOVENS: A LENDA DOS MACACOS

Os seus sermões eram freqüentemente entremeados não só de exemplos da Sagrada Escritura, como também de anedotas e fábulas das quais tirava sempre uma moral prática e fácil.

"Um mascate andava pelas ruas levando às costas uma caixa de mercadorias, entre as quais havia bonés para todos os gostos.

Uma vez, surpreendido pela noite quando atravessava um bosque, decidiu descansar debaixo das árvores; abriu a caixa, tirou um boné e cobriu a cabeça para se abrigar da umidade. O bosque era habitado por grande número de macacos que, tendo espiado por entre os galhos todos os movimentos do mercador, assim que o viram adormecido, desceram ligeiros e, apoderando-se da caixa, a abriram e começaram a distribuição dos bonés; cada qual tomou um e enfiou na cabeça. Depois do saque, voltaram prontamente para as árvores, a fim de repousar sossegados, com a cabeça coberta como gente.



De madrugada o mascate acordou e levantou-se com intenções de prosseguir a jornada, mas qual não foi o seu desaponto ao dar pela falta da caixa e das mercadorias.

Logo, no primeiro instante, pensou ter sido vítima de ladrões, e começou a se lastimar, bradando desesperadamente que o tinham arruinado e dava pancadas na testa.

Nisso, ouviu gritinhos de alegria e risadinhas estridentes que vinham do meio da ramagem. O que seria? Ergueu os olhos amedrontados e deu com o bando de macacos embonezados que, sem piedade, faziam troça dêle.

— Oh!... gemeu o coitado, vejam só quem me foi roubar! E praguejava, atirando pedras e galhos para atemorizá-los e forçá-los a restituir o que tinham furtado.

Mas os macacos, ágeis e espertos, fugiam dos paus e das pedras, pulando de uma árvore para outra, que era uma maravilha! Ele então, no auge do desespéro, levou as mãos à cabeça e atirou ao chão, com gesto raivoso, o seu boné.

Teve sorte! Os macacos imitaram no mesmo instante o seu ato inesperado e uma chuva de bonés caiu das árvores, para consôlo do coitado que, apanhando-os às pressas, seguiu o seu caminho, radiante de alegria e rendendo graças a Deus.

Moral — Os jovens são como os macacos. Quando vêm praticar o bem, o praticam; quando vêm praticar o mal, o praticam; daí a necessidade de formos diante dos seus olhos exemplos edificantes, e evitarmos qualquer espécie de escândalo.

## A ESPÁTULA DA POLENTA

Nos primeiros tempos do Oratório, por falta de acomodações, D. Bosco era obrigado a reunir na cozinha os vários grupos de jovens estudantes e operários. Sentados em volta de uma mesa os alfaiates recomendavam a um canto. Mais adiante agrupados ao redor de um banquinho os sapateiros martelavam; os encadernadores encadernavam seus livros, enquanto que, do outro lado, os estudantes faziam seus deveres. D. Bosco era o mestre de uns e de outros; ensinava canto e música e ajudava a mãe no preparo dos alimentos.

Certo dia, enquanto remexia a polenta, tinha reunido ao redor do fogão um grupo de cantores que aprendiam uma canção para o Natal. Em certo ponto, notando que aceleravam o compasso, se virou de repente, e erguendo a espátula, começou a marcar o tempo com ela. O seu gesto, repentino e inesperado, a espátula amarela e fumegante erguida no ar, os borrifos fervendo que caiam nas mãos e no rosto dos cantores inexperientes, provocaram as mais estrondosas gargalhadas.

É pena que naquele tempo ainda não estivessem na moda os instantâneos e os cartões ilustrados!

## QUANDO ENCONTRAMOS UM BOI

A polenta, porém, e as sôpas de feijão e de castanhas secas nem sempre aguçavam o apetite dos jovens e acontecia às vezes que um ou outro fazia caretas de desagrado.

D. Bosco, como pai amoroso, procurava encorajá-los com saídas divertidas.

Um dia dirigindo-se a um dos mais enfastiados, disse brincando:

— Vamos Zé, coma de boa vontade que, no dia em que encontrarmos um boi sem dono, havemos de matá-lo e nos regalaremos então com costeletas e assados deliciosos.

Isso bastou para que o menino, já resignado e alegre, começasse a comer satisfeito.

### O PAI, O FILHO E O BURRO

"Um bom homem, seu filho e o burro, dirigiam-se juntos para o mercado, quando um grupo que por eles passou criticou em tom de mofa:

— Vejam só! Levam o animal descarregado e vão a pé!

O pai voltou-se então para o filho e disse:

— Ouves, Tonico, como caçoam de nós? Monta no animal.

Tonico, como bom filho que era, obedeceu e pulou para a garupa.

Prosseguiram a viagem até que o primeiro grupo que encontraram zombou dêles no mesmo tom:

— Não há o que ver! O mundo de hoje está perdido! Vejam só como andam as coisas: o filho jovem e ágil vai montado e êle, pobre velho, segue a pé.

— Ouviste, Tonico?... É mesmo, isso não está certo. Desce e deixa-me tomar o teu lugar.

E assim continuaram; o velho a cavalo e o menino a pé.

Mas houve ainda quem achasse a coisa extravagante e desaprovasse:

— Que homem sem coração! Ele, rijo e sacudido, na garupa do animal e o filho, coitadinho, a pé.

— Parece que ainda não acertamos, concedeu o velho. Afinal, eles têm razão; sobe, Tonico, vem para junto de mim. Vejamos se ainda terão críticas a fazer.

Não tinham andado cem metros quando ouviram gritar:

— Que crueldade!... esses dois vão acabar matando o infeliz burro!... Ou não têm juizo ou não têm coração!

— Tonico, penso que assim também não podemos continuar. Façamos a última experiência: desçamos e carreguemos o burro às costas. Talvez seja o mais acertado.

Não sei se chegaram a fazê-lo; mas sei que isso acontece sempre aos que são escravos do respeito humano. O mundo critica o nosso procedimento, qualquer que seja a nossa maneira de agir. Sigamos portanto este provérbio:

O melhor sistema é este:

Para viver com o mundo em paz

Faze sempre o que te agrada e te apraz.

Ou então este outro:

Laetare et bene facere: — E lasciar cantar le pássere. (Fazer o bem com alegria — e deixar cantar os pássaros).

## O SALAME

Achando-se um dia num grupo de Superiores e rapazes, perguntou a um destes:

— De tudo o que viu até agora em Turim, o que é que lhe agradou mais?

O rapaz respondeu sem pestanejar:

— D. Bosco!

Essa declaração, expontânea e sincera, foi recebida com aplausos; o Santo então contou sorrindo esta anedota:

— Na última exposição de Turim, uns camponezes da minha terra vieram para conhecer e admirar as maravilhas aqui expostas. À medida que percorriam as diversas secções, todos soltavam exclamações de admiração diante do que viam. Um só passava por tudo aquilo calado e indiferente.

Cada um pensava de si para consigo mesmo: "Será possível que, no meio de tão grande número de objetos variados e todos êles tão lindos, êle não encontre um que lhe agrade?!"

Continuaram a visitar a exposição e entraram numa sala onde, entre muitos outros artigos do mesmo gênero, estava exposto um salame magnífico diante do qual o homem se extasiou:

— Oh!... isto sim é que é bonito mesmo!!!

Nesse ponto, os rapazes e os Superiores riram da anedota e compreenderam que o Santo se servira dela para se esquivar do elogio do rapaz.

## NO SALÃO DE BARBEIRO

Entrando certo dia num salão para fazer a barba, percebeu que o "barbeiro" era uma mulher.

Saiu então mais do que depressa, exclamando divertido e risonho:

— Nunca se diga que uma mulher me pegou pelo nariz (me fêz de tolo).

400 LIRAS

Um dia achava-se êle num jantar, diante de uma mesa coberta de várias e deliciosas iguarias e, quando lhe ofereceram o terceiro prato, não o aceitou. Percebendo-o, o dono da casa indagou pressuroso:

— Por que não come, D. Bosco?... Sente-se mal?

— Sinto-me ótimamente, retrucou o Santo, mas, diante de tanta fartura, não posso deixar de pensar nos meus jovens, para quem matar a fome já é difícil.

Inesperadamente, um dos convivas se levantou e propôs:

— Muito bem! Pensemos então nos seus jovens!

Assim dizendo, pegou um prato e fêz a volta da mesa. A coleta rendeu nada menos do que 400 liras!

DON GRANADEIRO

Num dos últimos anos da sua vida, o Santo foi tar uma senhora que, vendo o esforço que êle fazia para andar, procurou segurá-lo pelo braço para lhe dar apoio: mas êle se esquivou, dizendo em tom facetoso resoluto.

— O que!... um granadeiro como D. Bosco... pensa a senhora que êle precisa de arrimo? isso nunca!

E continuou sózinho, duplicando as energias.

DEUS FAZ TUDO BEM TUDO

Estava-se no verão; era domingo e a tarde estava abafada. Chico e João, dois bons velhinhos, voltavam

das funções, durante as quais o Pároco tinha falado sobre os admiráveis atributos de Deus, exaltando e glorificando sobretudo a sua onipotência e sabedoria infinitas.

Para descansar um pouco, pararam à sombra de um carvalho secular à beira da estrada campestre. Ali, ao abrigo dos raios ardentes do sol, os dois amigos puseram-se a conversar e a filosofar sobre uma coisa e outra. Erguendo os olhos por acaso, notaram umas abóboras magníficas que pendiam dos galhos da árvore. Eram de um tamanho descomunal e pertenciam a uma humilde plantinha que, nascida e crescida ao pé do carvalho, trepara viçosamente pelos galhos acima.

Tomados de admiração, João e Chico entabolararam uma palestra mais ou menos assim:

— Que maravilha de abóboras!... sou capaz de apostar que pesam mais do que um quintal.

— Um quintal não digo! mas há de faltar pouco!

— Não lhe parece impossível que uma plantinha tão fraca e delicada possa produzir frutos tão enormes?!

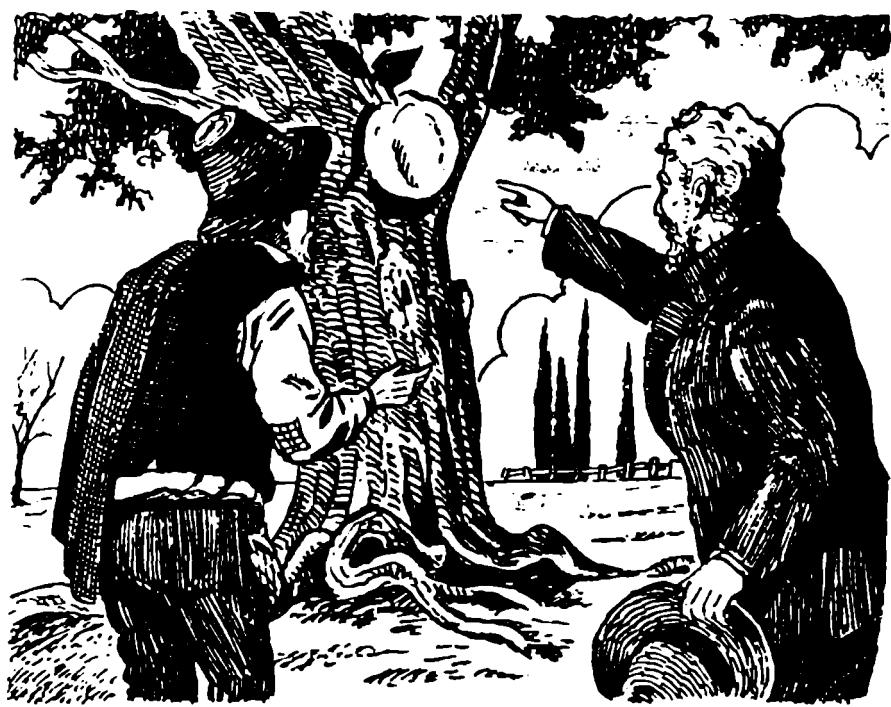
— Para Deus tudo é possível! Não ouviu o que o Padre falou há pouco no sermão?

— Concordo; mas sabe lá por que Deus — para quem nada é impossível — deu ao carvalho, grande e robusto, umas frutinhas tão miúdas e ao pé de abóbora, tão fraquinho, frutas tamanhas? Não teria andado melhor e mais sáb智amente invertendo os destinos?!

Eu também acho!... Seria mais razível e natural.

— Realmente, Deus tem tanto em que pensar...

Enquanto raciocinavam, uma bolota desprendeu-se da casca e, batendo de galho em galho... tic... tic...



tic... veio atingir em cheio a ponta do nariz do pobre João.

— Deus seja louvado! exclamou o coitado, apalpando a parte dolorida. Imagine se as frutas do carvalho fôssem grandes! Pobre de mim! Ter-me-iam achado não só o nariz como a cabeça e talvez o corpo inteiro.

Ao que Chico ajuntou, afastando-se prudentemente, de medo que lhe acontecesse o mesmo:

— Vamos, vamos. Deus sabe melhor do que nós o que faz e tudo o que Ele faz está bem feito!

Moral — Quantas bolotas no nariz merecem os muitos que parecem nascidos para criticar o bem praticado pelos outros. Respeitemos pelo menos as obras de Deus e as suas sábias disposições!

Deus faz tudo bem feito! Quem estraga a sua obra é o homem, com a pouca sabedoria dos seus critérios, com os seus juízos prontos e irrefletidos e, muitas vezes, com a sua ignorância.

Reconheçamo-Lo, a esse Deus, e adoremo-Lo. Sejamos humildes e persuadamo-nos de que Ele conhece as coisas melhor do que nós. Convençamo-nos de que Ele age sempre segundo as suas retas vistas, os seus eternos princípios e a sua sabedoria e bondade infinitas.

O que se segue aconteceu em Paris. Tal era a multidão que desejava falar-lhe, ou simplesmente vê-lo que muitas vezes a casa onde se hospedou ficava tão apinhada a ponto de dificultar as entradas e saídas.

Certa manhã, depois da Missa, tendo-se demo-

rado mais do que de costume na sacristia, não lhe foi mais possível sair. Ele pedia que o deixassem passar a fim de poder dar audiências mas ninguém lhe dava crédito.

— Brincalhão!... o senhor quer nos enganar, querer à nossa custa, diziam uns.

— Não, não! O senhor não é D. Bosco, insistiam outros. Ele está lá dentro e nós queremos ser os primeiros a ser recebidos.

Vendo a imutilidade de qualquer insistência, pensou em sair pela portinhola do jardim. E mais tarde, à medida que recebia os incrédulos, caçoava com eles, dizendo:

— Então eu sou um brincalhão, hein? Pois bem, para atenuar um pouco o desafôro, façam-me agora ofertas mais generosas.

E as notas de cem francos choviam.

### CARAMELOS AMARGOS

Já tivemos ocasião de dizer que D. Bosco mantinha relações íntimas com as personalidades de maior destaque do mundo social e político. Já vimos também que ele se servia dessa intimidade para dizer-lhes verdades que, com o tempo, produziriam efeitos salutares.

Certo dia, teve que se dirigir ao Ministro do Interior que, naquele tempo, era Urbano Ratazzi. Havia na sala muitas pessoas que, como ele, esperavam a sua vez de entrar. Pela ordem de chegada ele era um dos últimos; mas, quando o ministro soube que D. Bosco esperava, deu logo ordem para que fosse introduzido.

O Santo passou pelos curiosos que, admirados, perguntavam uns aos outros a razão de tal preferência. Nem bem entrou, foi logo dizendo ao ministro com a sua simplicidade inata:

— Quanta gente, excelência!... esse seu gabinete tem jeito de confessionário em tempo de Páscoa.

— Eh, meu caro D. Bosco, mas há uma diferença: quem vai confessar-se vai sempre abençoando o confessor, ao passo que quem vem às nossas audiências, não raro sai nos amaldiçoando, porque, na maioria dos casos, não podemos atender aos pedidos.

A palestra prolongou-se e, quando D. Bosco se levantou para se despedir, o ministro se levantou também e pediu muito sério, tomado a mão do Santo:

— Dom Bosco, "diga-me alguma coisa;..."

D. Bosco fitou-o admirado e depois, com muita liberdade, com essa liberdade que temos com os amigos mais íntimos, lhe fez esta recomendação:

— Excelência, pense na salvação da sua alma!...

O ministro apertou com mais força a mão do Santo, abaixou a cabeça e chorou como uma criança.

Mais tarde, quando contava o ocorrido e lhe perguntavam: "D. Bosco, por que é que o ministro chorou?"... ele respondeu com um sorriso:

— Chorou porque "eu lhe disse alguma coisa".... Mas os caramelos amargos são os que fazem bem.

Esse mesmo ministro fez-lhe noutra ocasião uma pergunta singular:

— Diga-me, senhor D. Bosco, eu estou excomungado?

O Santo, tomado de improviso, ficou alguns momentos pensativo, mas depois respondeu:

— Sinto muito, Excelência, mas não encontro argumentos que o desculpem.

— Muito bem, D. Bosco, até hoje nunca ninguém quis dizer. Reze por mim e faça com que os seus rapazes rezem também para que eu não seja condenado ao inferno.

— Pois sim, rezarei e êles também, mas o senhor por enquanto vá fazendo isto, isso e aquilo...

E deu-lhe uma porção de conselhos.

Pouco tempo depois, o ministro faleceu. A "Civitá Cattolica" de Roma noticiou a morte, acrescentando que Urbano Ratazzi pedira e desejava um sacerdote e que o Senhor usaria certamente de misericórdia com êle, porque êle fôra generoso para com os órfãos de D. Bosco.

Ao ler a notícia, o Santo exclamou satisfeito:

— Estão vendo como os caramelos foram um bom remédio!

## OS NÚMEROS DA LOTERIA

Certo dia, dois senhores o procuraram para lhe perguntar quais os números que seriam sorteados na loteria.

Ele, não podendo fugir às insistências, lhes disse:

— Pois bem, joguem então nos números 10-5-14.

E êles satisfeitos, já se preparavam para sair quando D. Bosco acrescentou:

— Não querem a explicação?

— Não, não é preciso!

— Mas, objetou o Santo, sem a explicação não saberão jogar!

— Pois bem, explique então, concederam os outros.

— Escutem bem e prestem atenção: O número 10 representa os dez mandamentos da lei de Deus; o número 5, os cinco preceitos da Igreja e o 14 as catorze obras de misericórdia corporais e espirituais. Jogueum nêles e farão fortuna.

Riram juntos da explicação arguta.

BO... BO... IA... IA... FAZ BOIA  
(BOIA SIGNIFICA CARRASCO)

A mãe de D. Bosco também tinha grande argúcia e facilidade para saídas espirituosas.

Tinha ela 15 anos quando, um dia, o paí a deixou tomado conta do trigo espalhado ao sol no terreiro.

Naquele tempo, uns soldados alemães bivacavam pelos arredores e deixavam os seus cavalos em liberdade nos pastos. Os animais, atraídos pelo cheiro do trigo, chegaram-se pouco a pouco para o terreiro de Margarida e começaram a comer sossegadamente.

Ela gritou para os cavalos, mas, vendo os seus esforços baldados, pediu aos soldados que os chamassem de volta. Mas os animais não obedeciam e os soldados respondiam às suas recriminações em piemontês com caçoadas em alemão:

— Bo... bo... ia... ia...!

Até que ela, despeitada, gritou-lhes:

— Bo...ia faz boia (carrasco) e os senhores são uns carrascos que deixam que seus animais devorem toda a nossa colheita.

E assim dizendo, armou-se de uma vara comprida

e pôs-se corajosamente a fustigar os cavalos até enxotá-los para longe.

## CURIOSIDADE SATISFEITA

Durante uma viagem a Paris foi visitar um senhor riquíssimo, mas nem por isso muito caridoso e amigo de esmolas.

Desejando saber o motivo da viagem do Santo, começou:

— Senhor Abade, há quem diga que veio a Paris para fazer propaganda das suas obras; outros opinam que foi para fundar aqui um Instituto; outros ainda afirmam que foi por razões de política . . .

— O senhor sabe, atalhou D. Bosco, o que é que leva os lóbos a se aproximarem das cidades? É a fome, só a fome e mais nada! Pois bem, é justamente para poder saciar a fome dos meus órfãos e provê-los com o necessário, que eu vim a Paris. Há aqui inúmeras pessoas caridasas, assim como o senhor, das quais espero uma generosa esmola.

— Já entendi, respondeu o tal que tinha compreendido mesmo. E não querendo desmentir Dom Bosco, lhe fez uma bela oferta, que não foi a única.

## QUEM HA DE RIR É O DEMÔNIO

Estando um dia em palestra com diversos dos seus filhos, eles dirigiram a conversa para a sua morte, e para o pesar e a falta que ela haveria de causar.

Ele, com toda a serenidade, observou:

— Pois olhem, se D. Bosco morresse o povo diria: “Coitado, ele também morreu!...” e mais nada. Quem haveria de exultar e rir de verdade seria o demônio, que pensaria: “Finalmente ele desapareceu, o padre que guerreava com tanto empenho contra mim e me roubava as almas”.

### UM PESO NO CORAÇÃO

Noutra ocasião, jantando em casa do banqueiro Cotta, em certo ponto entristeceu-se e, tendo-lhe o banqueiro perguntado se tinha algum aborrecimento, explicou:

— Tenho no coração um certo peso de alguns milhares de liras que lhe devo e não sei de que maneira restituir.

— Anime-se, encorajou o banqueiro, que daqui a pouco, com o café, o senhor há de melhorar.

De fato, servido o café, o Santo encontrou no pires um recibo de tudo o que devia.

### SAL AMARGO

Noutra ocasião, em casa de uma família rica, ofereceram-lhe uma chicara de café onde, por engano, tinham posto sal amargo em vez de açúcar.

Ele a bebericou com aparente prazer e depois demorando mais nos últimos goles exclamou:

— Procurava o “dulcis in fundo” (o doce no fundo) mas não o acho mesmo!

Esclarecido o engano, muitas foram as risadas e muitas as desculpas.

**SEJAMOS GENEROSOS  
PARA COM O SENHOR**

Certo dia, Jesus chamando Pedro e João, encaminhou-se com êles por uma montanha acima.

Pelo caminho ordenou-lhes:

— Peguem uma pedra cada um e levem-na com vocês.

Pedro, mais esperto, apanhou uma pedra miúda e João, sem fazer caso, pegou uma grande.

A escalada era difícil e João começou a suar.

— Eu tenho dó de você, João, mas também quem o mandou ser tão tolo? Por que é que você se muniu de uma pedra tão grande e tão pesada que o cansa e o faz suar dessa maneira? Jesus ordenou que apanhássemos uma pedra, mas não falou em pedra grande. Olhe, esta pedrinha não me faz suar e não me custa esforços para carregar!

Jesus ouvia tudo mas continuava calado; acariciava a barba, e sorria docemente. Em certo ponto estacou e os convidou a se sentarem à sombra de um zimbro. Depois, vendo que estavam cansados e com fome, benzeu as pedras e as transformou em pão. Mas o de Pedro era miúdinho e o de João, grande e bonito, e além disso, mais saboroso.

Sorriso de Jesus.

Estupefação de João.

Confusão de Pedro.

Moral — não sejamos aarentos para com Deus e Ele será generoso para conosco, dando-nos não só o pão mas também o seu complemento.

Nos últimos anos de sua vida estava êle certa ocasião em Mathi Torinese para uma estação de repouso. Não deixava um só momento de pensar nos seus filhos e exprimir o desejo de fazer ainda mais por êles. Nisso, recebeu de uma benfeitora uma doação de 2.500 liras, em sinal de agradecimento por uma graça recebida, e pedindo novas orações para outra graça.

O Santo respondeu com solicitude, prometendo as suas orações e as dos seus filhos.

Pouco depois, recebeu da mesma senhora outra oferta de 3.000 liras. Agradeceu de novo, com maior gratidão e renovou a promessa de preces.

A senhora enviou uma terceira esmola mais avultada: 10 mil liras. D. Bosco dirigiu-se então aos Superiores da casa para pedir conselhos:

— Estou mesmo em apuros! A situação é difícil: digam-me como me devo comportar diante disso. Ela não quer ceder!

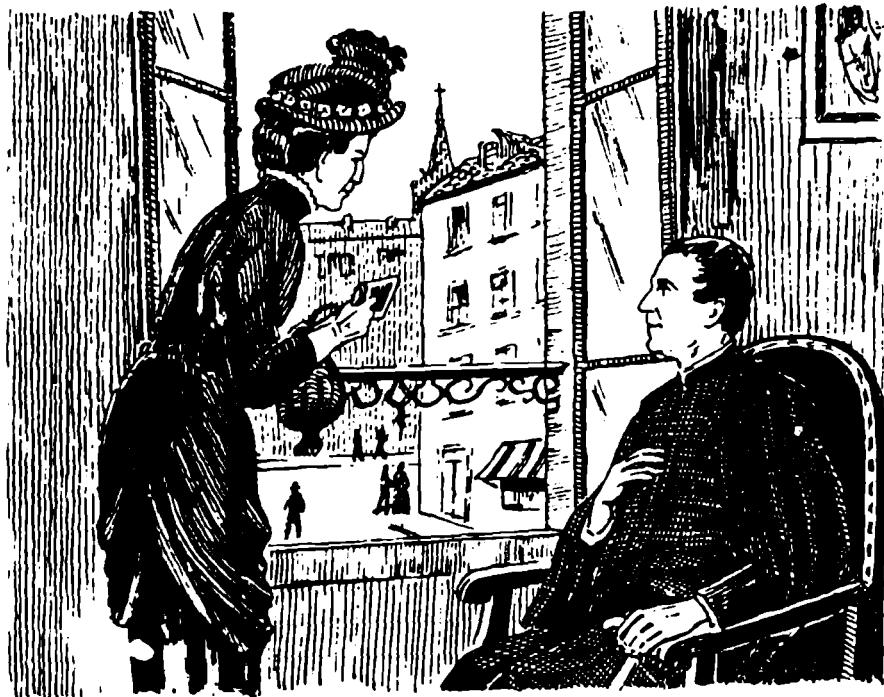
E sorria angélicamente, enquanto duas lágrimas lhe rolavam pelas faces.

#### COME AMIGO

Pregando as Missões numa povoação do interior, demorara-se até tarde no confessionário.

O Pároco e a criada, depois de muito esperar, se tinham deitado, esquecendo de deixar o jantar para o Santo.

Ele, terminado o trabalho, procurou o que comer e, vendo um recipiente em cima do fogão quase apa-



gado, pensou que o tinham deixado ali para ele. Conheci o conteúdo que lhe pareceu ser um arroz muito cozido e foi tranquilamente para a cama.

No dia seguinte, ao voltar da sacristia, deu com a criada que, pondo-se na frente dele com as mãos nos quadris, ralhou com ar brincalhão:

— Eh!... Muito bonito, senhor D. Bosco! O senhor faz cada uma! Além de atrazar o jantar, ainda come a goma que eu tinha preparado para passar a ferro!

Foi só então que o Santo comprehendeu o porque do sabor insípido e nauseabundo do mingau que ingerira. E riu gostosamente com o Pároco e com os visitantes que recebia, dizendo:

— Sem querer, em lugar da roupa, engomaram os meus nervos!

### QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME

Certa vez, D. Bosco deixou sua mãe cuidando dos rapazes e ela, depois de ter exaurido toda a reserva de paciência e de boas maneiras que possuia para induzir um dos mais preguiçosos a trabalhar, declarou enérgicamente:

— Pois bem, quem não trabalha não tem o direito de comer e por isso mesmo você fica sem jantar.

As palavras, e sobretudo o tom em que foram ditas não admitiam réplica e foram o suficiente para que o indolente se pusesse ao trabalho.

### GENEROZO COMO UM REI

Apesar de pobre, D. Bosco era generoso como um rei e queria ver o seu exemplo seguido pelos seus filhos.

Um dia, um dos seus sacerdotes levou a passeio um grupo de alunos. Perderam-se pelo caminho e, ao meio-dia, estavam numa povoação distante. O bom Pároco compadeceu-se dêles e os convidou para o almoço durante o qual os cumulou de gentilezas.

De volta ao Oratório, o padre referiu o caso a D. Bosco que lhe perguntou logo:

— E você, o que lhe deu em troca?

— Eu?... o que lhe havia de dar?

— Devia pôr num envelope uma nota de cem liras e entregar-lho fechado, pedindo-lhe que celebrasse uma Missa por você e pelos seus jovens. Que isto lhe sirva de lição; em casos como este não devemos ser mesquinhos, mas generosos como reis. Por esta vez, eu mesmo repararei a sua falta.

E assim fêz.

## DEZ LIRAS PARA SE CONFESSAR

Um dia, um individuo procurou D. Bosco e pediu para confessar-se. O Santo acolheu-o com solicitude e indagou:

— Quanto tempo faz que não se confessa?

— Faz dez anos.

— Dê-me então dez liras.

— Mas, por que?! exclamou o penitente admirado: eu sempre ouvi dizer que a confissão não custa nada.

— Nesse caso, por que esperou tanto tempo?

O tal ergueu os olhos muito atrapalhado mas, vendo o Santo a sorrir, concordou:

— Tem razão, Padre, de agora em diante não será mais assim.

Amabilíssimo para com todos e muito particularmente para com os seus colaboradores, usava com êles de argúcias e brincadeiras, dando a cada um a investidura de um dos mínimos lotes da propriedade que a sua família possuia na aldeia natal. Por conseguinte, dava a todos um título. Um era o conde Becchi; outro, o marquês Valcappone; um terceiro, o barão de Pianfichi; um quarto, o comendador de Bric Pin.

Assim os chamava muitas vezes na presença de visitantes, que os mediam com espanto da cabeça aos pés e os cumprimentavam com profundas reverências.

O Santo achava graça nisso tudo e ria depois gostosamente com os seus "nobres".

ARA NELASSE PREGO

Tôdas as vêzes que, por acaso, se encontrava com um aluno ou um conhecido o qual, por descuido ou inadvertência, não o cumprimentava, êle se servia do método atribuido a São Filipe Neri, isto é, o fazia parar e perguntava:

— Meu amigo, para que êsse prego no chapéu?

O interpelado tirava o chapéu, examinava-o, virando-o e revirando-o e acabava perguntando, pasmado:

— Que prego?

O Santo desculpava-se então, sorrindo bondosa e angélicamente:

— Desculpe, sabe... mas é que eu pensei ter visto um prego que segurava o seu chapéu, porque, ao passar por mim, não me cumprimentou.



Era quanto bastava para cativar a amizade e a simpatia de todos e para que todos, passando por ele, o cumprimentassem pressurosos a fim de que não lhes visse o prego no chapéu.

### O TÍTULO DE «CAVALHEIRO»

Quando o conde Cibrário, primeiro secretário da sua majestade o rei, lhe enviou o diploma e a nomeação de "Cavalheiro" da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro, ele se apressou em responder nestes termos:

— Ilustríssimo senhor conde, se me chamassem "cavalheiro", quem ousaria dar-me esmolas?... Além disso, eu já tenho cruzes de sobra! Prefiro que dê as honras aos meus órfãos.

— De que modo?

— Obtendo para eles algum subsídio que lhes garanta o pão.

O seu desejo foi ouvido e satisfeito. A Gazeta Oficial daqueles dias publicou o decreto que concedia uma pensão de 500 liras anuais à Obra de D. Bosco.

### EU SERIA CAPAZ DE SERVIR DE CHAPÉU AO DEMÔNIO

Perguntaram-lhe por que se dava com todos — nobres e milionários, parlamentares e reis — e ele respondeu:

— Notem bem, meus caros, eu seria capaz de servir de chapéu ao demônio, contanto que ele me deixasse passar para ir salvar uma alma!

## ESTAMOS NO CARNAVAL MESMO! . . .

Na primeira viagem que fêz à França teve que se demorar algumas semanas; aconselharam-no então que se vestisse de acordo com o costume dos padres franceses.

Ele consentiu e, pavoneando-se com o chapéu e o "rabat" à francesa, dizia brincando:

— Bem . . . hoje é o primeiro dia de carnaval e é preciso fazer alguma coisa especial.

## BERTOLDO BERTOLDINO

Catarina Daghero, Superiora das Irmãs de Maria Auxiliadora, foi um dia procurar o Santo junto com uma Irmã que sofria de escrúpulos, atormentando não só a própria consciência como o juízo dos outros. D. Bosco ouviu-a pacientemente e depois, chamando a Superiora, perguntou:

— A senhora conhece o livro de Bertoldo Bertoldino?

— Não, padre, não o conheço.

— Pois então trate de procurá-lo e, quando vir esta moça preocupada, mande-a ler algumas páginas. Distração e alegria são o único remédio de que ela precisa.

## TRAGAM-ME DOIS FOLES

Conservou esse espírito arguto até os últimos dias da vida. Como os superiores e enfermeiros que o assistiam se compadeciam dêle ao ver a dificuldade com

que respirava, êle, apesar de quase sem fôlego, achou ainda uma pilhéria para os distrair.

— Procurem um fabricante de foles para que venha consertar os meus. E se esforçava para rir a fim de temperar a tristeza daquelas horas de aflição.

Estou certo de que essa serenidade imutável e êsse sorriso perene que o acompanharam tanto nas horas felizes como nas horas amargas da vida, foram com êle para Deus, para a eternidade!!!

OU VOCES ACEITAM  
OU EU NÃO JANTO!

Em 1884, D. Bosco hospedou-se em casa do Bispo de Pinerolo. Um dia, o dignissimo prelado foi obrigado a sair e deixou o hóspede sózinho. A hora do jantar, o Santo chamou o copeiro e o jardineiro e os convidou a se sentarem à mesa com êle. Os dois desfizeram-se em desculpas, procurando esquivar-se. Mas D. Bosco declarou:

— Ou vocês aceitam ou eu não janto! Será que não havemos de ficar juntos para sempre no Paraíso?

OUI! OU EU NÃO SENTIR!

Já contamos mais de uma anedota ilustrando a força extraordinária dos músculos do nosso Santo. Esta será a última:

Quando jovem, não tinha dificuldade em esmagar entre dois dedos nozes e avelãs, caroços de pêssegos e de abricós, e partir, como se fossem galhos secos, as

barras de ferro que servem comumente de grade às sacadas. E mesmo nos últimos anos da sua vida, depois de muitas enfermidades, demonstrava que nada, ou quase nada, perdera da força da juventude.

Em 1884 estava de cama e o médico que o tratava, achando-o bastante abatido, quis medir-lhe as forças e, apresentando-lhe o braço, ordenou:

— Senhor D. Bosco, aperte o meu pulso com toda a força de que dispõe.

O Santo fitou-o com um misto de surpresa e de paixão e o preveniu:

— Olhe, doutor, que vai sentir!

— Não tenha receio de me machucar, aperte.

D. Bosco obedeceu e começou a apertar mas o or, depois de resistir algum tempo, deu um grito, e desprendendo o braço mais do que depressa, imrou:

— Chega! Chega! a experiência está feita. Que jarras de aço!

Trouxe então o dinamômetro (aparelho para medir a força), e, a pedido de D. Bosco, experimentou em primeiro lugar. Com muito esforço, conseguiu alcançar os 43 graus. O Santo pediu que o passasse então para o Sacerdote que o assistia e este, apertando com todo o vigor, alcançou os 45.

— Agora é minha vez, ajuntou o Santo, e logo na primeira tentativa chegou aos 60 graus, ou seja, o máximo.

— Que músculos! exclamou o doutor no auge da admiração; o senhor, doente, é mais forte do que nós, sadios e robustos. E riram os três gostosamente.

— Deixamos estas anedotas para o fim, não por serem as últimas na ordem cronológica, mas por serem as que o Santo contava mais freqüentemente para o seu prazer e deleite dos que o ouviam.

Quando estudante de Teologia no Seminário de Chieri, travara amizade com um rapaz bom e santo como êle, o clérigo Luis Comollo. Muitas vêzes, passavam juntos os dias de folga.

Certa vez, numa linda manhã de julho, Comollo foi a Becchi para visitar o amigo. Margarida, depois de receber e cumprimentar o colega do filho, desculpou-se por ter que sair.

— Gostaria de ficar com vocês; mas tenho que cuidar da colheita. Deixo-os senhores absolutos da casa, com a ordem de matar um frango e comê-lo em paz e alegria.

E, depois dessa recomendação, retirou-se.

Os dois puseram-se a conversar sobre os estudos e sobre diversos outros assuntos, todos úteis e belos. E, conversa vai, conversa vem, o tempo passou. Por fim, sentindo apetite, pensaram no almôço.

— Já é tempo de cumprimos a ordem de minha mãe, lembrou D. Bosco.

— Pois bem, concordou Comollo; eu me encarregarei de acender o fogo enquanto você arruma a panela.

O outro aprovou:

— Muito bem, mas, antes disso, acho que seria melhor agarrar o frango que nos vai servir de almôço.

Mas, se apanhar o frango não foi tarefa difícil, matá-lo foi um caso complicado. Como nem um nem

outro tinha coragem para tanto, resolveram tirar a sorte, que foi advera a Comollo.

Ele resignou-se: agarrou o frango pela cabeça e o fez voltar nos ares por algum tempo; depois largou-o, abandonando-o ao acaso. A pobre ave foi cair no meio do terreiro como morta; mas, passado o primeiro momento de tontura, se levantou e se pôs a cantar alegremente um delicioso qui-qui-ri-qui, batendo as asas em sinal de triunfo e desafio.

Os dois ficaram desapontados, mas nem por isso desanimaram. Riram do que lhes acontecera e decidiram apañhar um segundo frango.

Desta vez coube a Bosco a tentativa. Agarrou a vítima pelo pescoço e, depois de duas puxadelas valentes, atirou-a pelos ares de modo que ela foi cair em cima de uma árvore, ficando presa entre os galhos.

— Agora não escapas, maroto, gritam ambos.

E correram para apanhar o morto.

Encostaram uma escada ao tronco, e, enquanto um a segurava, o outro trepava e estendia a mão para agarrar a presa. Mas o frango, fazendo um esforço, livrou-se do aperto do rapaz e voou para cima do telhado.

Dali, dominando todo o terreiro, soltou um triplice qui-qui-ri-qui que os deixou ainda mais despeitados. A brincadeira estava divertida, mas o apetite aumentava. O que fazer?

Decidiram agarrar um terceiro e matá-lo logo de uma vez com a foice. Puseram-se à obra: Comollo segurou a ave firme pelo pescoço em cima de um toco e Bosco vibrou o golpe impiedoso.

A cabeça separada do corpo, pulou a um metro

de distância. E os dois valentes, à vista do sangue inocente que tinham derramado, fugiram chorando.

Mas voltaram, encorajados por Bosco.

— Que dois bobos!... foi ordem de minha mãe... vamos, coragem!

Sem mais dificuldades ergueram o frango, depenaram-no, limparam-no e cozinham-no. Almoçaram alegremente, rindo repetidamente da hesitação covarde de ambos.

#### COM UMA SENHORA GENIOSA

Uma senhora bastante caridosa mas de mau gênio convidou o Santo para jantar.

D. Bosco aceitou e prometeu ir; mas, na última hora, não lhe foi possível cumprir a promessa.

Ela, despeitada pela sua falta de palavra, escreveu-lhe uma carta indignada e terminou declarando categóricamente que nunca mais auxiliaria o Oratório.

O Santo, prudentemente, esperou alguns dias até que a tempestade amainasse, e depois foi pessoalmente visitá-la; com a maior amabilidade explicou:

— Minha senhora, eu vim para lhe devolver a carta por que muito me aborreceria se ela não fôsse destruída antes do dia do juizo.

A essas palavras, tão calmas e ponderadas, a senhora acalmou-se num instante e, feitas as pazes, as ofertas recomeçaram a chover.

